



UFSM

Dissertação de Mestrado

ECOS DA PONTE PÊNSEL
SOB AS ÁGUAS DA RAZÃO E DA EMOÇÃO

Haydée Maria da Silveira França de Vargas

Santa Maria, RS, Brasil

2005

ECOS DA PONTE PÊNSEL
SOB AS ÁGUAS DA RAZÃO E DA EMOÇÃO

por

Haydée Maria da Silveira França de Vargas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Programa de Pós Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado

**ECOS DA PONTE PÊNSEL
SOB AS ÁGUAS DA RAZÃO E DA EMOÇÃO**

elaborada por
Haydée Maria da Silveira França de Vargas

**como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Phil. Jorge Luiz da Cunha

Profª Drª Elizete Medianeira Tomazetti.

Prof. Dr. José Francisco Silva Dias

Santa Maria, 2005

©2005

Todos os direitos autorais reservados a Haydée Maria da Silveira França de Vargas.
A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito da autora.

Endereço: Venâncio Aires, 1638, ap. 5 - 97010-002.

Fone (0xx) 9934 6227

End. Eletr: haydeefranca@yahoo.com.br

[...] Quando eu estou aqui,eu vivo esse momento lindo

Olhando pra voces, e a mesma emoção sentindo...

São tantas já vividas

São momentos, que eu não esqueci...

Detalhes de uma vida

Histórias que eu contei aqui

Amigos eu deixei, saudades eu levei partindo

[...] eu sei que o amor, não é fácil de dar eu sei já sofri...

Mas não canço de amar

Se chorei ou se sorri O importante é que emoções eu vivi

Roberto Carlos-o Rei

Erasmu Carlos – o amigo do Rei

AGRADEÇO...

...à luz dos **Ecossistemas da Ponte Pênsil sob as águas da Razão e da Emoção...**

Meus pais, William e Maria, **o jeito de Existir Transcendente Harmônico Orgânico Sensível**

Meus irmãos Fernando, Flávio, FIFI os **Anjos Mágicos Orgânicos Reais do “Palácio de Cristal”**

Meu marido “João pé de feijão” o **TAO - ambivalência e complexidade da Pedagogia do Amor**

Minhas Sobrinhas(os), os **Elos Lindos Fortes Orgânicos Sensíveis das Conexões Ocultas**

Meus Tios(a) Cunhados(as), Primos(as), Sogros as **redes sociais e afetivas**

... às **amarras do homo phantasia e do homo festivus...**

As amigas **Bruxinhas, figurinos brilhantes da realidade sensível**

Os Colegas e acadêmicos do cotidiano da **Formação Humana no ritual da Dança Livre**

Meu **Orientador, homo festivus das “Mil e Uma Noites”** - duro inflexível, amigo na dança, dor e prazer

Os Elementais caminhantes - forças vivas das narrativa do **jeito de existir**

Os Anjos Cabalísticos que iluminaram a **imanência da Cosmóvisão Oriental**

Os **Doutores da Banca**, sábios rumos e novas parâgens no meu **Pensar, Sentir e Agir**

...ao **corpo próprio sujeito da percepção...**

Na coletividade científica do **Aprender a Aprender** ao **Vamos “se” Querer;**

Ao **Mano** do Coração

Aos Anjos do **Céu e da Terra** de “**Bem**” e de “**Dias**” **dimensões afetivas Elevadas**

Ao Meu **Amor ...Cigano** , a Minha **Dança... Livre**, e ao Meu “**Deus**”...que é Yin Yang

... à essa “**metamorfose ambulante**” aprendiz **de Criança , Dionísio e Orfeu**

Bodoca , Bodokinha

Chica, Chiquinha

Dáda , Dadinha

Haydée , Haydéezinha

Teka , Tekinha – **Bailarina , Professora**, Especialista de **Educação Física**, mest.. **Educação**

...”àquela **opinião formada** sobre tudo” - **Esferas Lugares Fontes Orgânicas Sociais Humana**

As Escolas Espírito Santo, Félix Contreiras, Augusto Ruschi, Olavo Bilac;

Escola de Dança “Marinei” Esther, Golfinhos, Thaís Muller e **Santa Maria** em Dança.

A 8ª CRE e ao Projeto Escola Aberta para a Cidadania pela **Comunidade Partilhada**

Ao **CHICKEN-IN**

A **UFMS, URCAM e PUC**

SUMÁRIO

AGRADEÇO	v
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
<i>No Homo Phantasia</i> - A APRESENTAÇÃO	1
I - ENSAIO	
Os Ecos dos Sentidos	9
1.1 - O Corpo Próprio dos Caminhantes	14
1.2 - O corpo Laboratório da Criança	17
1.3 - O corpo sob o Olhar de Dionísio	22
1.4 - O Corpo Encantado de Orfeu	25
Marcação no Palco do I Ensaio - A Percepção da Imagem	31
II - ENSAIO	
O Movimento das Águas	33
2.1 - O Turbilhão das Verdades	37
2.2 - O Ritual de Passagem à Realidade Sensível	47
2.3 - Mitos Caminhantes - Pequenas Entradas e Grandes Enredos	53
2.4 - Um Novo Cenário	60
Marcação no Palco do II ensaio - A Representação na Metáfora	65
III - ENSAIO	
O Balanço da Ponte Pênsil	67
3.1 - Os Quatros Elementais Caminhantes	70
3.2 - Juntos na Travessia do Tempo	76
3.3 - Descobrimos Rumos, Paragens e Figurinos	84
3.4 - As Muitas Cores do Palácio de Cristal	91
Marcação no Palco do III Ensaio - A Apropriação da Narrativa	98

IV - ENSAIO	
A Dança Livre	99
4.1 - O Enigma da Parábola	104
4.2 - Linguagem e Processo	114
4.3 - O Sentido Natural e Humano da Phisis	121
4.4 - A Corporificação de Eros na Comunidade Partilhada	127
Passagem das Luzes no IV Ensaio - A Interpretação da Arte e da Poesia	131
No <i>Homo Festivus</i> - A CELEBRAÇÃO	133
O <i>Tao</i>	139
A <i>Imanência</i>	142
A <i>Cabala</i>	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
AS FONTES ORAIS	149
ANEXO	160

RESUMO

Este estudo vai discutir e investigar na vertente fenomenológica, a percepção do corpo, como unidade expressiva do pensar, sentir e agir, face às implicações sociais e culturais da representação, apropriação e interpretação desta dimensão no processo pedagógico da formação humana nas narrativas das histórias de vida do Professor. Nesta trajetória, o cenário macro e micro da historiografia vai evocar os aspectos emocional, simbólico e estético dos gestos, hábitos, estilos e atitudes, para além de problematizar os valores e comportamentos da sociedade, além de ratificar a identidade individual, coletiva e social do professor no ritual mítico, da festividade enquanto memória e da fantasia enquanto esperança do sentido criativo ontológico, natural e humano do ente histórico. Os fatos revelados na pesquisa da memória do corpo próprio, vivido nas esferas das relações sociais e afetivas das fontes orais, vão propor um jeito de existir, ético, harmônico, orgânico e sensível, uma identidade partilhada, que redescobre na “Phisis” e na “Paidéia Grega” um modelo de formação para repensar os currículos da formação do profissional de educação. O discurso, por vezes, hermético e anárquico, envolve a imagem, a metáfora, o mito, a obra e a arte, a parábola e a auto biografia no processo dialético de resistência e transgressões aos emolduramentos da realidade sensível na corporalidade do observador pesquisador, para refletir e ousar a imanência e a transcendência de outras dimensões, percepções e valores na linguagem acadêmica, no viés da complexidade, do pensamento sistêmico e na filosofia da cosmovisão oriental.

Palavras-Chave: Corporalidade - Formação de Professores - Memória

ABSTRACT

This study is going to discuss and investigate in the phenomenological slope, the perception of the body, as an expressive unit of thinking, feeling and acting, facing to the social and cultural implication of the representation, appropriation and interpretation of this dimension in the pedagogic process of the human education, in the history of teacher's life. In this course, the macro and micro scenery of history is going to evoke the emotional, symbolic and aesthetic aspects of gesture, attitudes and habits, Beyond of the problematic values and behavior of society, ratify the individual identity, collective and social of the teacher on the mythical ritual, the festivity while memory and the fantasy while hope of the ontological creative sense natural and human of the historical being. The facts shown in the body's memory research, living in the affective and social relations sphere of the oral sources, will propose and ethical, harmonic, organic and sensible way of existence, a shared identity that discovers in the "Phi sis" and "Greek Paidéas" a solid human education to rethink about the education professional's graduations curriculums. The myth, the work and art, the parable and the autobiography, the infringement and resistance of the dialects process to the observer-researcher to reflect and to dare the immanence language in the complexity, in the systematic thinking, in the oriental cosmo vision philosophy.

Key Words: Perception of the Body - Human Education - Memory

No *Homo Phantasia*... A Apresentação

Às vezes antes que se possa ver ou conhecer o que a ciência está investigando, é importante que se prossiga através da imagem, da parábola e da metáfora – como na poesia e na arte. (NIELS BOHR, apud ALISON M. JAGGAR, p.116).

Apresentar esta pesquisa é conceber antes de tudo, caminhos, anseios, encontros e desencontros; lugares, lembranças, sons repetidos no corpo; vozes, mãos, bocas e beijos; água, calor, reflexos, luz, luar, estrelas e escadas; colo, coragem, amigos, tensão; paredes, corpos, imagens e fantasias; matizes, madeixas e música; lágrimas, pessoas, ousadia e gargalhadas; ursos; comida, tempo, energia; laços, abraços e dança; espera; amor, sexo, entrega, dedicação e cuidado; força, suspiros e amarras; paixão, perfumes e cheiros; tristeza; solidão; caminhos e falas do corpo... liberdade, expressão, escolhas e travessias; brinquedos, bolas e crianças; morte, vida e esperança; gnomos, fadas e anjos; representações, apropriações e interpretações; sentidos, subjetividade, sensibilidade e identidade.

Neste contexto, quero pensar a representação da realidade sensível, centrada a partir de uma abordagem fenomenológica da percepção na dimensão corpórea, uma possibilidade para construção de saberes, enquanto linguagem, expressão e comunicação dos sujeitos com os outros sujeitos, no mundo vivido. Uma concepção crítica onde o corpo não é entendido enquanto redução da matéria, mas enquanto fenômeno cultural e social que não é tido como objeto do sujeito, mas é visto como o próprio sujeito, um sujeito constituído de razão e emoção, de mente e de corpo, de processos cognitivos e de processos vitais. Um sistema complexo que se retro-alimenta continuamente e indivisivelmente, uma dinâmica que compreende a consciência a partir da experiência sensível, percebida no corpo próprio em situação no mundo, enquanto gestos, hábitos e estilo.

Dado este início, proponho pensar o sujeito da percepção, com possibilidade de conhecer o mundo, através da experiência sensível na própria corporalidade, em contraposição ao conhecimento cartesiano, tido como verdade única, entendido na racionalidade da mente adotado na modernidade. Uma reflexão para sensibilizar a mudança deste juízo, para ousar olhares ainda não vistos, dançar ritmos ainda não ouvidos, encontrar outros significados, onde o corpo não esteja à mercê das arbitrariedades contidas na estrutura da mente, nem tampouco seja visto como a fragilidade da existência do humano no mundo, cujos ditames aferem relações de domínio, resultado e controle `a tão necessária matéria.

Desta forma, enquanto professora da rede estadual do componente curricular Educação Física, bailarina e professora universitária desta licenciatura, penso redimensionar uma via contrária à visão redutora e fragmentada do corpo objeto, para potencializar a relevância desta área do conhecimento no contexto social e cultural da formação do profissional professor. Uma discussão da corporalidade, que perpassa o discurso da formação e da práxis educativa no que tange a relação de gênero, sexualidade e afetividade, bem como as implicações na identidade, subjetividade e sensibilidade no aspecto emocional, estético e simbólico das representações, apropriações e interpretações desta dimensão da vida dos sujeitos. Uma investigação nas esferas das relações sociais e afetivas, para problematizar no corpo os saberes, querer e prazeres da morfogênese do conhecimento, o “emudecimento” e pré-conceito no contato afetivo e corporal e o engessamento dos corpos à celebração da natureza mítica ontológica, criativa e natural do homem no ideário escolar e acadêmico. Um movimento de idéias e valores, para sinalizar na pesquisa, novos elos para uma formação humana e transformadora, na perspectiva do paradigma emergente sistêmico, baseada na metodologia da história de vida e da história oral na percepção do corpo próprio.

Nesta direção, a *fenomenologia da percepção* concebe o corpo-sujeito, dado-produzido, biológico-cultural, com capacidade de projetar-se como *espaço de expressão* do sujeito no mundo, uma analogia que faço com a metáfora da “*ponte pênsil*”, para confrontar a idéia redutora do corpo-objeto, passagem e desprovido de intenção, com a complexidade polissêmica, subtendida na linguagem, expressão e comunicação do corpo, como unidade expressiva do pensar, sentir e agir do sujeito. A representação dos “*ecos*” ou os sons refletidos do corpo são os elementos de análise da pesquisa, na forma de gestos, hábitos e estilo, estruturados em um espaço e tempo histórico, cujos significados estão imbricados na subjetividade, velada sob o olhar da razão e desvelada na realidade sensível das narrativas da

história de vida dos professores pesquisados. Uma apropriação da interpretação da corporalidade, para ressignificar o papel da fantasia e da celebração, como componentes articuladores de uma possibilidade crítica individual, coletiva e social da identidade da formação humana do professor.

Tal discussão vai tanger as dicotomias fundadas no desenrolar da macrovisão da história da humanidade, cuja concepção hegemônica da racionalidade sobre a sensibilidade na modernidade, constrói modelos ditos civilizatórios que sedimentam um tipo de linguagem nos corpos que se reinterpretem no contexto pedagógico da educação. Questões relevantes na discussão, visto que a cultura ocidental ao desenvolver o mundo sob dualismos hierárquicos como mente/corpo, razão/emoção, entre outros, além de dificultar a interação do homem consigo mesmo, integra na sua forma de existir uma tendência à alienar uma destas dimensões. Porém, o que não se quer é eleger uma como melhor ou pior, e sim tornar ambas relevantes, pois, como na música são necessários o ritmo e o compasso para obtenção da harmonia perfeita, assim o homem também prescinde da dança, de suas duas metades, Apolínea e Dionisíaca, tudo junto e ao mesmo tempo, uma que perpassa o método e a ordem e a outra que contempla a dança, a liberdade e a alegria. Enfim, entender a complexidade do homem, é perceber o discurso da realidade sensível representado nas entranhas da corporalidade.

Assim, projeto investigar uma formação humana e pedagógica que compreenda o corpo como parte do processo de construção do conhecimento, com interlocuções propositivas para repensar corpo e mente, história e memória, sentidos e significados, processos cognoscitivos e vitais, cultura e sociedade imbricados também no pensar, sentir e agir do professor. Que venha colocar no discurso crítico deste professor a percepção sensível, dos sentidos da visão, da audição, do tato, do olfato, e do paladar, no juízo e na interpretação daquilo que é tópico e imanente no mundo. Uma dinâmica cognoscitiva e sensitiva, em sujeitos com cabeças e pernas, centrada na percepção do corpo como uma unidade expressiva da sua historicidade, intencionados a construir novas verdades, que os torne mais belos, mais livres e mais felizes. Uma educação na compreensão grega da Paidéia, que retoma o sentido da estética na *aisthesis*, que significa sentir com o outro, experimentar emoções com os outros. Que reencontre a essência comum a todos os seres, no sentido ético mitológico da natureza da Physis humana, que evoca a interligação permanente entre todos os elementos. Princípios

que hoje se aproximam da visão ecológica profunda da concepção sistêmica, e da perspectiva da cosmovisão da filosofia oriental.

Nesta compreensão, que busca a integração do homem como mente e corpo, razão e emoção, objetividade e subjetividade, história e cultura, identidade e humanidade, a tessitura vai compor quatro ensaios com quatro momentos interligados entre e dentre eles, nominados como os *ecos dos sentidos*, o *movimento das águas*, o *balanço da ponte pênsil*, e a *dança livre*. Uma dinâmica de conexões, que intenciona repensar a educação através da expansão da percepção e das maneiras de pensar o corpo para integração de novos valores na formação humana do profissional professor. Uma mudança de paradigmas a partir das narrativas da memória do corpo, que investiga no professor um jeito de existir, que não só está no mundo mas que é o mundo em que vive, uma consciência crítica individual, coletiva e social para tensionar o papel do sentido ontológico, natural e criativo no seu devir, no sentido ativo e sagrado da corporalidade.

Os *Ecos dos Sentidos* vai conceituar o *corpo sujeito da percepção*, que sente, que fala, que expressa e cria através da intenção de si mesmo, o vivido no mundo. O sujeito é definido como possibilidade sensível e dialética, que apreende o fenômeno do corpo, na relação que com ele estabelece, em uma dinâmica que considera o espaço e a temporalidade como constitutivos da percepção, vivida na relação do mundo. Onde toda a percepção exterior é, imediatamente sinônimos de uma certa percepção interior do corpo, e as funções sensitivas e intelectivas coexistem, como organizações espontâneas do todo. Uma compreensão fundamentada na Fenomenologia da Percepção de Merleau Ponty, que traz no vértice da pesquisa o corpo próprio uma unidade expressiva, percebido na espacialidade do corpo próprio e a motricidade, no corpo como ser sexuado e o corpo como expressão e fala. Estes, os pressupostos para percepção dos gestos hábitos e estilo representados e interpretados nas narrativas dos professores, cuja apropriação simbólica vai estar associada a imagem da Criança, de Dionísio e de Orfeu.

O *Movimento das Águas* vai pontuar recortes da representação do corpo, na história cultural e social das mentalidades, em um exercício crítico da memória macro e micro sistêmica, para incorporar o papel da cultura na produção dos sentidos da história de vida das fontes orais. Um caminho não linear que na pesquisa vai gotejar o conceito de *Chartier*, na *história da cultura prática*, para colocar a interpretativa hermenêutica ao sentido individual

coletivo e social da realidade sensível da formação humana do professor. Que através da alegoria do mito do homo phantasia e do homo festivus, possibilita a crítica aos aspectos estético, emocional e simbólico no sentido ontológico natural e humano do ente histórico, nas narrativas da sua corporalidade. Um ensaio que também busca sensibilizar e ilustrar o papel da memória na obra e na arte de alguns mitos, figuras sociais, que representam não só a consciência de si mas interpretam uma perspectiva corporificada de esperança e mudança no exercício crítico das idéias e valores do seu tempo. Uma tessitura que amarra os fios na história da pedagogia, para além de tensionar as sedimentações e as fronteiras da corporalidade nos processos educativos e modelos pedagógicos, ratificar o papel desta dimensão na práxis do professor transformador.

O balanço da Ponte Pênsil traz o registro dos quatro *Professores*, licenciados em Pedagogia, Geografia e Biologia, Educação Física, Física e Engenharia, de espaços geográficos e instituições diferentes, nascidos nas décadas de 40 50 e 60, do gênero masculino, investigados na metodologia da história de vida. As narrativas da memória contextualizam na história oral, o corpo sujeito da percepção na *espacialidade do corpo próprio e a motricidade*, no *corpo como ser sexuado* e no *corpo como expressão e a fala*, para ressignificar o processo de estrutura e representação dos gestos, hábitos e estilos, no contexto formativo e educativo das esferas das relações sociais e afetivas. Uma intenção para investigar e interpretar nos sentidos *da representação* cultural do mito do homo *phantasia* e do homo *festivus*, a subjetividade imbricada na identidade do professor, desvelando o seu “jeito de existir”. O processo maiêutica da meta narrativa da corporalidade das fontes , busca redescobrir as verdades que carregam em si para provocar a mudança de paradigmas no seu *aprender a aprender*, através da autopoiese, do pensamento orgânico, sistêmico e complexo. O sentido antropológico social da comunidade partilhada, nos aspectos estético , emocional e simbólico da percepção do corpo próprio, sinalizam a rede da formação humana na relação pedagógica.

A *Dança Livre*, retoma nas narrativas da história oral, as falas repetidas do corpo, para reconsiderar, nas singularidades da história de vida dos professores, *os* saberes, querereres e prazeres, as fronteiras e sedimentações no corpo-sujeito da percepção, no processo de formação humano e pedagógico. Um contexto que entende a memória como problematizadora da realidade, dialética com o sentido ético, afetivo, político, individual, coletivo e social. Um dilema que perpassa as vias da corporalidade na cultura, cuja narrativa explicativa da

totalidade histórica do sentido humano da phisis, coloca criação e criatura, pesquisador e professor, dentro de uma linguagem intersubjetiva e dinâmica do *corpo próprio*, para enervar o desejo revolucionário e criativo contido na natureza do ente histórico, que caminha na perspectiva da complexidade, do pensamento sistêmico e das conexões ocultas de todos os seres. Uma visão orgânica do mundo, que predispõe um fazer criativo, sensível e transcendente à linguagem corrente e ao raciocínio lógico, que aponta para a interpretação hermenêutica da cosmovisão da filosofia oriental. Uma propositiva que corporifica a imagem, a metáfora, a parábola, a arte e a poesia no jeito “ético, transcendente, harmônico, orgânico e sensível” da biologia do amor.

Nesta perspectiva, o registro de reminiscências das memórias individuais dos professores escolhidos, contribui para a reflexão sobre as representações passadas da linguagem dos corpos no presente e as possíveis implicações no processo educativo e formativo no futuro. Além de reconsiderar a relevância dos quereres e prazeres contidos nos processos vitais, a subjetividade e a sensibilidade, dimensões esquecidas na morfogênese do conhecimento, que implicam repensar o poder e a mudança da hierarquização dos saberes, para a formação de redes.

Ainda que não seja próprio ao estudo, a história autobiográfica vai se fazer presente em alguns momentos, visto que a percepção no corpo próprio aproxima a dimensão sensível da racionalidade, corporificando, na matriz teórica, as experiências vividas na memória. Portanto, no palco da pesquisa, algumas interlocuções são notas pessoais vividas na síntese do corpo próprio, na relação histórico-social do processo formativo humano escolar e acadêmico das esferas sociais e afetivas, um processo maiêutico na memória do corpo, em paisagens, enredos e territórios, cuja análise e interpretação não farão parte da pesquisa, servindo apenas para apontar o pensamento da realidade sensível no observador/pesquisador. E para, além de alicerçar a não linearidade das conexões do pensamento, contextualizar a complexidade do observador em sua observação, ou seja, o exame de si, a autoanálise, que quando não pensados, podem ocultar fatos que vão atrapalhar a sua visão da realidade.

Certa feita no Colégio de Fátima, no ano de 1965, sendo eu a menor, em tamanho, na escola, numa festa do dia das mães, fui convidada para ser o enfeite do bolo, uma engendração alegórica, com três ou quatro mesas redondas, da pré-escola, sobreposta e coberta com toalhas de papel crepom cor-de-rosa. [emoção]. Eu também tinha um vestido cor-de-rosa, feito pelas mãos de fada de minha avó (era o que dizia minha mãe...), mas que me espinhava o corpo e me fazia desconfiar desta afirmação. Lembro que, no início, gostei de olhar lá de cima, mas também lembro da inveja

[lágrimas] que eu senti, das demais crianças, que dançavam, cantavam, enquanto eu só podia olhar a festa. Minha posição embora de destaque, jazia na passividade do corpo objeto, representado no centro do cenário no palco (HF, 2004).

O homem é ainda um louco, um sonhador, e criador de mitos que, por sua própria natureza, não só trabalha e pensa, mas dança, canta, reza, conta casos e celebra. Assim, em todas as culturas, a sociedade partilha de histórias improváveis, de fadas, gnomos ou equivalentes no seu passado, permanentes nas narrativas do presente, e imanescentes, se revisitadas no futuro. Uma reflexão para enfatizar a realidade sensível, a linguagem mítica, a imagem e a metáfora nas representações do contexto formativo e educativo e que intensifica pensar as muitas dimensões e conexões que se unificam com a percepção sensorial, as emoções, a memória, os movimentos corporais, o sincronismo do processo cognitivo, e que fazem a conexão com toda a teia da vida.

Estudar o fenômeno do corpo, está na perspectiva de que ele não só existe em si, mas que se faz existir no desejo de se ver no outro, e que assim se vendo, celebra em si, o segredo do seu existir. Uma filosofia que considera a “*Comunidade Partilhada*”, na perspectiva ontológica do devir do professor.

Diante desta reflexão que identifica a importância da intersubjetividade no processo da corporalidade, revisito o cenário da mitologia grega na *physis como essência comum aos seres*, de onde acendo as luzes para nominar as fontes orais da pesquisa, como Água, Terra, Fogo e Ar – os *Elementais Caminhantes*, cujas forças vivas sopram as narrativas dos “Ecos da ponte pênsil sobre as águas da razão e da emoção”. Um contexto que busca contribuir para a mudança do pensamento e dos valores na identidade da formação humana dos Professores.

Eu nada sei, senão o que todos sabem – que quando baila a Graça, eu devo dançar (W.H. AUDEN, apud COX, 1974, p.14).

I ENSAIO

Os Ecos dos Sentidos

Sou um guardador de rebanhos
E os meus pensamentos são todas sensações
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e com os pés
Com o nariz e com a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la.
E comer um fruto e saber-lhe o sentido...
(FERNANDO PESSOA, 1912).

Na linguagem da metáfora, “*Ecos da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção*”, vai contrapor o modelo dualista e apolíneo do conhecimento que, ao considerar a *razão* como maior valor, elevada, ordenada, moderada, objetiva, e masculina, acaba por excluir dos processos mentais, o *corpo* matéria, carne, com finalidades inferiores, feminino e dominado pelas emoções. Uma afirmação que tange pensar, história, cultura e sociedade, visto que, este contexto dualista e racionalista, cujas bases operantes do sistema tomam o homem do homem, implanta uma dinâmica do corpo-objeto, tido como mercadoria para produção de riquezas. Uma concepção mercantilizada da sociedade, cujos interesses vão se refletir, no trabalho e na educação, sedimentando uma subjetivação que minimiza a dimensão sensível do homem, percebida no corpo, o lócus da percepção dos saberes vividos no mundo, em relação aos saberes construídos nas estruturas da mente.

Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 13,14).

Para aproximar estas duas dimensões, trilho pressupostos sobre o homem inserido no discurso da história da humanidade, no existir da inter e enter relações, vividas na correlação

das experiências empíricas e das estruturas lógicas da razão. Sendo a singularidade dos juízos e valores, estabelecida pela diversidade humana aos fenômenos, que adentra o discurso da complexidade antropológica e da subjetividade, cujos sentidos e representações, nesta pesquisa, são possíveis através dos caminhos da fenomenologia, que estuda a aparição do ser para a consciência. Uma vertente filosófica, sustentada na ação pré-reflexiva da percepção do sujeito no mundo, vivido através do seu corpo, onde a intencionalidade é parte da relação dos sujeitos que, entre os outros sujeitos, sentem e são o mundo. Um contexto que na pesquisa, vai ressignificar a memória sobre o corpo, nas histórias de vida das fontes pesquisadas.

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não é habitada apenas no homem interior, ou melhor, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim, a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro, não um foco de verdade intrínseco, mas um sujeito consagrado ao mundo (MERLEAU PONTY, 1999, p. 6).

Nesta visão, temos o corpo sujeito como unidade expressiva, com possibilidade de linguagem e comunicação, tido como a obra e a arte do pensamento, intencionado nas duas dimensões do conhecimento, a sensibilidade e a racionalidade, investigado na pesquisa, na cotidianidade da relação do *corpo próprio* dos *Elementais Caminhantes*, que vai revelar um sujeito em ação dialógica, que sente o mundo e no mundo é sentido, onde o corpo sujeito da percepção coexiste na intenção do mundo percebido, uma correlação em que a forma e o conteúdo fazem simbiose na matéria. “*O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável*” (MERLEAU PONTY, 1999, p.14).

Os dualismos hierárquicos – com seu privilégio em relação à Mente (isto é masculinidade) e seus preconceitos contra o corpo e a matéria (isto é, feminilidade) – estão na base da epistemologia ocidental e do pensamento moral. [...] tornaram-se o núcleo de nossas tradições filosóficas e científicas, não podendo ser abandonados por duas razões poderosas. Primeiro, as imagens positivas e negativas que acompanham nossas palavras e conceitos de masculino e de feminino são fortes e acumulam milênios de uso. São partes integrantes das histórias sagradas que aprendemos na infância, das histórias profanas... as imagens associada tornaram-se parte de uma maneira de pensar (DONNA WILSHIRE, 1997, p. 104).

Quando o corpo é tido com possibilidade de conhecer a percepção também é definida pelas estruturas imanentes deste lócus, pois o corpo sujeito da percepção considera para si os sentidos ajuizados nos significados da sociedade. A idéia que o conhecimento racional é tido como superior, divino e o corpo como oculto e tabu, são pré-conceitos que se instalam no

sentido da percepção do corpo-próprio e estruturam esta idéia do mundo no sujeito. Este paradigma intenciona a forma dissociada de ver o mundo ou estar no mundo, ao contrário, de aceitar que tanto o mundo visível quanto o tangível, se completam na unidade da existência, envolvidos por uma significação vital, indizível, onde as qualidades sensíveis estão longe de se reduzir à experiência de um certo estado, mas estão contidas na intenção do todo, que se dá a perceber no tempo e no espaço, através do corpo sujeito da percepção, intencionado à compreensão dos sentidos do mundo vivido. [...] “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 6).

Assim o sacramento não simboliza só uma operação da graça sob espécies sensíveis, mas é ainda a presença real de Deus, que faz com que ele resida em um fragmento de espaço e a comunica àqueles que comem o pão sagrado se eles estão interiormente preparados, do mesmo modo, o sensível não apenas tem uma significação motora e vital, mas é uma certa maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do espaço, que nosso corpo retoma e assume se for capaz, e a sensação é literalmente uma comunhão (MERLEAU PONTY, 1999, p. 286).

Tais afirmações são significativas, visto que o homem, no ímpeto da sua factibilidade da existência, é intuído por concepções da cultura e sociedade, que podem dificultar, ou não, a sua interação, afastando-o da sua capacidade criadora e natural ligado à natureza mãe terra, apegando-o em contrapartida ao fetichismo masculino do logos, que o endurece nas suas construções estruturais e, por conseguinte, o enrijece nas suas relações sensíveis, vitais e sociais.

Desta forma, estes dualismos, quando integrados à forma de existir, além de minimizar os saberes percebidos no corpo, canalizam para uma subjetivação que infere na seleção e escolhas que podem priorizar uma hierarquia sobre outros saberes primordiais da cultura, como os inspirados na percepção ancestral do mito, da fantasia, do sagrado que, por sua vez, têm uma função prática na vida dos sujeitos, cujas representações permite organizar a experiência, inspirando não só a vida cotidiana de um indivíduo, mas a vida de toda uma coletividade, que pode reinventar a existência no sentido do devir, vindo a ser parte da sua forma de existir. Um homem sensível à linguagem mítica está mais para um sujeito da percepção sensível do que para um sujeito da racionalidade, mais para o pensamento complexo do que linear.

A aquisição mais importante da fenomenologia foi, sem dúvida, ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade. A racionalidade é exatamente proporcional às experiências nas quais ela se revela. Existe racionalidade, quer dizer: as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, um sentido aparece. O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. [...] O filósofo tenta pensar o mundo, o outro e a si mesmo, e conceber suas relações (MERLEAU PONTY, 1999, p. 18, 19).

A reflexão sobre a linguagem compreendida na imagem e na metáfora vai necessitar de uma consciência não literal, diferente, que não se encontra na dimensão da racionalidade, ao contrário, se faz presente na dimensão sensível do ser, ou seja, na sensibilidade dos sujeitos, cuja intencionalidade se descobre na experiência, uma intencionalidade operante, *“aquela [...] que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente que no conhecimento objetivo”* (MERLEAU PONTY, 1999 p. 16).

Observar o mundo pelo olhar da sensibilidade, é aceitar a ação conjunta do sujeito em comunicação com o mundo, ou seja, a compreensão total da intenção, não apenas as propriedades da representação percebida, os fatos históricos e as idéias, mas a maneira única de existir, que se expressa nas propriedades de todos os fatos, em todos os pensamentos, nas mais diversas formas de linguagem, que em relação ao outro ou ao mundo, dão a forma e o sentido da dimensão histórica. *“Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”* (MERLEAU PONTY, 1999, p. 18).

Então, através do corpo, é possível, resgatar um olhar diferente para compreensão do homem e do mundo, que não os afasta, mas que os completa, que não o divide e sim lhe acresce, desenvolvendo outras dimensões do conhecimento, outros valores, sentidos e significados, edificando uma visão mais acurada (não dualista), envolvida nos processos cognitivos e nos processos vitais, humanizada e fruída na sensibilidade do corpo sujeito da percepção. Uma intenção que considera também o princípio da alteridade, visto que percebe o mundo no sentido do para si.

Se for para conhecermos de maneiras novas e melhores, devemos nos familiarizar também com o que foi considerado, até agora, como conhecimento desviante em nossos corpos, em vez de nos restringirmos só a nossos intelectos. Na verdade,

gostaria de sugerir que deixemos que nossos corpos assumam a liderança da nova aprendizagem (DONNA WILSHIRE, apud ALISON M. JAGGAR, 1997, p.121).

Portanto, o primeiro ensaio traz a compreensão do mundo, a partir da percepção sensível, intencionado pelo pensar pré-reflexivo vivido no corpo como movimento e imagem. Os *ecos dos sentidos* colocam no corpo sujeito da percepção, a possibilidade de se reinventar através da inter e intra-relação que estabelece no mundo vivido, a complexidade da existência para humanizar e sensibilizar o sujeito epistêmico à realidade sensível no processo formativo educativo da sociedade.

Assim surge um conhecimento que não somente pode liberar-se da ação, mas também pôr a ação a serviço do seu sonho, do seu mito, da sua idéia. A hominização do conhecimento faz surgir a humanidade do conhecimento. O pensamento humano passa do Umwelt – o meio – ao Welt – o mundo. O movimento que cria o mundo do pensamento é o mesmo que abre o pensamento ao mundo (MORIN, 1999, p. 77).

Os Ecos dos Sentidos vai conceituar o corpo sujeito da percepção, em oposição ao corpo estruturado, das vertentes higienista, militarista e tecnicista interessadas em domesticar os sentidos, disciplinar comportamentos e obter rendimento na produção do corpo objeto, para sinalizar no contexto escolar e acadêmico, um novo pensar que possa minimizar este adestramento sobre os corpos, ainda hoje imposto nas dinâmicas educativas. Uma caminhada que atenta para a subjetivação dos currículos, conteúdos e objetivos na Educação, cujas posturas ingênuas, transmissoras e tradicionais, vão conservar modelos e permanências, que se reproduzem no âmbito social e cultural. Visto, ainda, que o corpo como a representação do ser no mundo, embora possua sua especificidade epistemológica, é antes um constitutivo ontológico de todo o humano, que reflete também o “zeitgeist ou o espírito dos tempos”. [...] *Um historiador pode influenciar sua escolha de um ancestral e também moldar sua narrativa das origens de uma disciplina* (BORING, 1929 apud, FARR, 1998, p. 177). Uma reflexão que faz repensar a construção do sentido e significado da linguagem nos corpos da história, dos modelos pedagógicos imbricados nas propositivas individuais e coletivas do Educador.

A verdadeira filosofia é re-aprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia. Nós tornamo-nos em nossas mãos o nosso destino, tornamo-nos responsáveis, pela reflexão, por nossa história, mas também graças a uma decisão em que empenhamos nossa vida, e nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica exercendo (MERLEAU PONTY, 1999, p. 19).

Neste tear de intenções, que elucida a teoria da Fenomenologia da Percepção de Merleau Ponty, as epífitas são referência de algumas narrativas da memória dos *Elementais Caminhantes*, para sensibilizar e aproximar a interpretativa hermenêutica da leitura do contexto conceitual do corpo sujeito da percepção, na síntese do corpo próprio, na espacialidade do corpo próprio e a motricidade, no corpo como ser sexuado, e no corpo como expressão e fala. Estas, as categorias da análise das falas que fundamentam a linguagem do corpo na simbólica das representações dos gestos, hábitos e estilo, no processo investigativo, no terceiro ensaio.

1.1 - O Corpo Próprio dos Caminhantes

Então eu tenho várias pessoas da família, não é, que mantém um corpo assim, “grande, forte”, da mesma forma eu, não é, fui engordando, fui me criando e isso me deixava um pouco – sacode a cabeça – vamos dizer assim [riso] diferente da turma, como um todo ou daquele tipo padrão de beleza corporal, bonitinho e tal. – Se endireita na cadeira e respira fundo. Essa é a lembrança que trago comigo, um sujeito que tinha um corpo que não era padrão, mas que nem por deixar de ser padrão me prejudicava na Educação Física. (ÁGUA, 2003).

Na tentativa de entender o corpo no processo educativo e formativo do ser no mundo, sinalizo a *complexidade* do humano, em conceitos sustentados na fenomenologia da percepção de Merleau Ponty que, por sua vez, estão calcados na simplicidade do vivido do homem, como normativos intrínsecos à relação do sujeito com os outros sujeitos, antropologicamente instituídos dentro da sua factilidade humana.

A unidade da existência corpórea, nominado como *corpo-próprio*, é a estrutura que possibilita ao sujeito perceber o mundo no seu corpo vivido, constituído de uma espacialidade própria, que se faz perceber no mundo, em uma ação pré-reflexiva àquilo que está presente, através das sensações motoras do sujeito.

Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primordialmente no espaço: ele é no espaço. A espacialidade do corpo é o desdobramento do seu corpo, a maneira pela qual se realiza como corpo.[...] as diferentes partes do corpo – seus aspectos visuais, táteis e motores – não são simplesmente coordenados. [...] tudo está à nossa disposição a partir de uma significação comum [...] Eu não estou diante do meu corpo, eu estou em meu corpo ou, antes, sou meu corpo (MERLEAU PONTY, 1999, p. 205, 207, 208).

Portanto, ao adentrar o contexto do corpo próprio, o homem já cria uma forma de pensar em si, que está relacionado a sua aparência, a sua dinâmica motora, e a sua possibilidade de ser sensível, que, por sua vez, identifica-o com o mundo através desta primeira representação da existência, que se interpreta a si mesmo. Conexões que fazem o perceber ser parte do percebido e que necessita da experiência do vivido humano.

Enquanto corpo-próprio, o sujeito é capaz de perceber em si, conceitos que o aproximam da compreensão do mundo, identificados na sua própria singularidade, diversidade e subjetividade. Questões que entre outras, polarizam conceitos e compreensões, diretamente ligadas à percepção do corpo próprio, na vida dos sujeitos que, quando desconsideradas, podem fortalecer processos redutores da visão do homem, enquanto inter e enter relação do sujeito, que interferem no seu modo de existir e na sua visão do mundo.

A percepção do corpo próprio como unidade expressiva sujeito, pode trazer várias implicações preocupantes no seu processo formativo, quando, ao minimizar a importância dos corpos no mundo, subestimar também suas manifestações e capacidades motoras, que na correlação da experiência do vivido vão formar a subjetividade na identidade do sujeito biológico e cultural, ativo e passivo, cognoscente e sensível. Dualidades que são partícipes da historicidade humana, que colocam a imanência do homem na representação do corpo próprio, enquanto expressão e comunicação daquilo que se permitiu perceber no mundo.

Tais implicações que tangem reflexões filosóficas do ser e do mundo, se contextualizadas na vida dos sujeitos, invocam desde as imagens do universo da estética à ética dos corpos, dos comportamentos e da moral vigente. Questões que não cabem neste ensaio, mas que fazem parte da imagem e da representação, que pode se revelar ou não sensível à percepção do corpo próprio, visto que este é percebido a partir de uma disposição intencional que não é feita no em si, mas no para si, ou seja, na relação que com outro, sujeito ou coisa, consegue estabelecer nas esferas sociais e afetivas.

O corpo próprio se interpreta a si mesmo, reúne as sensações e as liga às percepções, originando um certo tipo de gesto, que implica em um certo estilo de movimento e contribui para uma certa configuração de corpo. Todo hábito é, ao mesmo tempo, motor e perceptivo, pois reside entre a percepção explícita e o movimento efetivo. É, a partir do hábito, que surgem as significações.

A percepção seria sempre a leitura dos mesmos dados sensíveis, ela apenas se faria mais rapidamente, a partir de signos cada vez mais claros. [...] Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é um objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio (MERLEAU PONTY, 1999, p.210, 212).

Neste contexto, as narrativas da história de vida das fontes orais, ditos os *Elementais Caminhantes*, vão sensibilizar a percepção do corpo próprio nos gestos, hábitos e estilo, no discurso do movimento, nos comportamentos e atitudes dos corpos, para promover a visão dinâmica de um sujeito sensível e perceptível, uma relação que tensiona a crítica nas esferas sociais e afetivas da formação humana à uma propositiva transformadora das práticas e dos espaços pedagógicos.

A existência corporal que crepita em mim sem minha cumplicidade, é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo. Enquanto possui órgãos do sentido, a existência corporal nunca repousa em si mesma, ela é sempre trabalhada por um nada ativo, continuamente ela me faz a proposta de viver, e o tempo natural a cada instante que advém, desenha a forma vazia do verdadeiro acontecimento. As funções sensoriais por si só não me fazem ser no mundo (MERLEAU PONTY, 1999, p. 228).

È importante salientar que a percepção do corpo próprio tem seu enfoque na sensibilidade, cujas categorias, a priori, para Kant, são o espaço e o tempo que, no caso da percepção fenomenológica, são constitutivos da experiência, pois não estão fora do em si, mas contidos no para si. Assim que intencionar a percepção do corpo próprio no tempo e no espaço é estar sensível à percepção do espaço e do tempo no corpo próprio, uma possibilidade pré-reflexiva do corpo sujeito da percepção no mundo. Eu sou porque estou no mundo e porque o mundo existe em mim.

Esta nova concepção da reflexão, que é a concepção fenomenológica, significa, em outros termos, dar uma nova definição do a priori. Kant já mostrou que o a priori não é cognoscível antes da experiência, quer dizer, fora de nosso horizonte de factibilidade, e que não se pode tratar de distinguir dois elementos reais do conhecimento, dos quais um seria a priori e o outro a posteriori. [...] A partir do momento em que a experiência – quer dizer, a abertura ao nosso mundo de fato – é reconhecida como começo do conhecimento, não há mais nenhum meio de distinguir um plano das verdades a priori e um plano das verdades de fato, aquilo que o mundo deve ser e aquilo que efetivamente ele é (MERLEAU PONTY, 1999, p. 298).

Na experiência do vivido nenhuma sensação é pontual, toda a sensorialidade dispõe de um certo campo, logo, coexistências. A sensação coexiste com a experiência e integra o sujeito em uma estrutura de consciência do percebido. Portanto, a unidade dos sentidos e a

diversidade dos sentidos são verdades do mesmo estatuto. O *a priori* é o fato compreendido, explicitado e seguido em todas as conseqüências da sua lógica tácita e , o *a posteriori* um fato isolado e implícito.

[...] uma vez apagadas as distinções entre o *a priori* e o empírico, entre forma e conteúdo, os espaços sensoriais tornam-se momentos concretos de uma configuração global que é o de espaço único, e o poder de ir a ele não se separa do poder de retirar-se dele na separação de um sentido (MERLEAU PONTY, 1999, p. 299).

Desta forma, o corpo sujeito, na possibilidade da experiência no mundo, vai tecendo nós de significações, onde os movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora, para buscar uma significação mais rica, indicada no campo perceptivo ou prático, cujo advento reorganiza subitamente nosso equilíbrio e preenche nossa expectativa cega.

Desta forma, a síntese do corpo próprio, vai compreender em si, todo o desenrolar de “*Ecos da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção*”, para contextualizar na percepção do corpo sujeito, as narrativas da memória nos aspectos da história social e cultural, estruturado no processo da subjetividade e identidade na formação humana do Professor. Um todo sistêmico, orgânico, que se apropria das conexões e redes, para identificar nas singularidades da interpretação hermenêutica, o “jeito de existir” dos *Elementais Caminhantes*.

1.2 - O Corpo Laboratório da Criança

O que para os outros era uma dificuldade em relação ao próprio corpo, para mim por vezes facilitava e por vezes não diferenciava, não é... Uma corrida de 100 m, *todo mundo magrinho, pernudo, eu era baixo, gordo e ganhava. Então [riso] isso me deixava a sensação de – olhou para os lados, tocou no corpo – um diferencial que fazia a meu favor* (ÁGUA, 2002).

Como segunda categoria deste ensaio, falo sobre a espacialidade do corpo próprio e a motricidade, conceituado na idéia de fronteira e/ou contorno do corpo, onde se localizam as suas partes constitutivas, compreendidas no esquema corporal, que coloca a posição do corpo no mundo, percebida através da unidade sensorio motora e da unidade espacial e temporal, instâncias que dão uma tomada de consciência global da postura no mundo intersensorial, um todo que é dinâmico, onde a espacialidade não está no sentido de posição mas no sentido de situação.

A espacialidade do corpo próprio é a ancoragem, a posição de partida que se relaciona com o percebido e com o todo do esquema corporal, a maneira que exprime que o corpo está no mundo, a partir de uma estrutura de figura e fundo, ponto e horizonte, onde um não existe sem o outro. Na relação do sujeito no mundo, o esquema corporal compõe no corpo próprio o espaço exterior e o espaço corporal, e de longe pode ser apenas um fragmento do espaço, pois é quem permite a percepção da sua existência.

Se o espaço corporal e o espaço exterior formam um sistema prático, o primeiro sendo o fundo sobre o qual pode destacar-se ou o vazio diante do qual o objeto pode aparecer como meta de nossa ação, é evidentemente na ação que a espacialidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-la melhor. Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor quando ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas (MERLEAU PONTY, 1999, p. 149).

Este conceito se relativizado na ótica do estruturalismo, que se caracteriza como um método calcado na construção de modelos, traz o entendimento que, quando submetido o corpo a serviço do poder e sistemas globais, que controlam, domesticam e automatizam gestualidades, pode incorrer a redução de significações no esquema corporal, pois a repetição contínua do gesto, enquanto figura fundo faz com que a percepção das representações passe a possuir um caráter fechado e posicional e, sendo a consciência de lugar situacional, esta só vai estabelecer outras relações, se submetido for o corpo à novas experiências de movimentos. Um contexto que vem a justificar o automatismo, a rigidez e a insensibilidade dos corpos nos tempos modernos.

Também na escola, onde o privilégio da razão adquire o poder sobre o espaço intelectual, sendo negligenciado o espaço educativo para o movimento do corpo, a percepção da espacialidade do corpo próprio sofre restrições, cujas implicações estamos mapeando neste ensaio, onde o sujeito, enquanto unidade espaço temporal e motriz, constrói os sentidos e os significados do seu mundo, àquilo que lhe é permitido perceber na relação que com o outro intenciona e é intencionado. Uma percepção que se dá no nível da experiência, que a pesquisa coloca no vivido das esferas sociais e afetivas das fontes.

[...] não há uma percepção seguida de um movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo. [...] o movimento abstrato cava no interior do mundo pleno no qual se desenrola o movimento concreto, uma zona

de reflexão e de subjetividade, ele sobrepõe ao espaço físico um espaço virtual e ou humano (MERLEAU PONTY, 1999, p. 160).

A percepção do corpo e dos objetos em contato com o corpo é confusa na imobilidade. Cada acontecimento motor ou tátil faz alçar à consciência uma abundância de intenções, que vão do corpo enquanto centro de ação virtual seja em direção ao próprio corpo, seja em direção ao objeto, e que resultam no movimento abstrato ou concreto, que pode advir de uma ordem de significação intelectual ou motora.

Ou seja, o movimento enquanto parte do corpo próprio sujeito da percepção, é suscetível a uma intencionalidade motora, um fundo. O fundo do movimento concreto é o mundo dado, o fundo do movimento abstrato é construído.

O movimento concreto é centrípeto, ocorre no ser ou no atual, adere a um fundo dado, enquanto o movimento abstrato é centrífugo, ocorre no possível ou no não-ser, e desdobra, ele mesmo seu fundo. A função do movimento abstrato é de projeção, pela qual o sujeito do movimento prepara diante de si um espaço livre, onde aquilo que não existe adquire um semblante de existência.

Esta função de projeção é também o que torna possível o movimento abstrato, pois para possuir meu corpo fora de qualquer tarefa urgente, para brincar com ele ao meu bel-prazer, para traçar no ar um movimento que só é definido por uma ordem verbal ou por necessidades morais, é preciso que eu inverta a relação natural entre o corpo e a circunvizinhança e que apareça uma produtividade humana através da espessura do ser (MERLEAU PONTY, 1999, p. 162).

A imagem não se sobrepõe ao vivido no corpo, mas é o corpo vivido no espaço e no tempo, que aciona na sua subjetividade a sua intenção de agir, numa circunvizinhança construída como um meio de comportamentos, um sistema de significações que exprime no exterior a atividade interna do sujeito.

Para a análise da percepção do corpo, o sistema de significações, cujas correspondências, relações e participações não precisam ser explicitadas para ser utilizadas, são mundos adquiridos que fundam o sentido primeiro do pensamento, ou seja, uma sedimentação das operações mentais dos juízos e conceitos que não são uma massa inerte, um pensamento adquirido absoluto no fundo da consciência, mas a cada momento se alimentam do pensamento presente, que oferece um sentido que é restituído, que torna o adquirido

disponível e que exprime no presente a energia da consciência, que ora enfraquece o mundo de pensamentos, empobrece e reduz á idéias obsedantes, ora faz germinar questões, reagrupa e reorganiza o panorama mental que se apresenta com uma fisionomia precisa.

Portanto, a essência da consciência é dar-se um mundo ou mundos, quer dizer fazer existir diante dela mesma seus pensamentos enquanto coisas, e ela prova indivisivelmente seu vigor desenhando essas paisagens e abandonando-as. A estrutura mundo com seu duplo movimento de sedimentação e de espontaneidade, está no centro da consciência e é como um nivelamento do mundo... intelectual, perceptivo e motor...Que podemos compreender ao mesmo tempo os distubios intelectuais...perceptivos e ...motores sem reduzir uns aos outros (MERLEAU PONTY, 1999, p.183).

Este contexto reforça a atenção aos processos educativos dos corpos, cujas práticas de movimento, nas escolas, por vezes, reproduzem significações independente do contexto histórico e social em que estão inseridas, propondo uma perspectiva que não permite sua retomada e consciência, empobrecendo o corpo sujeito da percepção, visto que há um condicionamento existencial na junção da sensibilidade e da significação, pois o concreto se torna legível às percepções sensíveis, quando há vida nas significações e, só aí, a intenção do sujeito reflete-se no campo perceptivo, possibilitando uma comunicação através de sua onda significativa envolvida na sua subjetividade.

Questões estas, que não ocorrem em práticas repetidas e automatizadas, ou seja, é preciso viver o movimento do corpo, de forma a recriar significados intencionados e perceptíveis às sensações no processo de construção dos sentidos envolvidos e conscientizados na subjetividade. Uma relação do corpo sujeito disposto em um mundo que lhe fala de si, onde pode instalar seus próprios pensamentos, como na metáfora da criança, que descobre o mundo na experiência sensível do corpo próprio.

[...] a vida da consciência – vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva – é sustentada por um arco intencional que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral ou, antes, que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos. É este arco intencional que faz a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade (MERLEAU PONTY, 1999, p. 190).

O corpo como protagonista do sujeito é, portanto, o sujeito dos gestos, dos hábitos, do pensamento, do movimento, do espaço corporal, da consciência do ser, da percepção dos sentidos e das significações, que está além do juízo inerente à factibilidade da existência

humana. É o sujeito da intra e inter-relação, cujo o ato intencional está aqui-agora preso ao vivido, ligado à rede de relações as quais se expõe modelos, valores, tradições, enfim, toda a complexidade da existência, incluindo a dimensão de espaço e tempo, uma representação que quando passiva conserva-se nos gestos, hábitos e atitudes subjetivadas na identidade dos sujeitos.

[...] a consciência projeta-se em um mundo físico e tem um corpo, assim como ela projeta-se em um mundo cultural e tem hábitos: porque ela só pode ser consciência jogando significações dadas no passado absoluto da natureza ou em seu passado pessoal, e porque toda forma vivida tende para uma certa generalidade, seja de nossos hábitos seja de nossas funções corporais [...] Cada movimento determinado ocorre em um meio, sobre um fundo, que é determinado pelo próprio movimento. A consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Um movimento é aprendido quando o corpo compreendeu, quer dizer quando se incorporou ao seu mundo, e mover o seu corpo é visar as coisas através dele, é deixá-lo corresponder à sua solicitação, que se exerce sobre ele sem nenhuma representação (MERLEAU PONTY, 1999, p. 192, 193).

A experiência do sujeito no mundo se dá através do esquema corporal. É ele que dá o sentido motor às ordens verbais, e a motricidade é a esfera primária, a qual em primeiro lugar se engendra o sentido de todas as significações no domínio do espaço representado. O hábito é apreensão motora de uma significação, é o poder que tem o sujeito de dilatar o ser no mundo, ou de mudar de existência anexando novos instrumentos. O hábito não é nem um conhecimento nem um automatismo, ele não reside nem no pensamento nem no corpo objetivo, mas no corpo como mediador de um mundo. No hábito é o corpo que compreende.

Então compreender no corpo é experimentar o acordo entre aquilo que é visado e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação que enquanto movimento é um ponto de passagem que me leva ao meio geral de ter o mundo. Ora se limita aos gestos necessários à conservação da vida, pondo em torno de si um mundo biológico, ora brinca com seus primeiros gestos e passa do sentido próprio a um sentido figurado, através de um novo núcleo de significações, que impõe o mundo cultural e funda o hábito motor.

A experiência do corpo nos faz reconhecer uma imposição do sentido que não é a de uma consciência constituinte universal, um sentido que é aderente a certos conteúdos. Meu corpo é esse núcleo significativo que se comporta como uma função geral e que toda via existe e é acessível à doença. Nele aprendemos a conhecer esse nó entre a essência e a existência que em geral reencontraremos na percepção e que precisaremos descrever mais completamente (MERLEAU PONTY, 1999, p. 204).

Conscientizar a dinâmica dos processos educativos do corpo é uma reflexão que incorpora também os princípios da autopoiese, que enquanto sistema, se auto-organiza numa correlação do sujeito com os outros sujeitos, cujas dinâmicas pré-dispositivas intencionam o conhecimento do mundo na percepção do corpo próprio, onde ser consciência ou ser experiência é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros. Trazer a “Criança” que percebe e é percebida, na dinâmica ativa da espacialidade do corpo próprio e na motricidade, faz tensionar o processo formativo e educativo que ao alienar o sujeito da sua corporalidade, produz também a frieza ao protagonismo do discurso afetivo e humano das esferas das relações sociais.

1.3 - O Corpo sob o Olhar de Dionísio

Então socialmente falando, isso me levava, isso me facilitava por um lado todo gordinho é mais simpático, mais querido – balança a cabeça no sentido de aprovação - isso me levava a ser mais o queridinho de algumas e de alguns da família e tal [silêncio]. E a questão social, no relacionamento principalmente com as namoradas [riso] meu irmão conseguia muito mais do que eu, porque ele tinha padrãozinho, e para mim sempre sobrava alguma não é? A que sobrava [riso] eu pegava [risos] (ÁGUA, 2003).

Na terceira categoria, *o corpo como ser sexuado* trata dos estados afetivos elementares, onde a explicação vai ser desvelada no sentido do Eros, ou seja, do desejo, que se compreende ligando um corpo a outro corpo. Nesta reflexão o autor faz relação à libido, ao sexual. E a pesquisa faz conexão com o prazer, e o Espírito livre de Dionísio.

No próprio Freud, o sexual não é o genital, a vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar, a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados, ela é o poder geral que o sujeito psico-físico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta. É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem, projeta-se sua maneira de ser a respeito de tempo e a respeito dos outros homens (MERLEAU PONTY, 1999, p. 218).

Nesta reflexão, aparece um modo de percepção distinta da percepção objetiva, um gênero de significação distinta da significação intelectual, uma intencionalidade que não é a pura consciência de algo, em que a percepção erótica visa um outro corpo, que se faz no mundo e não na consciência.

O que trata esta discussão é a expressão e significação percebida no sentido do outro percebido em si, que coloca a vida corporal e o psiquismo em uma relação de expressão recíproca, em que o corpo é aquilo que significa. Desta forma, a sexualidade é um signo especial, que revela as relações com o outro, referentes ao passado e ao futuro, ao eu e ao outro. É um signo que não indica apenas a significação, mas é habitado por ela, assim como o retrato é a quase presença do ausente. No sentido de que o ausente já está presente em nós como uma certa categoria, um certo tipo de recordação, cujas mensagens sensoriais ou as recordações só são apreendidas e por nós conhecidas sob uma condição de adesão geral à zona de nosso corpo e de nossa vida, da qual elas dependem.

Mas, justamente porque pode fechar-se ao mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação. O movimento da existência em direção ao outro, em direção ao futuro, em direção ao mundo pode recomeçar, assim como um rio que degela (MERLEAU PONTY, 1999, p. 228).

O corpo, nesse sentido, se apropria do sentido da metamorfose, que se transforma em sensações que recorda do passado, ou que são vividas no seu presente. Ao mesmo tempo em que pode se colocar em situação ativa, pelos estados afetivos elementares pode esquivar-se do mundo e permanecer no sono profundo da não-existência. Questões que colocam o sujeito na relação de autonomia ou dependência.

Neste sentido entender o corpo como possibilidade de se absorver na experiência da solidão das sensações, é perceber o perigo de uma existência que pela falta de intenção e sentidos, se basta em si. Desapercebida daquilo que no seu corpo seria o significado da sua essência, que aparece no contato que tem com o outro, mas cujo sentido não está no corpo do outro, mas está na expressão que o outro tem e que traz o sentido para além do em si, intersubjetivado do outro.

Enquanto possui os órgãos do sentido, a existência corporal nunca repousa em si, ela é sempre trabalhada por um nada ativo, que continuamente faz a proposta de viver. Desta forma, o processo educativo e formativo, quando fragmentado pela racionalidade pura, minimiza a condição dinâmica, natural e ativa do sujeito, que o faz vivo no sentido da sua própria experiência sensível, podendo instalar uma atitude passiva na relação do corpo sexual, enquanto presença da sua totalidade no mundo.

A existência corporal que crepita através de mim sem minha cumplicidade é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo. [...] a relação de expressão ao expresso ou do signo à significação não é uma relação de mão única [...] (MERLEAU PONTY, 1999, p. 229).

A sexualidade é a forma mais singular de percebermos a complexidade da nossa existência, pois, assim como está em nós, habita o todo que nela é habitado, o que significa pensar a subjetividade que se instala nesta dimensão, e as permanências advindas deste contexto, que é construído na intra e inter-relação afetiva dos sujeitos em todos os espaços da cultura, inclusive na escola, nos processos educativos cuja relação dialógica vai se estabelecer também sob o olhar do educador educando.

O corpo é para nós o espelho do nosso ser, basta a intenção de querer habitá-lo e ele já nos é percebido no primeiro sentido da nossa existência, que é transcendente como o é o desejo, o amor e outros entendimentos da metafísica. A existência é indeterminada e a sexualidade, tanto quanto o corpo, nunca deve ser considerada um conteúdo fortuito de nossa experiência. A transcendência é o movimento pelo qual a existência, por sua conta, retoma e transforma uma situação de fato.

A importância atribuída ao corpo nas contradições do amor liga-se, portanto, a um drama mais geral que se refere à estrutura metafísica do corpo, ao mesmo tempo objeto para o outro e sujeito para mim, uma dialética de tensão de uma existência em direção à outra que a nega, mas sem a qual ela não se sustenta.

A sexualidade, diz-se, é dramática porque engajamos nela toda a nossa vida pessoal [...]. Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser, senão porque ele é um eu natural, uma corrente da existência dada, de forma que nunca sabemos se as forças que nos dirigem são as suas ou as nossas ou, antes, elas nunca são inteiramente nem suas nem nossas. Não existe ultrapassamento da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesma. Ninguém está a salvo e ninguém está inteiramente perdido. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 236).

Compreender o discurso da sexualidade no corpo é estar atento à complexidade que se instala nas dinâmicas educacionais, visto que, ao falar da minha existência, estou já incorporado no contexto do meu corpo que, por sua vez é o mundo e tudo que ele para mim significa. Que está contido no ato intencional que dirige as minhas percepções frente ao percebido, que enquanto corpo e subjetividade na relação humana propõe modelos e valores

que vão se perceber no outro e que, por sua vez, trazem implicações aos conceitos de alteridade, subjetividade e identidade na singularidade dos procedimentos e escolhas. Conscientizar a dimensão da sexualidade no mundo vivido, enquanto possibilidade afetiva na corporificação das palavras, é aceitar o outro como um legítimo outro, na visão da biologia do amor. Ou seja, um aceite que perpassa as vias da corporalidade, que está implícita naquilo que o corpo está a expressar. Para Maturana, [*..*] *a linguagem real não é o que se fala, mas como se age* (1998).

Mesmo se me absorvo na experiência de meu corpo e na solidão das sensações, não chego a suprimir toda a referência de minha vida a um mundo, a cada instante alguma intenção brota novamente de mim, mesmo que seja em direção aos objetos que me circundam e caem sob os meus olhos, ou em direção aos instantes que sobrevêm e impelem para o passado aquilo que acabo de viver (MERLEAU PONTY, 1999, p. 228).

O corpo como ser sexuado ao contextualizar a percepção do desejo e do prazer dos *Elementais Caminhantes*, nas narrativas da corporalidade na sua história de vida, vai problematizar as relações sociais e afetivas do seu processo educativo e formativo para projetar na sua relação de educador. Uma reflexão que vai pensar a frieza, o endurecimento dos corpos objetos nas inter relações dos sujeitos, as permanências e implicações, enquanto identidade e inter subjetividade do processo sociocultural da formação humana. Uma reflexão que busca recuperar o sentido livre e Dionisíaco do corpo do professor, para evocar o sentido individual, coletivo, social e humano do devir na prática pedagógica.

[...] todas as funções no homem, da sexualidade à motricidade e à inteligência, são rigorosamente solidárias, é impossível distinguir, no ser total do homem, uma organização corporal que trataríamos como um fato contingente, e outros predicados que lhe pertenceriam como necessidade [...] o homem é uma idéia histórica e não uma espécie natural [...] Tudo aquilo que somos, nós o somos à base de uma situação de fato, que fazemos nossa, e que transformamos sem cessar por uma espécie de regulagem que nunca é uma liberdade incondicionada (MERLEAU PONTY, 1999, p. 236.)

1.4 - O Corpo Encantado de Orfeu

Aí tem uma questão familiar, eu tenho um irmão, nós somos só dois [silêncio] e meu irmão era super magro, então era o gordo [riso] e o magro, era assim, o gordo da família e o magro da família [abre os braços em oposição]... Só que o gordo da família era bem dinâmico, mais ágil, mais rápido [franze a testa em seriedade], já por uma questão de vida mesmo (Água, 2003).

Nesta possibilidade, o corpo fenomênico auxilia a definir a complexidade de sua existência na quarta categoria deste ensaio, nominada *o corpo como expressão e a fala*, percebida na singularidade do sujeito que ao dizer a sua linguagem no mundo, diz o mundo na linguagem. Uma música própria encantada no *Jeito de Existir, que comunica, intenciona e expressa sentidos à Comunidade Partilhada* .

Assim como a fala significa não apenas pelas palavras, mas ainda pelo sotaque, pelo tom, pelos gestos e pela fisionomia, e assim como esse suplemento de sentido revela não mais os pensamentos daquele que fala, mas a fonte de seus pensamentos e sua maneira de ser fundamental, da mesma maneira a poesia, se por acidente é narrativa e significante, essencialmente é uma modulação da existência (MERLEAU PONTY, 1999, p. 209).

Considerações que, dentro da propositiva pré-reflexiva da percepção, concebe o corpo como uma possibilidade de expressão e linguagem, apreendida nas experiências da vida dos sujeitos, uma fonte que é compreendida pelo significado intencionado nas palavras. Neste desdobramento descobre-se, atrás da palavra, uma atitude, uma função da fala que condiciona distinguir a palavra enquanto instrumento de ação e enquanto meio de denominação desinteressada.

Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato expresso de significação, poderemos ultrapassar a dicotomia clássica entre o sujeito e o objeto. [...] A posse da linguagem é compreendida, em primeiro lugar, como a simples existência efetiva de imagens verbais, quer dizer, de traços deixadas em nós pelas palavras pronunciadas ou ouvidas. Quer esses traços sejam corporais, quer eles se depositem em um psiquismo inconsciente, isto não importa muito e, nos dois casos, a concepção da linguagem coincide em que não há sujeito falante (MERLEAU PONTY, 1999, p. 237).

O processo da fala acontece na relação dialética dos sujeitos; falar implica poder ouvir também a linguagem no corpo próprio, enquanto mensagem codificada. Aquele que não permite ouvir a linguagem do corpo próprio, por conseguinte, terá dificuldade de comunicar ao corpo do outro aquilo que sua linguagem expressa, visto que os significados, quando não estão claros, não possibilitam formar a rede de sentidos necessária, para interpretação simbólica da linguagem no outro. *Para Merleau Ponty, [..]a palavra é desprovida de sentido, já que atrás dela existe uma operação categorial, mas ela não tem esse sentido, não o possui; é o pensamento que tem um sentido, e a palavra continua a ser um invólucro vazio (1999, p. 240 ,241) . O pensamento só existe enquanto sentido e consciência, quando comunicado no*

mundo da existência, de onde se apropria da expressão do sujeito para denominação do objeto.[..] “A *denominação dos objetos não vem depois do reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento*”.

Ainda diz este autor, para exemplificar os erros do pensamento pré-científico, que entende que nomear os objetos é fazê-los existir. [...] *para a criança o objeto só é conhecido quando nomeado, o nome é a essência do objeto e reside nele do mesmo modo que sua cor e sua forma.* Para M. Ponty, [...] *Deus cria os seres nomeando-os, e é falando dos seres que a magia age sobre eles.* (1999, p 242) tais questões não se justificam só pelas palavras, mas pela aceitação dos significados pela comunidade, que em ouvir habita-lhes o sentido e veicula sua significações.

Assim, a palavra não traduz, naquele que fala, um pensamento já feito, mas o consoma. Com mais razão ainda, é preciso admitir que aquele que escuta recebe o pensamento da própria fala. À primeira vista, acreditar-se-ia que a fala ouvida nada pode trazer-lhe: é ele quem dá seu sentido às palavras, às frases, e a própria combinação das palavras e as frases não são uma contribuição alheia, já que não seria compreendida se não encontrasse naquele que escuta o poder de realizá-la espontaneamente (MERLEAU PONTY, 1999 p 242, 243).

Nesta trajetória dialética do discurso no corpo, a fala enquanto expressão e comunicação são percebidas não só, no significado que traduzem as palavras, mas no sentido nela contido e veiculado àquele que escuta e recebe o pensamento da própria fala. Por conseguinte, é preciso estar atento, aos significados provocados na linguagem do corpo próprio em relação ao sujeito que ouve, e ao que fazer, para compreender esta comunicação que se dá no nível do sensível. Portanto as estruturas são pensadas morfologicamente, mas quando professadas podem veicular um nada às palavras, um vazio incompreensível para quem fala e para quem escuta, visto que também está envolta de um sistema de atitudes, que para Lévi-Strauss [...] “*designa uma natureza psicológica e social* (APUD VIRGINIA SANTOS, VAINFAS 1997, p. 367). Assim que, uma Educação baseada somente na dimensão intelectual pode veicular significações inconsistentes à dimensão sensível da vida dos sujeitos que, por sua vez, não intencionam sentidos significativos para uma dinâmica participativa, na comunicação dialógico do educador e do educando, na expressão gestual do seu corpo.

A palavra tem um sentido. [...] Existe uma retomada do pensamento do outro, através da fala, uma reflexão no outro, um poder de pensar segundo o outro, uma reflexão no outro que enriquece nossos pensamentos próprios. Aqui é preciso que o

sentido das palavras finalmente seja induzido pelas próprias palavras ou, mais exatamente, que sua significação conceitual se forme por antecipação a partir de uma significação gestual que é imanente á fala... E assim como em um país estrangeiro, começo a compreender o sentido das palavras por seu lugar em um contexto de ação e participando na vida comum, da mesma maneira um texto filosófico ainda mal compreendido me revela pelo menos um certo estilo. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 243, 244).

Esta consideração, observada na linguagem não-verbal, faz pensar quais os valores e significados estão instituídos nos gestos, hábitos e estilos dos processos sócio-culturais na formação humana e profissional dos professores, visto que, quando inseridos nos processos educativos, podem modular fronteiras e pertencimentos pela simples identificação da imagem. *“Em suma, toda a linguagem se ensina por si mesma e introduz um sentido no espírito do ouvinte”*. Portanto, a linguagem do corpo é comunicada no estilo que compõe o sentido da intenção manifesta, que é compreendida ou não pela veracidade da sua presença ao significado significante no outro. *“Uma música ou uma pintura que primeiramente não é compreendida, se verdadeiramente diz algo, termina por criar por si mesma seu público, quer dizer secretar ela mesma sua significação”* (MERLEAU PONTY, 1999, p. 244).

[...] Há, portanto, tanto naquele que escuta ou lê como naquele que fala e escreve, um pensamento na fala que o intelectualismo não suspeita [...] Se o sujeito falante não pensa o sentido daquilo que diz, menos ainda ele representa-se nas palavras que emprega (MERLEAU PONTY, 1999, p. 244, 245).

Tais afirmações da percepção fenomenológica no corpo como expressão e fala, se colocadas dentro das estruturas no discurso da antropologia estrutural*, requer uma crítica sobre os sentidos e significados da fala do professor, sendo que a linguagem do corpo induz o caráter da fonte da verdade instituída, através da imagem daquilo que o mundo produziu, no corpo com a representação da palavra. Um efeito cíclico, que pode intencionar um contexto redutor da expressão e da fala ao evocar um tipo de representação, um modelo e, por conseguinte, uma fonte de significação, que só se resignifica se compuser suas narrativas e reflexões na dimensão macro e micro histórica das fronteiras e sedimentações da corporalidade na sociedade.

Mais recentemente, Claude Lévi-Strauss denominou a antropologia estrutural que denomina a análise das estruturas sociais, como um sistema lógico ao qual o homem obedece inconscientemente em suas instituições e seus comportamentos dentro dos grupos (Apud DUROZOI, 1993, p. 32).

Concomitante a esta idéia cabe entender que a representação, aqui, toma um sentido de modulação permanente, envelhecida, que estabelece uma designação ao pensamento, que impede sua compreensão no mundo sensível, visto que imobiliza o sujeito falante à compreensão do intelectualismo. Ocorre um aprisionamento do sujeito, como se a fala fosse um signo que não é, e o corpo fosse a representação do sentido vivido.

No entanto se a fala e o pensamento estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, como existência exterior dos sentidos. Para compreender as falas do outro, é preciso romper a razão lógica da fala determinada no sujeito, permitindo-se ouvir sob os ruídos, o silêncio primordial que descreve o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto e sua significação o mundo.

Então a fala do sujeito é um quadro motor que compreende a memória, não como uma consciência constituinte, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente, tendo o corpo como um meio permanente de tomar atitudes e de fabricar no pseudo presente intenções de movimento efetivo. Assim se entende que a fala como o pensamento não são inteiramente dados na realidade, eles estão envolvidos um no outro, e o sentido enraizado na fala está na existência exterior do sentido. A experiência interna central é que torna um fato de linguagem, e traz uma primeira camada de significação que lhe é aderente para o pensamento enquanto estilo: enquanto valor afetivo, enquanto mímica existencial, antes de ser um enunciado conceitual, que não apenas traduz a fala, mas que a habita e é inseparável. Portanto, a potência de expressão é que faz a significação existir como uma coisa própria no coração do texto.

Portanto o pensamento e a expressão constituem-se, simultaneamente, quando nossa aquisição cultural se mobiliza a serviço dessa lei desconhecida, assim como nosso corpo repentinamente se presta a um gesto novo na aquisição do hábito. A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda a fala do outro é preciso que sua sintaxe já seja conhecida por mim. [...] Não é com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o mundo que ele visa (MERLEAU PONTY, 1999, p. 249).

Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos do outro pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse o meu corpo ou como se minha intenção habitasse o outro. O gesto que testemunha desenha em pontilhado um objeto

intencional que se realiza na experiência de uma presença corporal. O sentido do gesto é construído na estrutura do mundo, onde meu gesto e meus movimentos se encontram e se fazem comum através da cultura e cujas significações disponíveis ou atos de expressões anteriores, tornam possíveis os sujeitos falantes.

Vivemos num mundo onde a fala é instituída [...] Perdemos a consciência do que há de contingente na expressão e comunicação, seja na criança que aprende a falar, seja junto ao escritor que diz e pensa pela primeira vez alguma coisa, seja enfim junto a todos os que transformam um certo silêncio em fala. Todavia está muito claro que a fala constituída, tal como a ópera na vida cotidiana, supõe realizado o passo decisivo da expressão. Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto e sua significação, um mundo (MERLEAU PONTY, 1999, p. 250).

A expressão e da fala, é uma compreensão que se dá no nível do sensível, que não é dado a todos visto que depende do proceso crítico sobre as representações e os significados que lhe são inerentes, pois a percepção está aliada a uma atitude não determinista do sujeito, cuja interpretação compreende a experiência sensível e a intencionalidade ativa da potência ontológica da natureza do homem. A linguagem aproxima as expressões emocionais de um mundo intersubjetivo, o qual a fala produz o sentido vivo nos gestos onde a mímica emocional traduz os signos naturais e a palavra o signo convencional. Na interpretação das narrativas da memória no corpo dos *Elementais Caminhantes*, a fisionomia, o tom de voz, a intenção emocionada dos gestos, vão resignificar a intersubjetividade da apropriação dos valores e idéias vividas na representação do narrado.

O mundo lingüístico é intersubjetivo e não se pode distinguir do próprio mundo, nele é possível articular gestos, que são definidos pela forma de acolher a situação no corpo [...] “*é por meu corpo que eu compreendo o outro, assim como é por meu corpo que eu percebo coisas*”. È, portanto, esta criticidade sobre o corpo que esta pesquisa propõe ao investigar nas narrativas da memória dos *Elementais Caminhantes*, o seu processo de formação humano, entendendo que [...] “*o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retomo*” (MERLEAU PONTY, 1999, p. 253). A experiência perceptiva e a significação se encontram no olhar e nos movimentos do espetáculo sensível, que se comunicam na intra e inter-relações dos sujeitos, revelando que no homem tudo é natural e tudo é construído, o que indica um conceito de autonomia do corpo próprio na percepção do ser no mundo, que mesmo dado biológico, enquanto construção

cultural pode se valer do livre arbítrio, através da atitude consciente da subjetividade do seu pensamento assumido na identidade e na singularidade da sua existência.

A partir do momento em que o homem se serve da linguagem para estabelecer uma relação viva consigo mesmo ou com seus semelhantes, a linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio, ela é uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes [...] A fala é o excesso de nossa existência por sobre o ser natural. Mas o ato de expressão constitui um mundo lingüístico e um mundo cultural, ele faz voltar a cair no ser aquilo que tendia para além (MERLEAU PONTY, 1999, p. 266, 267).

Nesta intenção, penso encontrar nas falas dos *Elementais Caminhantes* a corporificação das palavras intencionadas no discurso, cujo sentido a ser compreendido possa comunicar saberes, prazeres e querer integrados da significação natural do homem, ligado à *ânima* do mundo sensível, onde o sentido das palavras, coexistam com os gestos, hábitos e estilo do corpo próprio, ontológico, natural e criativo.. Um corpo sujeito encantado, sensível e transformador, percebido na maiêutica da memória da sua formação humana partilhada nos espaços das relações sociais e afetivas.

O que diz, contudo, o mito de Orfeu, daquele lendário cantor que com suas canções comovia pedras, plantas e animais, que com sua música conjurava tudo que era contraditório, inimigo e fora de ordem? Em que repousa sua magia? Era na própria voz do cantor ou era ela tão somente portadora de uma expressão última, mais ampla e maior de tudo que é vivo? A pesquisa não pode ainda tornar Orfeu ilustre: suas ligações com os mistérios mórnicos também continuam obscuras. Ainda assim, ele é um homem e, como tal, colocado entre os pólos divinos, entre o compasso e o rito. Ele vê sua tarefa na proclamação da dor e da alegria na terra: com sua palavra, com seu canto, através da sua melodia (WOSSIEN, 2000, p. 14).

Da mesma forma que *Orfeu* é apenas um homem, os *Elementais Caminhantes* também o são, e tem o corpo como expressão e a fala do seu pensamento, um rito de autopoiese histórico e criativo, uma “*Dança Livre*” que veicula um sentido orgânico na simbólica do aprender a aprender.

A Marcação no Palco do I ensaio – A Percepção da Imagem

(...) A experiência do corpo próprio, ao contrário, revela-nos um modo de existência ambíguo. Se tento pensá-lo como um conjunto de processos em terceira pessoa – visão, motricidade, sexualidade – percebo que essas funções não podem estar ligadas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade, todas elas estão confusamente retomadas e implicadas em um drama único. Portanto o corpo não é

um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele a idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade, ao mesmo tempo em que liberdade, enraizada na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado (MERLEAU PONTY, 1999, p. 268, 269).

Com mãos, cabeças, pernas [emoção] e vidas que se juntam à minha, *os ecos dos sentidos*, conceituam na vertente fenomenológica a percepção do corpo como unidade expressiva no foco da espacialidade do corpo próprio e a motricidade, no corpo como ser sexuado e no corpo como expressão e a fala. Uma reflexão para problematizar nas narrativas das fontes orais, o mundo percebido através das sensações ou premissas do impulso intencional que a sensibilidade fornece conforme os estímulos corporais. Uma discussão que possibilita a consciência sobre si mesmo, na estrutura dos gestos, hábitos e estilo, que enquanto sistêmica criativa, natural, orgânica e autopoiética da corporalidade, ressignifica na imagem da *Criança, no mito de Dionísio e de Orfeu* os aspectos emocional, estético e simbólico no pensar, sentir e agir do professor. Um contexto que vai permear o espaço das relações sociais e afetivas da formação humana, na história de vida dos Elementais Caminhantes.

Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito um saber natural, com um esboço provisório do meu ser total (MERLEAU PONTY, 1999, p. 269).

II - ENSAIO

O Movimento das Águas

Eis como quero o homem e a mulher: um apto para a guerra e outra apta para dar à luz; mas os dois com cabeças e pernas. E que todo o dia que em não haja dança pelo menos uma vez, seja para nós perdido. E toda a verdade que não traga ao menos um sorriso nos pareça uma verdade falsa. (Nietzsche, 1885).

O segundo ensaio busca as concepções que o mundo ocidental apregoa sobre o corpo, focada na percepção do corpo sujeito, que se auto produz culturalmente e historicamente na subserviência da racionalidade e nos preceitos que esta impõe enquanto ditames do poder, desde o corpo matéria, carne e pecado do período medieval que fortalece a hegemonia do sexo masculino sobre o feminino, até o corpo da modernidade cuja sujeição ao trabalho e a produção é capaz de tornar o homem distante da sua própria humanidade. Estas questões que entendem o corpo como um objeto do sujeito, um objeto que lhe pertence, cujos saberes quereres e prazeres que intencionam a ação são minimizados na macro e na microvisão da história, são atitudes que reforçam os processos da formação escolar e acadêmica nas esferas culturais e afetivas dos sujeitos.

É pertinente colocar na discussão, que para Le Goff [...] *os gestos numa sociedade, constituem uma linguagem e, como todas as linguagens, a gestualidade é codificada e controlada pelas instâncias ideológicas e políticas da sociedade (1983 p. 71)*. Um pensamento que é relativo aos estudos desse autor, no cotidiano do Ocidente Medieval, e que permite fazer interlocuções com Merleau Ponty quando o primeiro ensaio, aborda a relação do pensamento e do gesto na cultura e o sentido da expressão e da fala na simbólica do corpo, *vivemos em um mundo no qual a fala está instituída (1999, p. 250)*.

A modernidade produz corpos dóceis cujas forças utilitárias são aumentadas e diminuídas em termos políticos, fazendo uma relação de sujeição estrita. Segundo Foucault[.] *forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos* (1987, p. 119). Fato este, que enquanto significado estruturado no corpo faz repensar a cultura passiva da sociedade para tais entendimentos, que também foram narrados no filme *Tempos Modernos* de Charlie Chaplin (1936), cuja memória evoco na representação dos sentidos na percepção do meu corpo próprio.

Um momento que minha percepção sensível, divaga e recorda a grande figura do cinema, *Carlito*, nos seus gestos, na sua doçura, cuja subjetividade incorpora as mazelas humanas de forma tão contundente e significativa, [...] e que, também, me fazem pensar em outras imagens, ícones que dançavam, cantavam e contavam realidades, nos filmes produzidos pela Broadway, com Sinatra, Elvis Presley, Elizabeth Taylor, Fred Astaire, Julia Andryews, todos vistos na minha infância, e que ainda hoje me permitem lembrar a apropriação dos valores e idéias interpretados nos corpos, que construíram a minha compreensão de mundo, uma realidade sensível intencionada na linguagem do meu corpo, cujo sentido emocional, estético e simbólico se fazem perceber no meu devir histórico. Um contexto que desvela na história da cultura, as conexões da interpretativa do mito do *homo phantasia* e do *homo festivus*, uma analogia que faz repensar a memória como inervadora dos valores humanos e ontológicos, culturais da sociedade. (HF, 2004).

“O mundo lingüístico é intersubjetivo não nos espanta mais, nós não o distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo falado e falante que refletimos, perdemos a consciência do que há de contingente na expressão e na comunicação”. Com esta fala de Merleau Ponty (1999, p. 250) faço a interlocução com a narrativa autobiográfica do corpo próprio, visto que, ao colocar o sujeito em situação no mundo os significados vão ser refeitos no sentido ativo da memória da sua história, que ao evocar o passado no presente intenciona no seu vivido aquilo que foi percebido nas representações da sua identidade e que estão imbricadas na subjetividade da sua singularidade *“O mundo é aquilo mesmo que nós nos representamos, não como homens ou como sujeitos empíricos, mas enquanto somos todos uma única luz e enquanto participamos do Uno sem dividi-lo”* (MERLEAU PONTY, 1999, p. 7).

Então, o sujeito do corpo objeto, vem sendo concebido pela nossa postura alienada àquilo que o corpo está a sentir, desvinculado dos desejos, a mercê dos querereres do outro, dentro de um processo disciplinar que fabrica corpos submissos e utilitários em um modelo de longa duração, como os relacionados à estruturas das racionalidades econômicas. Entretanto

não basta falar sobre o que está posto mas lançar alternativas, que mesmo dentro das agruras da realidade possam iluminar uma nova caminhada para integrar o corpo na complexidade do sujeito que pensa, que chora e necessita da dimensão sensível para exercer a sua condição humana na plenitude da sua cotidianidade como um ente histórico com origem e destino projetado no seu corpo próprio.

Assim que a partir da possibilidade do corpo sujeito, na condição de perceptor da realidade no mundo, corporalizado no movimento em gestos, hábitos e estilo, percorro as instâncias da história das mentalidades para refletir sobre fatos relevantes na percepção da dimensão corpórea, descortinando os modos de pensar, valores, fronteiras e sedimentações que estão internalizados à direcionar o percurso da vida humana no mundo contemporâneo.

Neste propósito que não pretende dar o curso da história do corpo na humanidade, mas, inferir alguns construtos para sustentar as intervenções sobre a percepção do corpo sujeito, trago recortes da história das idéias imposta sobre o corpo, na visão epistemológica do conhecimento e na história das mentalidades sobre os juízos impostos ao corpo no processo civilizatório da cultura ocidental, revisitados nas áreas temáticas da sexualidade, na religiosidade, nos sentimentos coletivos e na vida cotidiana na perspectiva antropológica das representações culturais.

Um contexto para trazer à memória da percepção sensível a história da cultura, ilustrada nas histórias de vida de alguns personagens sociais que considero verdadeiros mitos revolucionários, cujo o discurso da obra e da arte, possibilitam uma interpretativa hermenêutica da representação e da interpretação dos aspectos estético, emocional e simbólico do seu tempo, uma perspectiva crítica que evoca um *Jeito de Existir*, corporificado no seu *dever*. Que para [...] *Hegel encontra o fundamento da história (e da do Ser em particular), que concebe como síntese dialética, que ultrapassa as contradições (Durozói,1993,p.133).*

Ao fazer esta alusão, admito que os sujeitos podem corporificar valores e subjetividade na interpretação e na representação da sua obra, que pode estar representada no seu corpo próprio, construído como obra e arte na sua identidade. Relação que está presente na pesquisa, no discurso da memória das fontes orais cujas reminiscências e singularidades do corpo próprio, vão tecer os fragmentos históricos, da interpretativa hermenêutica da realidade

sensível, na identidade cultural proposta nos gestos, hábitos e estilo, presentes também na sua práxis pedagógica. Uma leitura que vai tecer na história da cultura enquanto prática, a crítica da corporalidade no mito do *homo phantasia* e do *homo festivus*, uma alegoria evocada do medievo que propõe a fantasia e a celebração como fatores ontológicos e inerentes da vida humana. Uma analogia que ao prender os fios da formação humana no profissional professor, busca fazer a crítica da perda do sentido mítico e sagrado do devir humano, atentando para os aspectos estéticos, emocional e simbólico vivido na corporalidade.

No campo da pesquisa histórica educativa, onde a descontinuidade é uma característica interna em face da diversidade de objetos, âmbitos e métodos, além de pautar a idéia da existência de uma infra-estrutura condicionante entre os tempos, focalizo aportes relevantes nos períodos da história que antecedem a Contemporaneidade, para retomar fatos, modelos ou concepções do corpo sujeito no contexto formativo e inferências no fazer do professor, enquanto realidade social e global imbricada na dimensão micro histórica da sua identidade. Um contraponto para conscientizar representações que possam projetar uma dinâmica de ação e transformação na dinâmica educativa e nos modelos pedagógicos.

Neste ensaio, a história vai funcionar como um exercício da memória, para estabelecer uma dinâmica crítica reflexiva e dialética entre o passado, o presente e as possibilidades do futuro, um processo hermenêutico de interpretação partidário de micro recortes. Um contexto em que a *Nova História (Cardoso apud Vainfas, 1992, p.442) [...] coloca o observador/pesquisador como parte integrante daquilo que estuda*. E que na pesquisa busca um novo perfil de competência formativa para o educador educando, proposto nas vias da corporalidade, para minimizar um ativismo racionalista, alijado dos processos vitais da historiografia e do papel formador humano, uma mudança de paradigmas na formação humana e epistêmica do profissional

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de refletir sobre a história da sua disciplina, de interrogar os sentidos vários do trabalho histórico, de compreender as razões que conduziram à profissionalização do seu campo acadêmico. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais (NÓVOA apud CAMBI, 1999, p. 15).

2.1 - O Turbilhão das Verdades

Nós tínhamos feito a trilha e estava um casal pelado... nessa discussão veio a questão do sexo, porque eles (os alunos) estavam *potencializando* este assunto. [...] eu me posicionei porque eu não vi tanto problema na questão do sexo [franziu a testa]. Essa discussão foi até de sentimentos, até foi um pouco mais além, foi mais assim sobre a paixão, sobre amor, machismo, também do que é permitido aos homens e as mulheres (Ar, 2003).

Toda descoberta faz parte de uma inquietação ou de uma intuição maior que impulsiona a observar fatos e acontecimentos, que deixam de ser casuais, para marcar uma seqüência de eventos, em um determinado ponto da história.

Tratar da histórica é trazer a lucidez necessária aos processos investigativos, é montar o quebra cabeça da importância dos acontecimentos e fatos, para elucidar o caráter da existência. Ao mesmo tempo, supõe um processo de criticidade que aproxima o objeto investigado do observador/pesquisador, que ao invadir este domínio mágico do espaço e do tempo acaba corporificado do papel de historiador historicado, que na representação do presente coloca a apropriação no passado para ativar a transformação do futuro, interpretado na magia da projeção contrária à visão determinista, onde o investigador se coloca como expectador do seu tempo, não comprometido com as implicações das investigativas.

A história é um discurso mutável e problemático, ostensivo, a respeito de um aspecto do mundo; o passado – produzido por um grupo de trabalhadores cujas mentes são de nossos tempos... cujos produtos, uma vez em circulação, estão sujeitos a uma série de usos e abusos logicamente infinitos mas que, na realidade, correspondem a uma variedade de bases de poder existentes em qualquer momento que for considerado, as quais estruturam e distribuem os significados das histórias ao longo de um espectro que vai do dominante ao marginal (POLANYI, 1980, apud CARDOSO, 1997, p. 15).

Neste momento, ao me apropriar do passado, penso fazer de forma objetiva, considerando os aspectos abordados nas categorias do corpo sujeito da percepção, cujos fatos ou acontecimentos possam problematizar a espacialidade do corpo próprio e a motricidade, o corpo como ser sexuado, e o corpo como expressão e fala. Elos que farão parte da trajetória da pesquisa, em tessituras percorridas através da história das mentalidades, que vão sustentar as interfaces do corpo no processo formativo dos *Elementais Caminhantes*, uma dinâmica que vai resignificar a sensibilidade na representação e apropriação da linguagem corpórea.

O corpo tem sido abordado, concebido, vivido dos modos mais diversos e complexos. A cultura ocidental adota a supremacia dos paradigmas que privilegiam o pólo do “lógus”, do pensamento analítico, do estatuto da razão como único depositário-legitimador do conhecimento, saber verdadeiro, claro e luminoso. A possibilidade de suprimir a experiência empírica da construção do conhecimento, data da Antiguidade quando Platão começa a conceber o mundo nas idéias, uma dicotomia que aparece na vida dos sujeitos daquela sociedade, visto que aos cultos e nobres eram permitidos apenas pensar e aos escravos cabia o trabalho braçal. Salvo que neste tempo ainda o corpo tinha um espaço para seu ritual, ou seja, os ginásios eram os espaços dedicados ao culto do corpo, cujas práticas eram realizadas junto ao elemento da música. Uma cultura que começa a tanger a minimização dos corpos como perceptores ativos das verdades da existência, sendo estabelecida a dualidade na consciência em um pensar fora do corpo, que projeta um corpo fora do mundo vivido.

A sexualidade não era algo que possuísse valor exagerado, visto que era tida como natural. No caso da Mesopotâmia, os documentos antigos revelam que não existiam tabus, embora os impulsos eram canalizados pelos juízos do constrangimento coletivo, a fim de manter a célula do corpo social.

A vocação natural de cada homem e de cada mulher e o seu “destino”, como se costuma dizer, ao atribuir tudo à vontade radical dos deuses, era o casamento. Era reputado como marginal, consagrado a uma existência lânguida e infeliz... “o jovem solitário [...] que não se casasse com uma mulher, não criasse filhos e a jovem [que não tivesse sido] nem deflorada, nem penetrada, [a quem] nenhum marido tivesse desapertado o colchete de suas roupas e afastado seu vestido [para estreitar contra si, fazendo-a saborear o prazer [até que] os seus mamilos se encham de leite [e que] ela possa tornar-se mãe (BOTTÉRO apud DUBY, 1991 p. 19).

Ainda, ao que diz respeito ao corpo, existiam preces para êxito do amor, um dado relevante para o corpo como ser sexuado, onde a percepção erótica ao visar um outro corpo, recorda os estados afetivos elementais, onde a sexualidade não é só um signo que indica significação, mas que coloca a vida corporal e o psiquismo em relação recíproca daquilo que intenciona, um movimento que liga o sujeito a outro sujeito. Um sentido que hoje é colocado no nível compartimentado, quando ao falar de sexualidade, está a se falar de partes do corpo, de estados biológicos e não do entendimento do ser na relação da existência, daquilo que é metafísico e que deve ser sagrado e ritualizado, fato que se percebe no contexto da Antiguidade.

Para conseguir fazer amor (literalmente “rir”), um dos muitos sinônimos do imaginário da linguagem erótica, (quando se quer referir a união de sexos), o homem deve levar sem esforço a mulher a atingir o orgasmo, chamava-se na linguagem erótica (literalmente) “levantar o coração” (BOTTÉRO apud DUBY, 1991, p. 25, 26).

Neste momento histórico, a erótica dos sentimentos caminha junto da religiosidade que, através das preces, ritualiza os pedidos sobre o desejo e o amor. Também existem relatos sobre as loucuras de amor, a afeição visceral, as fantasias, sonhos eróticos, enfim muitos são os registros que identificam estar o sexo interligado ao sentido da existência humana. Inclusive no caso das doenças, era considerado o mal de amor, uma tosse desenfreada, a freqüência na falta de palavras, a garganta apertada, entre outros sintomas relatados.

Entretanto, nos preceitos referentes à relação de gênero, aos corpos masculinos era permitida a relação com o mesmo sexo a título de ensinamento do mais velho para com o mais jovem, com a ressalva da não identificação de vínculos afetivos, então visto como subserviência de um sujeito a outro, uma relação que era limitada pela idade, ou seja, até que aparecessem os pêlos no corpo do aprendiz. Um registro que já denuncia na sexualidade uma relação ambígua, visto que ao mesmo tempo em que impunha uma naturalidade no comportamento, já havia uma disciplina subjetivada entre o sentir, o pensar e o agir da representação.

Os fatos narrados na Antiguidade, sob o olhar do corpo como ser sexuado traz o percebido e o sensível como parte da vida humana. Os significados são apreendidos na construção do vivido, na inter-relação dos sujeitos que partilham de um entendimento na existência, percebidos na corporalidade independente de juízos externos, sendo os comportamentos intencionado na relação do corpo dado e produzido, natural e cultural. Há também uma conotação da formação dos valores no sentido social, ou seja, ainda que singular, a sexualidade era vista como um fato comum da existência na intenção do outro nos estados afetivos elementares.

Entretanto na Idade Média, a prevalência do pensamento religioso ressalta a dicotomia do homem mediante ao caráter ortodoxo da doutrina cristã, que afasta os religiosos da vida mundana e o corpo é concebido como substancia pecaminosa, submetido ao controle para mortificação dos desejos carnis. Preocupações que se estendem ao contexto cultural e social com o desaparecimento dos gestos pagãos no sistema, sobretudo no teatro considerado

como manifestações demoníacas. Neste período a disciplina dos corpos no controle dos gestos, está vinculada ao modelo cristão, que perpassa uma visão da sociedade no corpo.

No sistema cristão, os gestos deveriam ser a expressão e o prolongamento dos movimentos do coração, das virtudes do homem interior. Ora, São Luis não podia “manter a sua devoção só no coração, mas demonstrou-a com muitos sinais certos. Os gestos são sinais, ou seja, signos no sentido Agostiniano, do termo, símbolos. Eles são elementos essenciais do grande sistema simbólico medieval (LE GOFF, 1983, p. 71e 79).

Assim, o Cristianismo, através de uma justificação transcendente, impele o homem a execrar de si, tudo aquilo que pode ligá-lo ao mundo, principalmente em relação ao prazer, tido na carne, pecaminosa, condenada a práticas purgativas, sofridas e exemplificadas por Santo Agostinho, cujos comportamentos repetitivos, conservadores e similares mutilam não só o corpo, mas a totalidade da existência no mundo. Fato que tange à relação da espacialidade e motricidade no contexto formativo humano.

[...] no ocidente Medieval, o lugar social e a qualidade ética de uma pessoa reconhece-se em particular pelo equilíbrio entre os gestos, com os quais ele se afirma, impõe a sua vontade e os que ele suporta. São Luiz se afirma apenas na sua submissão, na sua obediência, ele é exímio para fazer-se modelar pela mãe [...]. São Luiz se esforçou para traduzir em gestos seus ideais (LE GOFF, 1983, p. 76, 83).

A Igreja Cristã caracteriza o gesticular como a possessão diabólica, meio expressivo privilegiado do Satanás ligado ao corpo, horrendo revestimento da alma. O termo *gestus*, tão comum nos textos antigos, tornou-se raro nos textos da Idade Média. Le Goff, faz uma classificação dos gestos em função da natureza, dos códigos normativos e das fontes: são os gestos implícitos, negativos e passivos, todos definidos no modelo de São Luiz. Há uma pedagogia disciplinar do corpo, que liga à um modelo, de submissão da própria subjetividade, que começa a ser imbricada dos construtos instituídos na cultura e na sociedade então cerceada na criticidade da sua palavra, limitada na expressão do gesto.

Entre as grandes revoluções culturais ligadas ao triunfo do cristianismo no ocidente, uma das mais importantes é a que se refere ao corpo. Mesmo as doutrinas antigas que privilegiam a alma não concebiam virtude ou bem que não fosse exercido através da meditação do corpo. O grande revolvimento da vida quotidiana dos

homens que, na cidade – para a Antiguidade centro da vida social e cultural por excelência – elimina o teatro, o circo, o estádio, e as termas, ou seja, os espaços da socialidade e da cultura que a vários títulos exaltam ou utilizam o corpo, representa a derrota doutrinal do corporal (LE GOFF, 1983, p.57).

Assim, neste tempo histórico as verdades são implantadas por Santo Agostinho (séc. IV), que cristianiza Platão, o mesmo realizado posteriormente com as idéias de Aristóteles por Thomas de Aquino (séc. XIII), um intuito para o fortalecimento da Igreja. O conhecimento é segregado nas mãos de alguns e o homem é subjugado a vontade de Deus, distanciando da matéria concebida como carne e pecado, concepções que transcendiam pensar as verdades da mente humana na vida mundana.

Os ensinamentos cristãos no passado favoreceram ainda uma tradição de medo do prazer corporal. O contato físico, uma vez que proporciona prazer além de aconchego, tornou-se um pecado, difundiram-se tabus quanto aos prazeres tácteis, e a culpa ou o medo fizeram do contato físico um fruto proibido, ou o impediram totalmente (ASHLEY MONTAGNE, apud PHILIPS DAVIS, p. 79, 80).

Neste contexto, em que a devoção ao sagrado rege as instâncias da sociedade, o clero é o dominador das idéias dos homens sábios, controlador da dita humanidade dos corpos, que habitam o mundo, que tem desejos, que se alegram e que precisam de outros corpos. É, pois, o momento crucial para estabelecer as regras à contenção dos ímpetos, quando Deus dita as verdades através da boca dos homens. Verdades que ainda estão presentes nos cultos ortodoxos da igreja católica, onde a castidade representa a pureza da alma e o controle dos desejos, são modelos normativos que além de subjetivar valores nos comportamentos sexuais, não respeitam o conceito de alteridade e diversidade. Imposição vista também hoje, na proibição do casamento entre homossexuais, condenados como anormais. Judicativas e premissas sociais que impingem segregações e guetos marginalizados no sentido individual e coletivo.

A sexualidade é foco de controle no que diz respeito ao prazer da mulher, regulado nos escritos religiosos da idade média, que coloca a permissão ao ato de união sexual somente quando feito para procriar e caso houvesse o desejo carnal entre os pais, os filhos seriam concebidos em condição de pecado. A rejeição ao prazer durou dezoito séculos no Ocidente, uma relação que é explicitamente canalizada para o corpo feminino e sensível. A dicotomia instala o desapego a sensibilidade, o começo dos comportamentos estruturados e a

subjetividade controlada ou subjugada à uma objetividade externa, que extingue a possibilidade de escolhas, de vontade, de desejo, de liberdade, de espontaneidade. A existência é uma verdade dada no mundo das idéias, a essência se revela pelo execrar do corpo através de sacrifícios e práticas purgativas, uma justificação transcendente do cristianismo.

A encarnação é humilhação de Deus. O corpo é a prisão da alma [...], o horror pelo corpo atinge o auge nos seus aspectos sexuais. O pecado original, pecado do orgulho intelectual, de desafio intelectual a Deus, é transformado pelo cristianismo medieval em pecado sexual. O desprezo pelo corpo e pelo sexo toca assim seu ponto máximo no corpo feminino (LE GOFF, 1983, p. 57).

Entretanto é também no Medievo, no Oriente, que começa com Guilherme IX da Aquitânia, o conde de Poitiers, uma referência aos sentimentos eróticos na relação dos corpos, o *amor cortês*, uma exaltação espiritual e carnal das relações entre homem e mulher, que acontece de forma velada, mas que quando atinge o ocidente é acometido de uma falsa moral que permite tudo, desde que mantida a abstinência sexual, que era celebrada no cantar dos trovadores, dos meios feudais da nobreza do século XII, em geral do vassalo para dama.

Muito freqüentemente, ficava por um beijo. Na intimidade amorosa, como na sociedade, o amante não era mais que um simples servidor da sua dama. Para além do beijo... suas recompensas deste jogo adúltero, contemplar o corpo nu da sua dama (SOLÉ apud DUBY , 1991, p. 111).

Assim que o corpo feminino são referências de sentimento, desejo, limitações e pecado, sentidos postos nas falas de Agostinho ao condená-lo como símbolo do pecado original, o qual está fadado desde Eva até as bruxas, no fim da Idade Média, à eleição do Diabo. A representação da mulher vem sendo estruturada na sociedade sob a forma pejorativa, no próprio predicado que a define, pois *feminino* significa menos fé, a representação do pecado, do falso, da não verdade. O corpo no sentido feminino transporta seus significados representativos para a sensibilidade, a fantasia, a festa, manifestações que colocam a existência no sentido do perigo ao desconhecido, a ambivalência dos contrários na existência, que trazem também o risco as verdades da racionalidade, da finitude, dos conceitos fechados, das dualidades que instigam à competição na relação dos contrários.

No séc. XV, quando se identificou um contexto, onde a força física era muito exigida para o desenvolvimento do trabalho, infiltrando então alguns conceitos de origem orientais quanto à necessidade de ritmo para tudo; ritmo vital, ritmo pessoal de atividade física, ritmo de atividade intelectual, Goethe escreveu o poema “Tudo na vida é ritmo” (apud Morai, 1983).

No período pré-tecnológico e tecnológico há a mudança do gosto medieval pela contemplação do universo, para o intenso furor de mexer na harmonia universal, de fazer algo na natureza. É o primórdio da relação de homem, produção e dinheiro, uma equivalência de valores, que se estruturam na Modernidade, enquanto política, economia e sociedade, que ganha proposições relevantes enquanto cultura, história e Educação. Que vão envolver a proposição dos processos educativos e processos formativos, incorrendo também sobre a visão dos corpos.

Até 1789, naquele que foi chamado Ancien Régime, o mundo moderno se organiza, sobretudo em torno de processos de civilização (Elias), de racionalização (Weber), de institucionalização (Foucault) da vida social no seu conjunto, dando lugar a um estilo de vida radicalmente novo. Nele se afirmam comportamentos de autocontrole e de conformidade a modelos de boas maneiras que revelam o nascimento de uma nova sensibilidade social e de uma convivência que reescreve cada âmbito de ação do sujeito (desde assoar o nariz – com o uso do lenço – até estar à mesa – com usar o garfo) censurando comportamentos demasiado grosseiros e solicitando um minucioso controle (CAMBI, 1999, p. 200).

A modernidade, por sua vez, sedimenta ainda mais a frieza nos corpos, não mais no pecado do sexo, mas na biologia do corpo, cujos estudos instituem à revelia das escolhas humanas as práticas higienistas, o domínio sobre a natalidade, o controle das doenças, questões que trouxeram um sentido além do necessário benéfico, o sentido de corpo objeto da ciência, o corpo moda, o corpo consumo da mídia. E outras implicações que vão instalar um modo de existir, que fragmenta a percepção do sujeito e do mundo, que não se instala mais no sentido do coletivo, mas que vai se individualizando, fechando o homem em uma subjetividade que não propõe a medida no outro, mas que se objetiva no instituído em prol de si mesmo ou de um sistema cujos interesses estão aquém do benefício ético do humano. Onde o sentido de cuidado se individualiza.

[...] nos tempos modernos, o corpo foi comensurado e aprisionado, pelos dispositivos tecnológicos do discurso científico, desenvolvendo-se um trabalho sobre o corpo, com uma manipulação calculada de seus elementos, seus gestos, e seus comportamentos (FOUCAULT, 1987, p. 119).

O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma anatomia política que é também, igualmente, uma mecânica do poder. Surge o domínio sobre o corpo dos outros, através de uma disciplina que fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, cujas forças em termos utilitários são aumentadas, e diminuídas em termos políticos de obediência. Neste ideário, muitas são as confusões, os confrontamentos que colocam o homem entre o real e o ideal da sua existência natural, como as grandes guerras e os movimentos sociais. A concepção do imaginário do corpo na sociedade, veicula a liberdade sexual, o direito ao aborto, o consumismo desenfreado que, entre outros, produzem significados para os sentidos estruturados na subjetividade dos sujeitos, que vão fragmentar, individualizar, ordenar e determinar sua representação no mundo. Um corpo estruturado, instituído, controlado, alijado da sua concepção natural da existência.

As disciplinas, organizando as celas, os lugares e as fileiras, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia dos gestos. A primeira das grandes operações da disciplina é a idéia de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Temos então, um sujeito do corpo objeto, o Super-homem ou Frankstein que independente da valoração moral, traduz a representação do sujeito fragmentado, cuja subjetividade boa ou má não encontra intencionalidade na sua própria existência. Está fadada ao *em si*, impedida de se projetar na inter-relação que liga um corpo a outro. Um corpo insensível a seus estados afetivos, afastado do desejo, incapaz de criar o arco intencional que o projeta à situação de transcendência, que na fenomenologia da percepção visa o *para si* ou o ser que tem a consciência da sua existência.

A fisionomia das grandes cidades vai inferir na concepção da identidade dos sujeitos, que vai emergir no fenômeno da multidão, no desfrute do mundo das mercadorias, dos seus fetichismos. O ritmo da produção industrial determina a monotonia que se desenvolve com a aceleração dos contextos tecnológicos, e o homem apesar de parecer cada vez mais identificado, com a rua, a casa, a foto e a assinatura, torna-se cada vez mais despersonalizado.

Os sentidos já não se reconhecem mas respondem aos movimentos no corpo que deve antes de tudo se defender.

A gestualidade na cidade, portanto é decisiva. Os novos avanços da técnica permitem que gestos muito simples disparem processos complexos. Acender um fósforo, tirar um telefone do gancho, clicar uma máquina fotográfica; sobretudo este último gesto permite fixar uma imagem que seria, por sua rapidez, talvez impossível de ser divisada pelo olhar desarmado. (Benjamim apud, Soares, p.52,2001).

Então a complexidade dos processos evolutivos implica no entendimento do trabalho, na intencionalidade que guia seu uso e sua estruturação. Neste contexto, decorrer as interfaces da corporalidade permite refletir sobre o espaço e o tempo, colocado a consciência em situação da existência, um contexto para percepção do corpo sujeito, nas diferentes esferas sociais e culturais.

Cinema, esporte e guerra constituem uma tríplice expressão do projeto moderno, que permite aferir o rendimento junto ao maquinário, que subjuga o comportamento humano, que controla o tempo homogêneo e vazio do relógio, que é carente de significado e de conteúdo histórico em uma temporalidade linear. Uma realidade que permite situar permanências e subjetividade, imbricadas na história das mentalidades no que tange a vida antropológica e aos sentimentos coletivos.

A história não é um objeto que podemos estudar sem que o nosso estudo seja, também (e talvez sobre tudo), uma espécie de relação com o passado, mediado por uma forma específica de discurso escrito, trata-se de romper com uma visão natural ou racional que oculta a historicidade da reflexão pedagógica que impede a compreensão da forma como se construíram os discursos científicos em que arenas educativas em simultâneo desenvolvimento de grupos profissionais e de sistemas especializados do conhecimento (NÓVOA, apud CAMBI, 1999, p. 15).

Então nas veredas da história, os caminhos e os descaminhos estão imbricados na subjetividade da memória do observador/pesquisador, que no limiar da pesquisa faz orientar a abrangência temporal e factual dos elementos articuladores, para objetivar os nós das amarras da micro com a macro história.

O turbilhão das verdades identifica esta proximidade maior com o fenômeno descrito, que infere a responsabilidade dos pressupostos da explicação, uma questão que apregoa falar

da complexidade estruturada na contemporaneidade, nas dinâmicas de poder/saber e prazer. Um discurso que vai colocar no contexto da historiografia a história do corpo, nas abordagens no cotidiano da vida privada, dos comportamentos sexuais e afetivos, nos gêneros, que incidem à preocupação com o campo da história da cultura e, por conseguinte com os problemas relacionados à metodologia e às fontes, no sentido da objetividade e subjetividade das verdades postas, revisitadas nas narrativas das fontes orais.

Outro ponto importante é o ato de que as vivências ou as práticas dos sujeitos históricos jamais podem ser compreendidas isoladas do contexto cultural em que são produzidas e difundidas e que lhes confere um sentido próprio e específico. Em suma para tentarmos decifrar os comportamentos característicos de uma determinada sociedade, é preciso tentar penetrar no universo complexo de seus valores, crenças e mitos. (Engel apud Cardoso/Vainfas, 1997, p.308)

Abordar a contemporaneidade traz junto o pensar sobre uma nova concepção de história na cultura, onde os objetos investigados são o corpo, a sexualidade, o amor entre outros, para representar o aprofundamento de reflexões significativas. Um contexto maior que pode ressignificar a alteridade e a diversidade a partir da singularidade das vivências, nas idéias e nos fatos culturais, para expressar as tensões e os conflitos relevantes na dimensão macroscópica dos problemas do projeto do mundo, ainda moderno implícito no curso da sociedade dominante envolvida nos princípios do trabalho e da economia.

Para Marx[...] “*o corpo do homem se torna humano por sua atividade produtiva humana*”(Gonçalves, 1994,p.60), uma concepção que no seu desenrolar vai construir o sentido da subjetividade centrado na concretude dos bens materiais. Um modelo no corpo instrumento de produção, que além de alienar o sentido social afetivo transfere o prazer da real afetividade das relações humanas nas instituições ou sistemas de trabalho, para o prazer da aquisição de vantagens materiais.

Os sentidos do homem social são diferentes do homem não social. È por intermédio da riqueza objetivamente desdobrada do ser humano que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva (um ouvido musical, um olho sensível à beleza das formas, em suma, sentidos capazes de satisfação humana e que confirmam como faculdades humanas) é cultivada ou criada (...) Assim a objetivação da essência humana, tanto teórica quanto praticamente, é necessária para harmonizar os sentidos humanos e também para criar os sentidos humanos correspondentes a toda a riqueza do ser humano natural.(Gonçalves, 1994, p.61)

A relação do corpo objeto no trabalho, é um comportamento que se afirma no modelo capitalista, que afasta a percepção sensível, desenvolvendo um modelo de comportamento, que minimiza a crítica, o sonho, a fantasia e a festa, aspectos que estão ligados ao sentido estético, emocional e simbólico da vida humana, ontológica e natural uma válvula ativa, dinâmica e reacionária natural, cujas representações podem reativar o sentido social na identidade do homem contemporâneo, para remover e produzir novos significados. Então o corpo na contemporaneidade está imbricado das ambiguidades e contradições deste tempo, onde a visão sistêmica e orgânica estão permeadas na história da cultura, nas diferentes dimensões colocando o micro e o macro como elementos dinâmicos da totalidade viva. Um movimento que emerge repensar as verdades, no estado permanente de descoberta, que pode ser resignificado na percepção da espacialidade do corpo próprio e da motricidade, colocando o sujeito em situação de dinâmica e movimento, que na pesquisa se faz perceber pela circunvizinhança das esferas sociais e afetivas, para provocar a desconstrução e criação de um outro “*Jeito de Existir*” no contexto educativo e formativo do professor.

A ênfase nas partes tem sido chamada de mecânicista, reducionista ou atomística; a ênfase no todo, de holística, orgânica ou ecológica. Na ciência no século XX, a perspectiva holística tornou-se conhecida como “sistêmica”, e a maneira de pensar que ela implica passou a ser conhecida como “pensamento sistêmico” (CAPRA, 1996, p.33)

2.2 - O Ritual de Passagem à Realidade Sensível

Me lembro que botaram um lenço marrom, fui forçado, não gostei, fui fantasiado, não gostei, tava me sentindo mal [sacode a cabeça e os braços] (...) em casa nós fazíamos festa junina com quentão, pipoca (...) depois de formado eu fiz com uma colega minha uma fogueira enorme (...) eu gosto das coisas espontâneas (...) a escola não inova, é sempre a mesma coisa – careta [Risos]” (Ar, 2003).

Durante este século surge portanto uma nova tendência histórica, que é centrada na vida privada, que ao contemplar o pensamento e a subjetividade das fontes carece de um processo de validação factual, que vai envolver registros documentais para resignificar os discursos, padrões e comportamentos, uma interpretativa hermenêutica produzida socialmente em um tempo e um espaço histórico da cultura. Vainfas diz, que a “*Nova História Cultural, tem o predomínio de um processo hermenêutico de interpretação, partidário de micro recortes, do estudo de pequenos grupo*”, articulando com o macro da história dos sistemas normativos, um processo metodológico que analisa a singularidade das individualizações, para

promover uma consistente proximidade entre “*a postura explicativa e a descrição do detalhe cultural, ou seja entre a realidade(s) e suas representações*” (1997, p. 442 e 445)

A percepção do corpo sujeito, ao intencionar a consciência a partir do ato sensível na experiência do vivido, pode compreender o homem na representação do corpo como a obra e a arte do pensamento, da mesma forma que a poesia é a linguagem da significação e dos sentidos produzidos no mundo. Uma reflexão que coloca no homem a relação dinâmica da racionalidade com a sensibilidade, um padrão complexo altamente organizado, uma concepção que envolve o pensar e o sentir, biológico e cultural. “Nosso pensamento é sempre acompanhado por sensações e por processos somáticos (..) a estrutura do sistema é a corporificação de sua organização”(Capra, 1996,p.68).

As pessoas em interação no discurso expressam enunciados por intermédio dos três planos integrados o da subjetividade, das emoções, do eu, com o plano da intersubjetividade, da relação com os outros, e por último articulado às contribuições da linguagem objetivada e instrumental, que propicia a transformação da natureza. Cada uma nas esferas de comunicação ressalta um aspecto da linguagem, sendo a primeira manifesta-se predominantemente nos gestos, na expressividade, na força das imagens e tem forte presença no campo da arte e da estética, por ultimo, a terceira encontra o apoio no campo da técnica e da ciência. Uma hermenêutica performativa onde o desafio é promover a comunicação entre as esferas , de tal maneira que se possa corrigir os rumos unilaterais de desenvolvimento da racionalidade que apostou em apenas uma dessas dimensões (TREVISAN, 2002)

A tentativa de restabelecer o lado humano, os sentimentos, desejos e fobia necessita se sustentar em alguma instância, que outorgue seriedade e propriedade aos fatos pesquisados, no sentido de dar universalidade aos mesmos. Portanto o registro da história das mentalidades, meada pela história cultural, possibilita a análise das narrativas da memória, nas historias de vida representadas na pesquisa no corpo próprio das fontes orais.Uma dinâmica que se apropria da visão de conjunto, para aproximar uma propositiva plural, que aponta caminhos alternativos para a investigação, que aproxima o social em conexão com as diferentes utilizações do equipamento intelectual.

[...] Chartier propõe um conceito de cultura enquanto prática, e sugere para o seu estudo as categorias de *representação* e *apropriação*. [...] *Representação* é algo que permite “ver uma coisa ausente”, quer como “exibição de uma presença”. [...] *Representação* é a “pedra angular” da Nova História cultural, o conceito de *apropriação* é o seu “centro”. Frisando que o conceito de *apropriação* é diferente da de Foucault (que pensava *apropriação* como um confisco que colocava os discursos fora do alcance dos que os produziam). Chartier afirma que o objetivo da *apropriação* é “uma história social das interpretações remetidas para as suas

determinações fundamentais”, que insiste o autor são “sociais, institucionais e culturais”. (Apud CARDOSO /VAINFAS, 1997, p. 154).

Portanto, paralelo ao vértice da investigação da percepção do corpo sujeito uma unidade expressiva, a representação na cultura enquanto prática vai aproximar o corpo próprio da cultura, sociedade e Educação em um contexto que problematiza a unidade da vida da consciência e a vida do desejo, uma relação cujo o arco intencional projeta as ações do sujeito no mundo vivido. Ou seja, a percepção da representação do corpo próprio, cria um “*jeito de existir*” que o identifica simbolicamente com outros sujeitos, uma apropriação social, que não está fechada em si, mas que remete o devir no sentido coletivo.

Desta forma, o conceito de Chartier nas narrativas do corpo próprio, vai se representar na história da cultura medieval na *Festa dos Foliões*. Uma história que narra aquilo que há de mais humano na história de qualquer sociedade, a festa e a fantasia representados pelo mito do homo phantasia, que interpreta o visionário, sonhador e criador e o *homo festivus*, que interpreta aquele que não só trabalha, mas canta, dança, reza, conta caso, e celebra. Um ritual de passagem, entre o presente e o passado na perspectiva do futuro, que coloca na apropriação da memória as representações dos valores da sociedade contemporânea, que na pesquisa vai iluminar o sentido humano das narrativas na dimensão da corporalidade imbricada no devir dos *Elementais Caminhantes*.

[...] durante a Idade Média florescia, em algumas partes da Europa, um festival conhecido como a Festa dos Foliões, ou a Festa dos Loucos. Nesta manifestação colorida, usualmente promovida a primeiro de janeiro, até padres geralmente piedosos e cidadãos ordeiros colocavam máscaras grotescas, cantavam insinuantes modinhas e, numa palavra, mantinham todo mundo em suspenso por suas sátiras e folias. [...] às vezes escolhia-se um príncipe da bagunça, um rei palhaço, ou um bispo-garoto. Não havia nenhuma convenção social que não se expusesse ao ridículo, e até personalidades mais credenciadas da região não conseguiam subtrair-se à sátira. (FOX, 1974, p. 11).

Então, o registro documental da representação cultural, faz analogia com as narrativas da memória do corpo sujeito, para investigar uma formação humanizadora, vivida na dimensão sensível e intelectual, com sujeitos ativos ao desejo e a mudança, com capacidade de fantasiar, criticar e celebrar a vida na perspectiva ontológica do humano, que ativa o pensar, o sentir e o agir no corpo, uma autopoiese que envolve a percepção do prazer no devir da existência. *Auto significa a si mesmo e se refere a autonomia dos sistemas auto-*

organizadores, e poiese- (...) poesia - significa criação, construção.(Maturana apud Capra, 1996,p.88)

A festa dos foliões situa a importância da própria festa, e coloca o trabalho no seu devido lugar. Sugere que o trabalho, de tão rendoso que seja, não representa a meta final da vida, mas deve contribuir para realização da pessoa humana. [...] A festividade, como o folgado, a contemplação, o amor, é um fim em si mesmo. Não é de cunho instrumental. Outro importante componente cultural da Festa dos Foliões é a fantasia e a crítica social. O desmascaramento das pretensões dos poderosos faz parecer sempre menos irresistível o poder deles. Eis porque os tiranos tremem diante dos foliões e os ditadores proibem farsas de caráter político. (COX, 1974, p. 13).

Através desta tessitura científica e literária pretendo colocar a importância da linguagem sensível, como possibilidade do exercício humano sobre aquilo que é inumano, visto que as agruras da vida são como a batalha dos Titãs, onde Zeus só consegue vencer a força dos Gigantes através daquilo que lhes era desconhecida, ou seja, a condição humana. Uma reflexão do papel da realidade sensível dentro uma leitura histórico-crítica da memória dos gestos, hábitos e estilo, para projetar a esperança da mudança, do pensar, sentir e agir individual, coletivo e social na percepção da corporalidade, como dinâmica ativa e sensível na Formação Humana do Professor.

A Festa dos Foliões não era nunca prestigiada pelas classes privilegiadas, mas antes condenada e criticada sem cessar. Mas a despeito dos esforços de gente da Igreja que se via atingida, e duma condenação formal baixada, em 1431, pelo concílio da Basileia, a Festa dos Foliões sobreviveu até o século XVI, quando então, na época da Reforma e Contra-Reforma, foi esmorecendo gradativamente. Suas pálidas sombras se fazem ainda notar nas paródias e folias em véspera de Todos os Santos (Halloween) e de Ano Novo (New year's Eve) (COX, 1974, p. 11).

A crítica social da narrativa a *Festa dos Foliões*, reativa o sentido do ritual festivo, ligado a sua natureza antropológica e ontológica, onde o humano exorciza e inverte os valores dominantes, na forma mítica da fantasia e da festa, dentro de uma dinâmica que implica ação-construção ativa e reconstrução. Um movimento que relaciona o corpo sujeito da percepção enquanto ser sexuado, que se coloca em situação ativa pelos estados afetivos elementares, quando realiza o movimento da existência em direção ao outro, em direção ao futuro, onde pode se apropriar do sentido da metamorfose no movimento de recomeçar.

Pode-se dizer que o corpo é a forma escondida do ser próprio ou, reciprocamente, que a existência pessoal é a retomada e a manifestação de um dado ser em situação. Portanto, se dizemos que a cada momento o corpo exprime a existência, é no sentido em que a fala exprime o pensamento. [...] é dessa maneira que o corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele. Este sentido encarnado é o fenômeno central do qual corpo e espírito, signo e significação, são momentos abstratos. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 231).

Colocar em cena o *homo festivus* e o *homo phantasia*, na formação do professor é entender a representação imbricada na memória do corpo, onde trabalho e vida se misturam subjetivamente. Que quando tomado pelo roldão das estruturas, instituído no automatismo dos gestos e hábitos faz desaparecer a festa da vida, a “*Dança Livre*”, que na pesquisa coloca o professor como ente humano, ontológico no processo, um movimento que compõe um *Jeito de Existir* com um olhar propositivo sobre o mundo, que começa na percepção dialógica do corpo próprio, enquanto existência imobilizada ou generalizada, uma encarnação que é uma encarnação perpétua, onde cada um pressupõe o outro, um sentido proposto na complexidade onde *está a associação do que é considerado antagônico* (MORIN, 1977, apud PERRENOUD, 2001, p. 31).

Porque comemorar é sempre construir uma memória comum, vale dizer, uma identidade coletiva e um projeto futuro, para recolher nova riqueza sugerida na articulação entre memória, identidade e projeto sugerida por Gilberto Velho. E porque os trabalhos e as artes da memória são sempre múltiplos, complexos e surpreendentes (NEVES, 2001, p. 12).

O corpo próprio, lócus, onde a vida realiza saberes, querereres e prazeres que não estão determinados na matéria, permite evocar um nada ativo, que continuamente faz a proposta de viver; E ao interpretar a memória na dinâmica cultural e social da realidade sensível, inspira uma interpretativa hermenêutica do discurso, uma maiêutica da meta narrativa do corpo próprio, que coloca a representação em situação de movimento e se projeta na *comunidade partilhada*.

Cumprasse assinalar, no entanto, que a festividade e a fantasia representam, entre nós, um papel muito menos importante do que nos dias de santos jograis, de visionários místicos e dum calendário cheio de festivais. E nós temos ficado um tanto mais pobres com isso. [...] Nossas celebrações já não nos relacionam como outrora, com a manifestação da história cósmica, nem com as grandes histórias da busca espiritual

do homem. [...] Nosso festejar é esporádico ou obsessivo, e nossas fantasias são calculáveis e politicamente impotentes. Nem um nem outra, suscitam inspirações para uma nova transformação social genuína (COX, 1974, p. 12).

Nesta análise consistente, *o ritual de passagem à realidade sensível*, faz a crítica a representação do corpo objeto, um modelo que afasta o real ao minimizar a dimensão sensível do percebido, ao contrário do corpo sujeito da percepção, cuja intencionalidade pode realizar na corporalidade a obra e arte do seu devir no projeto de uma vida comungada e celebrada para o prazer da existência coletiva, a *Comunidade Partilhada*. Uma abordagem, que coloca no mito do homo phantasia e do *homo festivus*, o papel socializador do corpo e considera os aspectos estético, emocional e simbólico, na situação da existência como pensamento e mundo, na unidade da vida da consciência, vida cognoscente, da vida do desejo ou vida perceptiva, sustentada por um arco intencional que projeta em torno do sujeito seu passado, presente e futuro, seus acontecimentos, seus fatos e comportamentos. Uma simbólica onde a memória do corpo, dita na metáfora do *Palácio de Cristal*, pode lançar as luzes para a construção de um novo modelo de educação e formação, uma mudança de paradigma que envolve historicidade, corporalidade e sensibilidade, um processo orgânico e sistêmico na meta narrativa da memória da corporalidade.

O ritual é a fantasia corporalizada. E é importante o termo corpo. Indica ele que no ritual a fantasia não é só mental. São igualmente importantes o gesto e o movimento. O termo corpo significa ainda uma locação histórica e social. Quem nos situa num lugar é nosso corpo. Recebemo-lo de nossos pais e por meio dele nós tocamos, batemos, acariciamos e transmitimos a vida ao futuro. De modo semelhante, é pelo ritual que a fantasia se inspira na história, atinge outras pessoas e abarca o futuro. Ela não está simplesmente vibrando no éter. Na fantasia, nosso corpo físico é abandonado e um corpo imaginário, muitas vezes marcadamente diferente do corpo físico, assume o comando [...] A fantasia só conecta e exerce sua função quando esta corporalizada (COX, 1974, p. 78).

Assim que a história das mentalidades e a história de vida na cultura, fazem o elo que possibilita repensar na representação e a apropriação do corpo sujeito da percepção a formação humana do professor. Uma narrativa da memória da corporalidade para refletir e iluminar a mudança da ampliação da percepção de valores e pensamentos, que ratificam o *Palácio de cristal*, na simbólica da fantasia e da celebração,.

2.3 - Mitos Caminhantes - Pequenas Entradas e Grandes Enredos

[...] tecnicismo por si só é contra a sensibilidade. [...] uma questão de linguagem... Sensibilidade, cada um vai estabelecer os conceitos prá si só, o que eu sinto é uma coisa, o que tu sente é outra [...] tudo que envolve sensibilidade é difícil de comunicar verbalmente; seria ótimo se nós conseguíssemos expressar nossos sentimentos por olhar, por toque, menos falado, porque o falado causa um ruído tremendo [risos] porque [...] como expressar [silêncio] nós professores fomos treinados a dar aula mais de conteúdo. No meu estágio eu me posicionei como um professor tecnicista, e a professora disse que eu tinha tendência a ser um professor libertador, ela me tirou nota, mas não vem ao caso [Sacode a cabeça, sério] [Silêncio.] Não... Eu me orgulhava de ser tecnicista [risos]. Uma cultura saindo da ditadura foi em 1990, período da ditadura, certos limites, bom [silêncio] nós não fomos preparados para discutir sobre sensibilidade, qualquer coisa mais subjetiva gera tumulto... gera tumulto, tira os alunos do lugar, faz bagunça, desorganização. Dentro de certas concepções mais conservadoras, tudo que é subjetivo não pode ser mensurado, vai ser difícil de avaliar, pré-conceitos de formação. Na Educação é mais difícil este tipo de discussão (AR, 2003).

A história de vida é um ramo da historiografia que investiga o pensar e o sentir e o agir das narrativas na memória das fontes orais, ressignificando através da identidade, subjetividade e singularidade condutas, valores e comportamentos que estão imbricados nas determinações fundamentais da sociedade na cultura. Uma dinâmica que a pesquisa vai exhibir nas configurações intelectuais contraditórias da realidade, para reconhecer uma identidade emocional, estética e simbólica de um “*Jeito de Existir*”, subjetivado na memória das narrativas, contextualizado nas esferas sociais e afetivas da Formação Humana das fontes orais.

O mundo existe para os homens e pelo fazer humano, tornando-se o homem contemporâneo daquilo que produz – linguagem, trabalho ciências artes – isto é, o mundo é mundo cultural. A cultura se torna, portanto, a captura mais perfeita do tempo e da história, na medida em que submete o fluxo temporal das coisas à ação temporal dos homens, que fazem sua própria história ainda que não o saibam e em condições que não escolheram. Nessa perspectiva, a história tanto pode ser considerada como memória – à maneira grega de narrar o que é memorável para imortalizar os mortais – quanto como trabalho – a maneira dramática cristã, na qual o curso do tempo é resgate da eternidade. E pode, enfim, ser concebida como trabalho memorioso que põe todos os acontecimentos na ordem espiritual presente (CHAUI apud FÉLIX, 1998, p.35).

“[...] O conhecimento na vida introduz-nos na vida do conhecimento de maneira extraordinariamente íntima” (MATURANA, apud MORIN, 1999, p. 57). Portanto pensar a sensibilidade é viver o sensível, não há outra maneira de perceber senão na intenção do

percebido. Na intenção da memória da realidade sensível, *pequenas entradas e grandes enredos*, aproximam na linguagem literária, algumas narrativas históricas representativas nas artes, filosofia e literatura, que vão tensionar identidade e subjetividade nos conflitos e pensamento do seu tempo no mosaico da suas obras. A visão crítica da realidade imbricada na história de vida dos autores, mostra uma criação polifórmica que faz pensar o mito e o logus, singularidade, valores e permanências armazenadas na memória individual e social dos sujeitos, no lócus do *Palácio de Cristal*. Um emaranhado de conexões ocultas que tecem o pensar, sentir e agir da existência que é natural e cultural, estético, emocional e simbólica, ontológica e humana, individual, coletiva e social, uma imanência complexa e transcendente.

Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contexto direto e que irradiem a sua significação sem abandonar seu lugar espaço temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes (MERLEAU PONTY, 1999, p. 210).

Desta forma, a memória do *Palácio de Cristal*, é um ato de invocação da representação do real que se dá através das imagens mentais, que perpassam campos de significados dados na dimensão social da realidade sensível, nas imagens, na memória dos sentidos, sons ruídos e cheiros, que compõem o rico universo da representação na perceptiva sensorial, onde as idéias de associação são possíveis na interpretativa hermenêutica, que considera no discurso a presença das emoções e das subjetividades do sujeito no momento que evocadas por ele. Uma possibilidade que se colocada na cultura, está em grande parte nas artes, na literatura, na poesia, na música e na corporalidade, sistemas complexos, representivos da expressividade da realidade sensível, que podem revelar o ritmo e o compasso social do seu tempo, percebido também no “*Jeito de Existir* do artista que incorpora na crítica do real a esperança do sentido ontológico, criativo, atemporal e transcendente da interpretação da sua obra.

Há sempre o seu quê de loucura no amor, mas também há sempre o seu quê de razão na loucura. E eu, que estou bem com a vida, creio que para saber de felicidade não há como as borboletas e as bolhas de sabão, e que se lhes assemelhe entre os homens. Vou revolútear essas almas aladas e loucas, encantadoras e buliçosas, é o que arranca a Zaratustra lágrimas e canções. Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar. E quando vi o meu demônio, pareceu-me sério, grave, profundo e solene: era o espírito do pesadelo. Por ele caem todas as coisas. Não é com raiva,

mas com riso que se mata. Adiante! Matemos o espírito do pesadelo! Eu aprendi a andar; por conseguinte, corro. Eu aprendi a voar, portanto não quero que me empurrem para mudar de lugar. Agora, sou leve, agora vejo por baixo de mim mesmo, agora salta em mim um Deus (NIETZSCHE, em Zaratustra, 2002, p. 62/1844-1900).

No recorte, é possível identificar a subjetividade imbricada na obra, a linguagem da fantasia nas metáforas, há um discurso corporificado no pensamento que se abre à outros saberes retidos na simbólica imaginativa de um sujeito sensível no mundo. Uma interpretação hermenêutica da complexidade do discurso na ambivalência, do sentir pensar e agir humano. Imbricados de sentimentos e conflitos, de um tempo, de um homem que vive na modernidade. Uma interpretação hermenêutica da realidade cultural e natural, um processo que coloca em cena o observador/pesquisador.

Memória e identidade estão intimamente ligadas. Não podemos esquecer que, nesta sociedade complexa, cada pessoa pertence a diversos grupos, e que cada e que cada grupo propõe um modelo de identidade, sendo que cada grupo tem suas exigências e suas expectativas.[...] Como mostram Peter Berge e Thomas Luckmann, 1978, a realidade social não é uma realidade objetiva externa a mim, ela também está dentro de mim, e por conseguinte, todos os conflitos entre os diversos grupos aos quais pertencem estão também dentro de mim.(Angra apud Sinson, 1996, p.29).

Ante ao corpo sujeito da percepção, a obra sustenta o pensamento pré-reflexivo, onde o sujeito é o mundo que ele intenciona perceber, o qual é percebido como o mundo que intencionou, um contexto que projeta um pensar sensível sobre a realidade. A biografia de Nietzsche descreve que sua obra é o momento histórico do seu vivido, uma postura, que revela na sua veia crítica da realidade, uma identidade com a representação do *homo phantasia* e do *homo festivus*.

A abertura do homem para um futuro realmente novo depende de sua capacidade e fantasia. A fantasia pulula entre os descontentes. Isto nos sugere que olhar para o futuro e estar pronto para progredir, requer um elemento de alienação de nossa capacidade atual. Seria por isso que Jesus insistia que só os pobres e deserdados estariam em condições de ganhar o reino de Deus (COX, 1974, p. 68).

A apropriação social no mito do *homo phantasia* e do *homo festivus*, permite evocar na memória, a identificação na propositiva vivida de Isadora Duncan, a bailarina dos pés

descalços, que na auto biografia coloca a sua Dança como a obra e arte da sua vida. A própria expressão da liberdade e do espírito revolucionário, que estão presente na sua subjetividade e objetividade, um pensar sentir e agir que revela a força da mulher que não se rende ao academicismo do *ballet* clássico, modelo de expressão da dança, e nem tão pouco às políticas do seu tempo, sendo capaz de criar uma nova forma de dançar, que dizia ser a máxima expressão da liberdade, e que referia ser ainda sua própria liberdade. Uma forma que norteia os fundamentos da dança contemporânea, que incorpora nos movimentos do corpo a leitura crítica sensível do seu devir.

Sim acho que aqui há uma bela herança não revelada para as mulheres do futuro, a antiga dança que há de tornar-se à nova dança. A mulher será escultora não de pedra, argila ou mármore, mas de seu corpo, que fará chegar ao mais alto grau de beleza plástica, ela será pintora, mas como parte de um grande quadro misturará muitos grupos de novas luzes e cores mutantes. No movimento do seu corpo ela encontrará o segredo da proporção correta de linha e curva, e a arte da dança será para ela uma grande fonte de nova vida para escultura, pintura e arquitetura.[...] Você pergunta isso – respondi – como se a mulher fosse uma coisa separada e isolada de toda a vida, orgânica ou inorgânica; mas na verdade ela é exatamente um elo na corrente, e seu movimento tem de se unir com o grande movimento que perpassa o universo e, por isso, a fonte, como você diz, para a arte da dança, será o estudo dos movimentos na Natureza (ISADORA DUNCAN, 2001, p. 39.1879-1927).

Na biografia de Isadora Duncan, os significados das palavras estão intencionados no seu vivido no corpo e na interpretativa hermenêutica da memória, que se apropria da concepção da *Phisis* no sentido grego, onde a essência é comum a todos os seres e o fundamento está na realidade social. Uma filosofia que está incorporada no seu gestual e também no seu figurino, visto que este referenda as túnicas diáfanas gregas que acompanham a liberdade expressiva dos seus movimentos. A dança enquanto cultura, quando retomada na memória da gestualidade, traz a intenção do seu criador, assim como o gesto é a manifestação espontânea do corpo próprio, que está intencionado pela fonte de seu pensamento. Uma leitura crítica que em Isadora trazem a fantasia para ativar a mudança, visto que o seu movimento livre era o grito revolucionário a todos os conflitos do seu tempo. Que não mostra a dor das guerras, mas a beleza dos corpos livres. Uma dança que se identifica no ritual de celebração proposto na Festa dos Foliões, quando Fox Observa “[...] *em que a liberdade e a fantasia podem mover-se e pular à vontade. Faculta-nos uma série de movimentos que nos dão acesso a uma enorme riqueza de sentimentos humanos*” (1974, p.79).

Só se compreende o papel do corpo na memória se a memória é não a consciência constituinte do passado, mas o esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente, e se o corpo, sendo nosso meio permanente de tomar atitudes e de fabricar-nos assim pseudopresentes, é o meio de nossa comunicação com o tempo, assim como com o espaço (MERLEAU PONTY, 1999, p. 246).

Fernando Pessoa o poeta da metalinguagem, maior poeta da sua língua na modernidade, assinava suas poesias com heterônimos: era o poeta do verbo ser “o paradoxo sou eu[..]. *Dizia-se ser um criador de anarquias, era um enigma de si mesmo, ser múltiplo e paradoxal, lógico e contraditório, ao mesmo tempo; dizia-se “hoje eu defendo uma coisa, amanhã outra; eu era pagão, dois parágrafos acima, mas, ao escrever este, já não o sou* (2001, p.11). Esta narrativa autobiográfica traz o sujeito da percepção, cujo significado da linguagem revela a fonte da sua experiência e na pluralidade dos seus papéis interpreta diferentes percepções e diferentes formas de ver o mundo. Na representação da memória do seu jeito de existir, também faz apropriação na cultura do social, no sentido do *homo phantasia*.

O Mistério do Mundo

I

Quero Fugir ao mistério.
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte;
ó Dor, aonde irei?

XVII

Paro à beira de mim e me debruço...
Abismo... E nesse abismo, o Universo.
Com seu tempo e seu ‘spaço, é um astro, e nesse...
Alguns há, outros universos, outras...
Formas de Ser com os outros tempos, ‘spaços
E outras vidas diversas desta vida.
O Espírito é uma estrela... O Deus pensável
É um sol... E há mais Deuses, mais espíritos.
De outras essências de realidade...
E eu precipito-me no abismo, e fico.
Em mim... E nunca desço... E fecho os olhos
E sonho – e acordo para a natureza...
Assim eu volto a mim e à vida...
Deus a si próprio não se compreende.
Sua origem é mais divina que ele,
E ele não tem a origem que as palavras
Pensam fazer pensar...
O abstrato Ser [em sua] abstrata idéia
Apagou-se, e eu fiquei na noite eterna.
Eu e o Mistério – face a face...
(FERNANDO PESSOA, 2000, p.52, 57 – 1888-1935).

Nas falas dos autores há algo em comum, que se constrói em um jogo de tensões sociais e pessoais, que lido nas entrelinhas da memória pode reabrir a subjetividade e a identidade, que estão mutuamente relacionados aos valores de um tempo, que na singularidade do discurso das obras comungam de uma intenção para colocar o papel individual e coletivo na criticidade da realidade. Uma visão em que o sujeito não está no mundo, mas é o mundo onde apreende sentidos e significados nas relações que estabelece no seu vivido, com os objetos e os outros sujeitos, um “*Caminhante*”. Que corporifica um ritual de passagem, festivo que exorciza e recria a crítica da realidade na imagem, na metáfora, na fantasia corporificada no *Palácio de Cristal*, que contempla processos intelectivos e sensíveis, associados na expressão das linguagens artísticas e na representação da corporalidade.

O sujeito da percepção permite a reunião de linguagens diferentes, percebidas sob a dimensão da sensibilidade[...]. “*que é a faculdade de sentir impressões, que se estende em dois sentidos diferentes, no sentido afetivo é a disposição de experimentar sentimentos e emoções e, no sentido representativo (passivo), a sensibilidade é a função pela qual o sujeito experimenta sensações*” (DUROZÓI, 1993, p. 430). Os sujeitos sensíveis, os “*Caminhantes*”, corporificam no *Palácio de cristal* o discurso do seu corpo, uma possibilidade polissêmica da representação em metáforas e imagens, signos que têm a magia de romper a dimensão histórica do espaço e do tempo para aproximar o sentido da fantasia e renovar quando intencionado a percepção em situação ativa da experiência, que coloca o sentido do movimento da corporalidade no devir da existência desvelando um agir revolucionário, uma dinâmica criativa e transformadora.

[...] fantasia não só sistematiza os materiais da experiência, mas decompõe materiais e sistemas para fins de construir novas configurações. [...] carecemos dela porque a substância do universo do pensamento é mutável e complexa demais, para ser apropriada de maneira meramente racional. [...] sem isso o pensamento discursivo se definiria irremediavelmente num sistema fechado e ossificado (COX, 1974, p. 70).

Portanto, a percepção sensível da realidade, permanece na história e na memória do mundo contemporâneo como pensamento, obra e arte, um processo que promove a intersubjetividade na leitura do mito, que é corporalizado na singularidade da vida dos sujeitos,

que na pesquisa evoca das reminiscências do medievo o ritual alegórico da *Festa dos Foliões* e aponta para as fontes viscerais da renovação, que em relação ao corpo sujeito da percepção está ligado aos estados afetivos elementares, que são problematizados quando o sujeito é capaz de sentir o próprio signo no seu corpo, nos órgãos dos sentidos, onde a existência corporal continuamente faz a proposta de viver. Uma compreensão que se faz no *para si*, que intenciona o ato histórico da criação, que liga o homem ao mundo, um homem *emocionado* do seu *devoir*.

Homens que se descobrem de algum modo pensando através do corpo são, mais provavelmente reconhecidos e ouvidos como pensadores sérios (GALOP, apud LOURO, 1999, p. 116).

Neste sentido, Nietzsche, Isadora Duncan e Fernando Pessoa, através da sua obra, possibilitam uma memória individual e coletiva da representação sensível da realidade, a partir do seu corpo próprio vivido em situação no mundo, no ritual do seu existir, que nos é dado através de apropriações sociais e culturais, que transcendem o sentido da existência no *Palácio de Cristal*, não só na competência intelectual, mas na capacidade de retomar o passado como percebido na experiência e na sensibilidade do corpo próprio do sujeito. Que se revela na história da cultura prática e possibilita a exibição de uma presença, um “*Jeito de Existir*” no mundo, para marcar na memória a existência de um grupo ou de uma comunidade, “*um Caminhante*” ou uma “*Comunidade Partilhada*”, uma representação que coloca o sujeito no seu *devoir* histórico, em que os microcampos podem relativizar a intersubjetividade do processo cultural global, através da interpretação hermenêutica, descortinando identidade, subjetividade, singularidade, alteridade e complexidade.

A verdadeira celebração nos prende a um mundo de memórias, gestos, valores e esperanças que estamos partilhando com uma comunidade mais ampla. [...] O homem só se torna homem, quando reconhece e vivencia a parte que lhe cabe num drama mais amplo, drama esse e que não só representa um papel, mas que ajuda e cria. Nem mesmo a festividade mais bem planejada pode garantir isso a ninguém. Mas o homem celebra desde que começou a andar em dois pés, ou até já antes. E por certo o fará sempre. É nossa responsabilidade, hoje, aprofundar e reavivar essa celebração, para que se torne uma ocasião de alimentar as nossas mais arrojadas esperanças e saudar a maior de todas as tribos (COX, 1974, p. 114,115).

Buscar na história da cultura personagens históricos do mundo sensível, é transpor o mito da memória do passado à linguagem da representação no presente, um ritual que inova e celebra a mudança, através da apropriação vivida no sentido social, na dialética dos aspectos estético, emocional e simbólico na corporalidade, uma dinâmica perceptiva sensitiva, que amarrara a memória afetiva nos gestos para lançar seus fios na educação. Uma tessitura que promove pensar, uma reiteração de que memória é trabalho que implica ação, construção ativa e reconstrução, conexões que tecem as teias para a perspectiva do conhecimento complexo que se organiza em autopoiese, ou seja, onde[...] “*o conhecimento da vida introduz-nos na vida do conhecimento*” (MATURANA, apud MORIN, 1999, p. 57.) *Precisamos entrar no reino do pensamento complexo e abandonar o olhar simplificado que torna cego o nosso conhecimento e de modo singular o conhecimento de nossas fontes de nosso conhecimento* (MORIN, 199, p. 61).

2.4 - Um Novo Cenário

[...] padrões sociais estabelecidos, sociedade que tem que consumir, eu desarme os alunos, a estrutura da conversa deles, com a seguinte expressão – eu me recuso estruturar e aceitar que eu só posso ser feliz se eu tiver dinheiro ou tiver que consumir, gastar, organizar a minha felicidade sobre estes valores é muito frágil! (AR, 2003).

No âmbito da história de vida, as reminiscências das narrativas da memória podem conscientizar novos sentidos no contexto educativo, através de um processo *maiêutico* vivido no *corpo próprio*, que faz soar *os Ecos da Ponte Pênsil* na vida do professor, enquanto existência corporalizada ativa e submersa no movimento *das Águas da Razão e da Emoção*. Um contexto que projeta universalizar as experiências, dentro de uma perspectiva em que as pessoas comuns, através de suas vidas comuns, possam identificar contextos sociais, culturais e políticos, interpretada com acuidade e sensibilidade pelo pesquisador. Uma análise, que permeia também o processo de formação e aculturação das idéias, nos modelos pedagógicos, observados na subjetividade e identidade individual e coletiva do professor no seu pensar, sentir e agir. Sendo que na perspectiva da memória, Walter Benjamin [...] *também elege em especial a memória involuntária dos membros, isto é, as imagens de memórias depositadas nas mesmas posturas, nos hábitos, e nos gestos. Estas, para ele ligado à memória afetiva, as grandes responsáveis pela preservação da identidade individual ou coletiva* (2002).

Chizzotti observa que a história de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações, contida na vida pessoal de um ou vários sujeitos. Pode ter a forma literária biográfica tradicional, como memórias, crônicas ou retratos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo de épocas ou períodos históricos (1998, p. 5).

[...] *A educação conscientizadora visa a transformação do indivíduo em sujeito, ao invés de objeto* (Apud GOLLER, p.94), que pode se revelar no contraponto da memória, como simbólica geral do mundo, que se refaz sob um olhar sensível na intra e inter-relação com os outros sujeitos à cada fato narrado, cuja intersubjetividade emitem mensagens inconscientes que vão objetivar o fazer no mundo. Uma relação para refletir a presença do sujeito, que não só está no mundo, mas é o mundo em que vive. Um processo ativo que pressupõe rever a postura do professor, enquanto gestos, hábitos e atitudes na circunvizinhança das esferas sociais da sua formação humana.

Então, para propor um outro olhar sobre o corpo, que visa aproximar as dimensões da sensibilidade e da racionalidade, o corpo e a mente na relação do educador e educando, se faz necessário pensar a formação dos sujeitos hoje, assim como suas fronteiras e permanências no contexto histórico dos processos formativos na educação e nos valores da sociedade. Um recorte que tange olhares ciliares na história educativa, modelos pedagógicos, idéias, filosofias e visões de mundo, conexões para projetar a corporalidade no processo de formação humano, uma perspectiva que vai colocar a percepção do corpo sujeito do professor, no papel crítico reflexivo, ativo e transformador dos valores da sociedade.

Um professor é um aprendiz. É, sobretudo através da interação com os outros, que as crianças averiguam de que trata a cultura e como concebe o mundo. A diferença de outras espécies, os seres humanos se ensinam uns aos outros deliberadamente. O ser humano acumulou um talento especial para entender os gestos, a linguagem, os símbolos, as mentes dos outros: os contextos da cultura. Como se dá essa aprendizagem da cultura? Não numa rua de mão única do mestre ao aprendiz, mas na interação (ARROYO, 2000, p. 167).

No mundo atual o *éthos* está norteado por um ideário científico capitalista, que sob o imperativo da racionalidade, afasta a ciência do cotidiano do humano e imprime outros valores na sociedade que no campo da educação, vai minimizar o legado humanista desta

esfera. Esta discussão vai pontuar contextos da história da educação, para justapor intervenções aos desafios propostos hoje, que venham à aproximar o corpo sujeito da percepção na formação humana do Professor. Uma perspectiva que já vinha sendo vista em alguns olhares revolucionários do seu tempo.

O neo-humanismo na Alemanha, Schiller, Goethe e Wilhelm, (Séc. XV e XVI) desenvolveram uma reflexão orgânica em torno do homem, bem como da cultura e da sociedade, em que deveria ele idealmente viver. Um ideal de homem integral, que traga de volta a harmonia interior do homem grego, visto como o *maximum* da humanidade. [...] harmonia que reina nele entre sensibilidade, razão e multilateralidade... O instrumento para formar este novo tipo de homem é a Educação do sentimento. Para focalizar esse modelo de formação humana é necessário reaproximar-se da cultura dos clássicos gregos e vivê-la, já que foi justamente na Grécia que a harmonia entre instinto e razão, individualidade e cultura/sociedade foi mais plenamente atingida. (CAMBI, 1999, p. 420).

Na relação educação e sociedade, no período clássico, a educação representa para o homem grego, o sentido de todo esforço humano. Salientando-se a sedimentação dos valores sociais da época à atitude política do sujeito, exercida enquanto palavra e ação no coletivo da polis. Aspecto que revela a máxima expressão humana de liberdade, vinculada à responsabilidade de interação com o mundo a sua volta e a plena consciência de que cidadania, educação e política estavam postas no mesmo plano. A prática educativa, chamada Paidéia tem seu fundamento na Arete, uma educação que visa um conjunto de virtudes, relacionadas à consciência de si e a formação da pessoa enquanto cidadão. Neste contexto fica claro que a educação é um ato individual, não individualista, que se efetiva na comunidade, como um ato político, um contexto que enfatiza o entendimento social e coletivo na representação e a apropriação da realidade nos preceitos educativos, uma identidade pensada nas virtudes sociais.

Neste ideário onde a sociedade vive o sentido integral do humano, acontece uma nova filosofia no Período Medieval, com um vivo interesse pelo presente, uma nova sensibilidade, que coloca o homem como senhor do mundo, ao mesmo tempo em que surgem muitos métodos na Europa (xv), que convergem para uma formação com o ensinamento ético religioso no cristianismo, junto aos estudos clássicos (música, dança, canto, poesia). No sentido do corpo, alguns modelos apontam a ginástica, a recreação, esporte, todos em um ideal de vida disciplinado e majestoso. Um recorte que produz uma reflexão judicativa sobre

os valores, que neste contexto sobrepõe regras que formalizam um jeito de existir, uma representação que no corpo lembra o controle dos gestos da cultura no medievo.

No humanismo moderno (XVI), passa aparecer o individualismo e o domínio da natureza. A ética regula-se por uma visão pessoal do mundo, mais antropológica, cujas escolhas evidenciam cada vez mais a subjetividade dos indivíduos. A formação se dá entre indivíduo e sociedade, ativando um processo de dilaceração interna, uma pedagogia que serve ao duplo regime de individualidade, criatividade e conformação. O homem é então disciplinado na escola, ocorre o processo de vigilância inserindo-o em sistemas de controle. A escola é instrutiva, planejada, controlada e racionalizada nos seus processos, tem um papel social e profissional.

Ao mesmo tempo todas as organizações da instrução em contato com estas transformações sociais, culturais e pedagógicas, se renova: nasce a escola moderna racionalizada [...] e este novo sujeito ao mesmo tempo individualizado e socializado, veio mudar radicalmente o imaginário, que torna mais laico e mais problemático, mais consciente dos conflitos que atravessam a subjetividade, e que se encontra refletido, representado tanto no romance como no teatro.[...] (CAMBI, 1999,p.280,281)

No início do iluminismo o contexto educativo acompanhado de uma evolução econômica política, a chamada revolução industrial, produz novos grupos sociais, que continuam valorizando a teorização os conhecimento e as virtudes , bem como o domínio dos instintos, a renúncia dos desejos, os ditos da razão.

O aluno será orientado para o domínio do estilo, caracterizado pela devida concatenação com propriedade de ordem[...] no processo formativo e educativo um papel fundamenta é atribuído ao preceptor, que deve ser uma pessoa prudente e calma, com função de forjar a criança e mante-la longe do mal. [...] deve possuir boa educação e conhecimento do mundo. Deve agir... sobre tudo através do exemplo (CAMBI,1999,p.320) [...]Hegel interpreta o homem como desenvolvimento dialético, o desenvolvimento da consciência passa da naturalidade à objetividade, há uma formação integral (Bildung) em que o homem só se reconhece a si mesmo no vínculo com a realidade histórico-social, entendido no seu mais genuíno significado espiritual, isto é como cultura e civilização(CAMBI,1999,p.422, 428)

[..] Nietzsche (1844-1900) quer ser um educador e o foi na direção crítico radical, ativando no pensamento entre dois séculos em procesos de revisão radical dos modelos educativos e propostas ousadas na direção d sua superação, inspirando se em valores censurados e desprezados (o jogo, a dança, mas igualmente, a luta e a precariedade da vida etc)[..] a voz mais inquietante e mais radical não só no campo filosófico, mas também no pedagógico, no qual introduziu intenções drásticas e alternativas claríssimas, críticas agudas e projeções ousadas (CAMBI, 1999).

E na mesma forma em que a sociedade vai evoluindo e produz suas tensões , são instigadas as filosofias, as políticas , as manifestações étnicas, o multiculturalismo, as correntes epistemológicas , as grandes descobertas, os grande eventos representativos das celebrações , as construções das representações, a evolução tecnológica, a definição dos campos das ciências, os diversos campos investigativos, enfim há um descompasso acelerado entre o conhecimento e o mundo social, a educação e a formação , a objetividade e a subjetividade, a identidade individual e coletiva , a natureza e a cultura.

Uma dinâmica operativa e objetiva nas relações e nos valores sociais das determinações fundamentais filosóficas, políticas, sociais e culturais, para definir nas devidas dimensões temporais e espaciais a dinâmica curricular, no que tange ao conhecimento, a organização e a normatização no contexto pedagógico. A formação humana do Professor na realidade atual, se coloca no sentido do enfrentamento aos grandes sistemas que norteiam a sociedade, como aqueles relacionados a estrutura econômico, temas demográficos ou mentalidade e espaços geográficos. Uma situação, para lembrar a *Batalha de Titãs*, onde a vitória é obtida na perspectiva do humano, uma intenção que ilumina a pesquisa, no ritual da memória e da esperança ativa da realidade sensível.

A educação como sistema educativo configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação . Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar. [...] A ética não tem um fundamento racional, mas sim emocional. [...] as palavras que usamos não só refere o nosso pensar, como projetam o curso do nosso fazer (MATURANA, 2001, p. 29, 73, 91).

Uma reflexão para repensar a dimensão filosófica da formação humana na educação, que ao fundamentar o sentido micro das vidas dos sujeitos se projeta no sentido macro de uma formação político social e cultural da sociedade. Um conceito que amarra o processo formativo à complexidade do sujeito, como a obra e a arte do pensamento corporificado, uma representação de *um Jeito de Existir*, sentir, pensar e agir no mundo. Então, um *novo cenário*, busca intencionar na investigativa da percepção sensível no corpo próprio do professor, a crítica da responsabilidade epistemológica da história e da cultura, estruturada no cotidiano das vidas privadas e na complexidade dos macros sistemas institucionais totalizantes. Um pensar que envolve a relação do papel individual, coletivo e social do professor, formador e

transformador, uma perspectiva para ratificar o papel da representação da corporalidade no processo educativo, no sentido epistêmico, cultural e social da vida dos sujeitos.

Reconhecer a complexidade não é apenas um ato intelectual. Também é dizer o que ela nos faz, como a vivemos, com nossas entranhas, nossos preconceitos, nossos medos e nossas esperanças. Se negarmos o pânico, o desejo de fugir, assim como o prazer e o desafio, reproduziremos a ilusão tecnocrática: pensar o mundo sem pensar a si mesmo como pessoa complexa, feita de ambivalências, de emoções, de representações enraizadas em uma experiência, em uma cultura, em uma rede de relações (PERRENOUD, 2004, p. 47).

Neste tear de intenções a contemporaneidade surge e com ela a hegemonia construída pragmaticamente dentro e através de conflitos, a ênfase ao dinamismo social, ideológico e político estruturada entre a revolução e a restauração, ao lado, da industrialização e dos movimento de classe, na afirmação dos direitos de cidadania, tudo em um percurso não linear, com conotações de rebeldia, superficialidade, hedonismo e espírito antiaristocrático. Um conflito entre as massas e a elite, onde a massa invade a vida social pelo espírito consumista e utilitário nenhum pouco espiritualista. Há um espírito de igualdade pelo menos na teoria, um ethos de democracia que vai adentrar princípios na educação, de liberdade e espontaneidade às crianças, que também redesenham os perfis profissionais e os eixos culturais que vão orientar os saberes e torná-los formativos da mente e da personalidade, uma estrutura lógica epistemológica que sobrepõe à identidade individual de contextos e subjetivações sociais. Um contexto que é imperativo nos dias atuais, que fragmenta o sentido humano e social da existência. Uma preocupação que vai ser contextualizada nas narrativas dos *Elementais Caminhantes*, as fontes orais das narrativas.

A Marcação no Palco do II Ensaio - A representação da Metáfora

Terá o historiador a possibilidade de devolver toda a complexidade dos processos educativos, construindo uma narrativa que ajude a enfrentar os dilemas educativos atuais? (NÓVOA, apud Cambi, 1999, p. 15).

O *Movimento das Águas* direciona o campo da historiografia, nos focos da história das mentalidades, da história da cultura, da memória e da história de vida para projetar a presença da corporalidade na história da pedagogia. Uma descritiva, que ilumina um pensar crítico e

humanizador, na percepção da representação dos gestos, hábitos e estilo na formação humana do Professor, para amarrar as redes da identidade, subjetividade, fronteira e sedimentações na dimensão histórico social e cultural da realidade sensível, uma dimensão que contempla a imagem, a metáfora, a pábola e a poesia. Um sistema complexo orgânico e auto poético, inserido na macro e micro história das esferas sociais e afetivas na memória do *Palácio de Cristal*, que vão revelar um *Jeito de Existir* investigado no corpo próprio dos *Elementais Caminhantes*, que por sua vez corporificam o espírito revolucionário de outros *Caminhantes*, que transcendem na Obra a Arte do seu vivido, na imanência da sua *Dança Livre*. O dito e um rito, a concepção e uma visão, a história e uma memória , a ação e uma recriação, o humano e um devir.

Terá o educador a possibilidade de parar por um instante, olhando para o modo que o passado foi trazido até o presente para disciplinar e normalizar a sua ação?
(NÓVOA, apud CAMBI, 1999, p.15).

III - ENSAIO

O Balanço da Ponte Pênsil

Meu nome é Isadora filha de Isis ou dádiva. É certamente aquela vida selvagem e livre da minha infância, que eu devo a inspiração para a dança que criei, e que era apenas a expressão da liberdade. Nunca me sujeitei aos constantes não que me parecem transformar as vidas das crianças numa desgraça (Duncan, 2001, p.19 - 1879-1927).

A expressão e linguagem no corpo do sujeito, intenciona sentidos e significados que permitem desvendar representações passadas presentes e futuras nas narrativas dos *Elementais Caminhantes*, na intra e inter relação do seu mundo vivido. Uma leitura cujas manifestações não são ingênuas mas são partes de um processo instituído em um determinado tempo e espaço, através de práticas enraizadas nas políticas ideológicas dos sistemas, que a partir de dinâmicas ditas civilizatórias, sedimentam nos processos formativos e educativos a subjetividade do significado dos gestos, hábitos e estilo no diálogo dos corpos. Um contexto investigado na interpretação das narrativas do corpo próprio, nas esferas das relações sociais e afetivas, que sinaliza primeiro a descrição do fenômeno no conteúdo epistêmico na vertente filosófica de Merleau Ponty, para depois descortinar aspectos relevantes na singularidade da memória do *Palácio de cristal dos Elementais Caminhantes*

No diálogo, eu me liberto de mim mesmo, os pensamentos do outro são os seus pensamentos, não sou eu que os formo, apesar de os apreender mal eles surgem ou os ultrapassar, e, mesmo a objeção que me faz interlocutor, extrai de mim os pensamentos que eu não sabia possuir, de sorte que, se eu lhe empresto meus pensamentos, ele me faz pensar de volta. (MERLEAU PONTY apud MARCONDES, 2002, p. 12).

Se, o corpo “fala” sua história através de movimento, gestos e hábitos, ante uma educação instituída sob o paradigma da racionalidade, tende à ocorrer uma veiculação determinada que inviabiliza ações e reflexões para as práticas educativas desta área do conhecimento no contexto escolar. O resultado destas implicações vão aparecer nos processos pedagógicos e epistêmicos sobre o corpo, que vão se produzir somente na esfera social e cultural, ficando a escola aquém das representações e dos valores, comportamentos, modelos e condutas na formação dos sujeitos. Um contexto que traz o esquecimento da memória individual e coletiva sobre o corpo, uma crítica que minimiza a consciência ativa desta dimensão, como sendo importante na vida dos sujeitos.

Na escola, não, eu não lembro do meu corpo. Eu nunca prestava muita atenção, uma coisa me chamava atenção é que eu crescia e as roupas não. Eu tinha um pouco de complexo porque minha mãe não cuidava muito desses detalhes. Eu usava roupas *apertadíssimas*, não porque eu quizesse, não porque era moda, mas por que eu não entrava dentro dela. [riso]. Então ficava a camisa aqui. (gesticula e mostra), as calças meia canela-correndo pinto. Isso eu me lembro, do meu corpo que crescia. Eu tava vendo e só os adultos é que não viam. E eu não me lembrava de dizer para minha mãe, eu estou crescendo – Fico um pouco chateado com essa história. Todo mundo bem vestido e eu não. Pareciam hoje, estas meninas com as calças estorricadas, se mexe um pouquinho rebenta. E eu lembro assim do meu corpo, meio desengonçado, crescendo, eu não tinha aquela formação de corpo de homem – claro eu era piá, e eu não sabia o porquê? Não era biólogo como eu sou – agora, eu saberia analisar as transformações normais que ocorrem no corpo humano. Você vai desenvolver parte do antebraço, vai desenvolvendo o tórax – não, aquilo começava a crescer, eu achava estranho (TERRA, 2005).

Para análise do corpo próprio dos *Elementais*, utilizo a metodologia da história vida /história oral, que através das narrativas, vai identificar no corpo sujeito da percepção, o sujeito que não só fala sobre o mundo mas é o mundo que fala. O processo das narrativas das fontes consoma seus sentidos nas instâncias da formação, nas esferas sociais e afetivas, descortinando as fronteiras e as sedimentações da realidade dos sujeitos no corpo próprio. Nesta pesquisa, ao me referir à “fala” dos sujeitos, estou entendendo também a narrativa gestual dos corpos, a representação ou seja, *os Ecos da ponte pênsil*.

O interesse em explicar o nosso presente expressa justamente uma vontade de encontrar à vida atual um sentido. Pôr outro lado, a história nos leva a compreender o que agrupa, o que relaciona, o que põe em contato entre si os homens, fazendo que transcendam seu isolamento. Com ela (história) estaria respondendo à necessidade que temos de dar significado à nossa vida pessoal, ao colocá-la em relação à comunidade dos outros homens. O historiador permite que cada um de nós se reconheça em uma coletividade que o abarca; cada qual pode transcender sua

vida pessoal até a comunidade dos outros homens e neste transcender sua vida adquire sentido (VILLORO, apud FÉLIX, 1998, p. 18, 19).

Assim que “falar” no corpo é problematizar transversalidades que fazem parte da memória dos sujeitos e cujas representações não são dadas somente pela dimensão intelectual, mas são apreendidas pelo ato indivisível da presença do corpo no mundo, onde o conhecimento e a criticidade se instauram pela reflexão da inter e intra-relação deste corpo sujeito, como significado signifiante de expressão e gestos construídos entre os outros sujeitos em uma determinada instancia social. Uma relação que faz entender o corpo dos sujeitos, na contemporaneidade como possibilidade ativa ou passiva, e subentender este movimento como dinâmicas de transformação ou acomodação, que não são compartimentadas somente no corpo ou na mente, mas na unidade e complexidade da existência imanente. Uma reflexão para explicar a subjetividade estruturada nos gestos, hábitos ou estilo dos *Elementais Caminhantes* no sentido individual, no que tange as explicativas da espacialidade e a motricidade, do ser sexuado e como expressão e a fala, amarrando à crítica numa perspectiva histórica da realidade coletiva e social.

Desta forma, o terceiro ensaio pretende contextualizar e problematizar o corpo dos *Elementais*, para investigar, através das narrativas da memória de suas histórias de vida, interfaces e interferências dos possíveis efeitos causais, para provocar o acesso para novas discussões, onde o corpo não seja “qualquer substância material, orgânica ou inorgânica, parte material do animal e do homem, cadáver, parte principal e central de certos objetos” (LARROUSE, 1992, p. 280), um objeto do sujeito, mas seja tido como parte do processo da morfogênese do conhecimento, visto que, a corporalidade é um dos elementos da complexidade dos sujeitos e que interfere na concepção da realidade e nos processos formativos. “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU PONTY, 1999, p. 14).

Assim a história oral, nas histórias de vidas dos *Elementais* vai legitimar o discurso na dimensão sensível do seu corpo, mantendo o foco nas lembranças da sua corporalidade em diferentes esferas sociais, para amarrar no referencial teórico a subjetividade que os identifica, enquanto singularidade da memória gestual, hábitos, estilo e silêncio dos gestos. Uma

investigativa que vai projetar a corporalidade no contexto da formação humana, um processo na ótica da autopoiese e na complexidade do paradigma sistêmico.

A memória é pôr natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993: 14 apud FÉLIX, 1998, p. 43).

O corpo como processo dinâmico da expressão e comunicação dos *Elementais* no mundo, ao se fazer passado através da narrativa da memória, pode conscientizar aquilo que nele se instalou, não só na substancia da matéria mas na subjetividade onde experimenta suas emoções e sensações. Neste sentido evocar o processo de formação, nas esferas das relações sociais e afetivas no corpo é perceber o seu corpo como linguagem vivida. Assim que mexer na imagem do corpo, é entrar na história de vida dos sujeitos, que enquanto processo formativo perpassa a crítica individual e social, das fronteiras e sedimentações da história, cultura e Educação.

Então a *Ponte Pênsil* é o espetáculo para projetar, na apropriação da interpretação do papel individual e social da Formação Humana e pedagógica, a percepção da corporalidade em relação aos aspectos estéticos, emocionais e simbólicos, que associa a vontade o cuidado, alegria, a preocupação, a disciplina, a festa, a fantasia, a dor e o prazer, representados na força ativa da existência. Uma metamorfose para corporificar o *Jeito de existir* nos *Elementais Caminhantes*, que trazem as luzes e a magia para uma educação mais humanizadora, encantada na Phisis, na Paidéia Grega, na Biologia do amor e na Teoria Sistêmica.

3.1 - Os Quatros Elementais Caminhantes

Eu sinto meu corpo consciente da responsabilidade que ele tem, do que eu represento do meu País, da minha cultura, o vejo como um escudo contra a globalização da minha cultura, e ao mesmo tempo ele é uma lança em defesa, da minha cultura, então meu corpo hoje faz parte de um elo, de uma corrente muito grande de tantos outros corpos, que são responsáveis pôr isto, por esta preservação, por esta defesa, por esta exibição, por este elo desta corrente muito grande da cultura nacional na preservação de tudo isto. (FOGO, 2003).

Assim FOGO é nascido e residente na cidade do Rio de Janeiro, com formação em Pedagogia, 51 anos casado com filhos, foi professor da rede pública do Rio de Janeiro, atualmente é proprietário de uma Academia de Dança, viaja e dá cursos dentro e fora do país, é um professor de Dança de Salão, de grande representação no cenário artístico cultural dentro e fora do Brasil. Uma representação que incorpora no discurso de seus gestos e nas suas palavras, um corpo enquanto obra e arte, cuja individualidade é norteada no sentido da coletividade, o que transparece através dos sentidos e significados construídos no seu corpo, a partir de suas razões e emoções. Uma relação que incorpora na sua identidade, uma representação que faz pensar, uma simbólica dos sentimentos cívicos, éticos e sociais no corpo. Portanto, conceber uma idéia na perspectiva do corpo sujeito da percepção, intenciona o percebido, visto que este se dá a perceber pelo sentido que já se faz existente no perceptor. Uma percepção dialógica que sente o mundo e no mundo é sentida, que busca no vivido aquilo que já está em si, que identifica o mundo através da sua própria representação, que interpreta a si mesmo, um sentido que vai construir na identidade individual e coletiva da complexidade do seu existir. Uma representação que FOGO, se apropria como *marca da sua presença emocionada e festiva* viva na corporalidade, *um figurino*, que está dentro do palco e fora dele. Identificado nas suas narrativas, sempre cheias de emoção, um sentir e viver no corpo, que expressa uma dinâmica no agir ativo e marcante deste *Elemental Caminhante*, que *ilumina* e reflete nas esferas sociais o seu *Jeito de Existir*.

Portanto, neste contexto evoco à memória a minha formação acadêmica, uma interpretação hermenêutica do observador /pesquisador, nas reminiscências do meu corpo sujeito da percepção, cuja memória refaz o *Jeito de existir* dos *Caminhantes*, que hoje interpreto como sendo seres revolucionários. Este processo ocorre dentro de um período tecnicista, de políticas dominativas, da disciplina dos corpos, em que me lembro de alguns professores, que na vivência da sua práxis intencionavam os conceitos da ambivalência, do instituído com o natural, do biológico com o cultural, da razão com a emoção, do individual com o coletivo, da instrução com a formação, enfim, que aproximavam o mundo vivido e percebido, através da “fala” dos seus corpos.

Era um período da ditadura militar, no ano de 77, cuja dureza da realidade política me passava despercebida – mesmo sendo filha de um apaixonado Coronel do Exército, esta dimensão não fazia parte do meu vivido - meu mundo era um pequeno núcleo familiar e um contexto acadêmico, reduzido a formar corpos iguais, cujo modelo não me era cabível, mas, que eu relutava por abandonar. Talvez porque havia, em meio à esta dureza exercida sobre os corpos, aquelas aulas de expressão

corporal, onde se reuniam dois professores, uma professora de dança, nossa técnica de GRD, e um professor de ginástica – que já contrapunham os tabus, que na época, já estranhavam o fato do homem dançar – com quem vivíamos experiências, que mexiam com os modelos e padrões daquele contexto machista, onde éramos chamadas de “Jaciretes”. Um dia – mais uma inesquecível lembrança destes corpos [emoção] – adentra naquele espaço extracurricular, nosso professor de recreação, um Senhor com bastante idade, tirou seus tênis, ficando só de meias e também começou a dançar – era para ficar de olhos fechados, mas eu lembro, que eu espiava o que hoje recordo na memória, daquela *figura Humana*, que junto aos outros dois professores, se despiam de seus papéis e se colocavam juntos à nós, para construir *um outro jeito de existir* (HF).

São estes Professores, Jacira Paixão, Rui Krebs e Jardini Tombési, do Centro de Educação Física da UFSM que intuíram meu primeiro encontro com *Caminhantes*, percebido no meu corpo sujeito da percepção, onde a representação simbólica dos seus corpos nas narrativas da minha memória, revela os significados instituídos nos fatos da história, que transcendem o tempo, o espaço e a existência, cuja identidade e subjetividade vão se interpretar no mito do *homo phantasia* e no *homo festivus*, a representação que na pesquisa, permite “a exibição de uma presença” (CHARTIER, apud VAINFAS, 1997, p. 154), que não pretende ser universalizada, mas que possibilita a análise e a apropriação de relações e valores que hoje podem aproximar *outros Caminhantes ao balanço da ponte pênsil*, um contexto que perpassa uma construção da cultura que perpassa os aspectos simbólico, estético e emocional da vida do humano.

Aliás, sabemos que as artes, os corpos, os sentimentos, as pulsações, o imaginário... têm sido as dimensões do ser humano mais controladas nas teorias pedagógicas e nas instituições educativas. As mais ignoradas nos currículos. Possivelmente porque não cabem em paredes, resistem em ser guardadas e disciplinadas. Os projetos inovadores recuperam essas dimensões da condição humana como direitos, como componentes da humana docência, não como temas transversais, mas como direitos dos educandos e educadores. Essas transgressões de corpo inteiro mexem com o corpo inteiro dos mestres, que descobrem-se humanos pôr inteiro (ARROYO, 2000, p.149).

Pensar o sentido da existência no percebido é compor enredos que ultrapassam o tempo histórico, é conceber linguagens que fazem parte da complexidade da cultura e da sociedade, é retomar contextos, saberes e prazeres, é sentir emoções, é conceber o ontem para fazer o hoje na perspectiva do amanhã. Assim que identidades são construídas também no sentido ético, que codificam um jeito de pensar o mundo, de agir e de sentir, que incorporo ao sentido da Mitologia no conceito da *Phisis Grega*, que mostra a constituição humana vinculada à natureza, uma phisis, uma essência que se mantém e que produz uma identidade,

uma irmandade entre todos os seres vivos, uma ética autônoma, para os quais o fundamento é a vida em comunidade na *polis*, uma ética no sentido da autonomia própria da natureza humana. *Um conceito compreendido na formulação aristotélica, como aquilo que tem o movimento em si mesmo, um princípio imanente que atua para um fim, que não é outro senão a própria natureza* (Soares, 2001, p. 28). Um estudo que se vincula à teologia, na medida que se desdobra da física para a metafísica.

A reflexão sobre o conceito de *physis* pode tornar-se importante na medida em que a essência possa ser identificada com a própria vida e com a consciência do direito à vida, fundada numa organização social que permita que o *um* e os *outros* possam se manifestar em cada um, e que tal reconhecimento constitua uma nova cultura, portadora de uma nova relação com a *physis*, natureza interna e externa (SOARES, 2001, p. 39).

Uma relação que vai atribuir um sentido ético à coletividade, a *physis* comum a todos os seres vivos, que traz o sentido de uma essência que se mantém, ao mesmo tempo que produz uma identidade, uma interligação permanente entre todos os elementos, que faz a ponte com o corpo sujeito da percepção. Então ao nominar *Água, Terra, Fogo e Ar*, os *Elementais*, já indico, uma filosofia, uma maneira de pensar o mundo, sustentada no rumo do reconhecimento partilhado da complexidade, não só como dimensão pessoal da experiência de cada um, mas como dimensão coletiva e profissional, uma construção que perpassa a intersubjetividade dos sujeitos, no processo de formação natural e cultural nas “falas” do corpo. Uma relação que vai revelando um pensar coletivo, a *Comunidade Partilhada*, que contextualiza o pensar, o sentir e o agir nos *ecos da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção*.

Hoje, estamos todos imersos num processo de globalização acelerada e em decorrência, também, de busca de identidades perdidas. Neste conjunto de circunstâncias existenciais e intelectuais, postula-se a necessidade de se criar em outras falas, outras praxes (ações), outras discursividades, introduz-se a diferença – o outro como contraste – o contrário do afã da unidade que caracteriza o universo da modernidade; descobrem-se a alteridade e a diversidade. “O mundo industrial se descobre não apenas poluidor e masculino, mas também branco e ocidental. [...] No quadro da desconstrução dos valores do universo entendido como modernidade, rediscute-se o sujeito na história que não é mais um ente abstrato, como humanidade, mas sim, os diferentes atores sociais. Com isto rediscute-se também a questão do humanismo e da subjetividade e de sua imersão em um novo tipo de poder” (FÉLIX, 2002, p. 19).

Ao entender que a Educação nunca é um processo neutro, é necessário introduzir um pensar sistêmico, onde toda a complexidade interna tem sua interdependência com um pensar externo, para construir um sujeito ativo e responsável do papel de agente histórico, atento ao cenário da memória no universo da cultura nos fenômenos da globalização, da regionalização e da particularização.

Cultura corporal é cultivar o corpo, cultivar o corpo é prá eu cuidar da saúde, cuidar da saúde prá mim, é qualidade de vida. No final se nós fizermos uma ponte, assim você vai ver que a cultura do corpo termina na qualidade de vida. Então é um objetivo que eu acho muito importante, não só prá estética, acompanhando a moda, ficar com aquele corpinho, todo sarado - já nesta - já nesta minha idade - mas principalmente pela qualidade que se torna mais interessante [...] digamos que eu caminhando lembro muito o meu pai. Lembro um italiano, eu acho que tenho um pouco dessa italianidade, na própria maneira de caminhar é esse movimento eu acho que tem um pouco de cultura dos meus antepassados que eu herdei de forma cônica ou inconsciente, mas eu herdei, até a minha voz está ficando parecida com a dele. Uma maneira genética que depois se socializa. A cultura italiana fora o movimento, prá mim é música, é canto é alegria, um povo esfuziante, que você chega lá tudo é festa. Dessa última vez que lá estive, fiquei dois meses, eles tem sangue, nós temos um sangue muito parecido com eles, nós somos muito parecidos, eles recebem muito bem. Uma coisa que eu absorvi fora o movimento, é a expansividade, esse amor pelo canto, amor à música. esse jeitinho de italianidade. Basta ver, são conhecidos no mundo inteiro, as melhores óperas são italianas. Eles cultuam muito, a ópera é o teatro cantado, tem expressão corporal, visual e tudo. Eu vejo nesse sentido, e fora do movimento o corpo como cultura, o corpo prá mim é cuidar (TERRA, 2005)

As narrativas da memória confirmam no corpo a representação de muitos dos significados, não só concretos palpáveis como a moda, os padrões estéticos, quanto os imateriais perceptíveis, sensíveis e identificáveis, uma questão que não está calcada só no comportamento dos indivíduos, grupos e instituições, mas também nas posturas epistemológicas, onde estão definidos os conhecimentos, seus construtos, suas finalidades, sua valoração e hierarquização, uma discussão que hoje envolve Ciência, Educação, Política, História e Sociedade. Um contexto corporalizado nas narrativas de TERRA, quando ao falar do seu corpo, aborda um pensar sobre a cultura italiana e começa a tecer interfaces nos saberes das ciências biológicas, culturais e sociais, os prazeres vividos na música e no canto, um discurso emocionado na ética e na estética, que revela no seu *Jeito do Existir*, o pensamento sistêmico, orgânico, e epistêmico, *ordenado* e *sensível ao cuidado* individual e coletivo. Uma rede de valores que tecem com o mesmo *cuidado*, as bases da sua presença biológica e natural, um prover nas *forças* da sua existência cultuada, ora, no sentido individual, ora, no sentido coletivo. Assim é a representação de TERRA, *orgânico*, que se

basta enquanto *ordem*, mas que se *recria* no outro enquanto representação estética, que vai corporificar nas suas falas, a *Aesthesis*, no sentido de viver emoções com o outro. Terra, é um *Elemental Caminhante*, tem 60 anos, é Mestre, Licenciado em Biologia e Geografia, solteiro, descendente de italiano, foi Professor da Rede Pública Estadual, é aposentado da UFSM, ministra aulas de Italiano sendo que fez sua Proficiência na Itália. É Professor da Rede Universitária Particular.

Eu acho que a gente tem que conceituar algumas coisas. Eu acho que cultura é alguma coisa própria tua, que tu tens, a partir das tuas vivências, daquilo que tu adquiriu, do teu dia-a-dia, nas tuas histórias e tal. [Passa a mão no pescoço] A cultura corporal é justamente isto em relação ao teu corpo, quer dizer, o que tu adquiriu com relação ao teu corpo, que tu foi buscar, a forma como tu sentes, a forma como tu vês o teu corpo é a tua relação com o todo. O que eu posso dizer, assim, eu faço uma relação interessante porque meu corpo é tudo para mim, ele se relaciona pôr mim, quer dizer nós nos relacionamos com o todo, com a vida. Eu sou o meu corpo, ele é eu, e a minha relação passa pôr isso também. Eu acho que eu tenho uma consciência corporal muito interessante, eu tenho consciência plena dos meus problemas, das dificuldades que meu corpo implica, né [riso] aquela velha história, como é engraçado o gordo colocando as calças. Então, é legal assim eu sinto até em relação ao padrão de vestimenta, de indumentária, o que é legal de vestir, o que não é legal. Você procura o que é bonito para o gordo, bota listra horizontal, bota isso, aquilo. É... eu acho que isto tá na relação da cultura. (ÁGUA, 2003).

ÁGUA é Professor e Mestre em Educação, licenciado em Educação Física, 40 anos, solteiro, tem um filho, é integrante da Rede Pública Estadual e Municipal, foi Professor da UFSM e é Professor da ULBRA, atualmente exerce cargo administrativo na Rede Estadual. Nesta narrativa ÀGUA aborda o conteúdo escolar e epistêmico, o corpo enquanto objeto de estudo da cultura corporal, dos processos educativo do componente curricular Educação Física. Também aborda um olhar não epistêmico na relação homem, natureza e sociedade, questões que ÁGUA interpreta no corpo sujeito da percepção, onde o sujeito não somente está no mundo mas é o mundo e assim se vê, dentro dos padrões estéticos que validam modelos, posturas que são corporalizadas na vida da sociedade, uma leitura crítica do seu corpo enquanto figura e fundo no mundo. Um *Caminhante* que vê a representação no sentido do para si, que coloca no mundo o seu jeito de sentir, que contrapõe os modelos e os comportamentos do seu tempo. Uma *exibição criativa*, do corpo com roupa, sem roupa, rindo, uma *alegria* que ele coloca *dançando* no sentido individual e coletivo, no movimento *expressivo e espaçoso* da sua gestualidade, que marca um espacialidade que toma a proporção do seu corpo, que mesmo quando se recolhe no toque do próprio corpo, parece comportar uma *explosão fluída e simbólica* de um *Elemental.Caminhante*.

A interpretação do mundo cotidiano possibilita a contextualização dos temas, para inferir outros olhares que possam auxiliar na ruptura do poder do estruturalismo, que não está somente nas instituições, mas no emudecimento dos corpos enquanto relação do sujeito no mundo. Ressignificar o corpo na história da vida dos *Elementais*, é pensá-lo como conhecimento epistêmico da Cultura Corporal, é tensionar a representação da sua dimensão social, cuja história da cultura descrita na memória, vai se refazer na relação com outros sujeitos. Então as narrativas da memória dos *Elementais Caminhantes*, pode auxiliar para contrapor a estruturação do individualismo, impulsionada pelo modelo pedagógico da modernidade, quando a *physis* vai se esvaziando numa perspectiva individual da ética e da estética e a *physis* comum a todos os seres vivos transforma-se no físico material e singular de cada indivíduo... (SOARES p.2001, p. 38).

A questão religiosa na família do pai, é mais – como é que eu vou dizer – não é tanto, os dois são católicos para começar, a família da mãe muito presa aos padres, aos dogmas da religião, ao que é pecado, ao que não é pecado, tudo que conforme [silêncio] as normas da igreja. A família da mãe... E a família do pai mais ligada na fé, mais ligada em Deus, mais... Sem se preocupar muito com esta questão – isto pode, isto não pode – meu pai mais ligado na consciência do que é certo e o que é errado, e a mãe seguindo mais as regras. Então o que eu me lembro assim, a mãe seguia rigorosamente, na missa, seguia *rigorosamente todo o gestual*, senta-levanta, de joelho, levanta os braços, baixa os braços [Risos], é a primeira da procissão para a comunhão e tal... Sempre... e o pai não, o pai... Tanto é que eu, e o meu irmão, que eu me lembro mais e... A mana – não, eu me lembro que ela é mais longe do meu irmão – mas se nós estávamos na missa e queríamos sentar, nós pedíamos para o pai para sentar, não pedia para a mãe, porque a mãe mandava ficar de pé [Riso], o pai não, o pai permitia que tu fizesses aquilo que tu tinha vontade, quer ficar de pé, fica, quer ficar sentado, fica – vamos dizer assim – o corpo ele usava mais pela vontade dele e não pelo código, preestabelecido dentro da missa no cerimonial. Ele não encontrava nenhuma forma de despeito, nisso, seguia a intenção dele voluntariamente, não se preocupava. A mãe... Se tivesse com a mãe, ela chamava atenção, nossa, tinha que ter um certo comportamento, o pai não, deixava sair do banco, se tivesse que caminhar pôr dentro da igreja podia (AR, 2003).

Professor de Física, Bacharel em Engenharia, 34 anos, docente da rede particular, AR ministra aulas no ensino fundamental, médio e superior, é casado, atualmente professor da URCAMP, Rede Objetivo, e Colégio Santana. O corpo sujeito da percepção de AR faz uma reflexão entre subjetividade e identidade, em “falas”, que adentram a cultura religiosa, percebida através dos estados afetivos elementares, da emoção, que evocam no corpo próprio a fonte da expressão e a significação da gestualidade, não no sentido intelectual, mas no sentido da percepção sensitiva, percebida e aprovada no outro, no corpo como ser sexuado. AR revela nas imagens mentais dos hábitos corporais, mensagens sensoriais construídas na

relação de identidade com os seus pais, uma significação que ele incorpora no sentido recíproco da vida corporal e do psiquismo, uma percepção que não é objetiva, mas é apreendida no mundo das sensações, imbricada na sua subjetividade, cuja conduta estruturada, no seu corpo, está norteadada em categorias *como vontade, comportamento, normas*, e outras palavras. Um modelo, que nesta narrativa está ancorado na *disciplina e no controle* da corporalidade, que coloca a representação na pedagogia escolástica do período medieval. Uma percepção cuja representação pode incorporar apropriações das categorias no seu cotidiano, construindo modelos emblemáticos no corpo e nas palavras, um mecanismo de adesão, que só vai tomar novas interpretações se posto no movimento da existência, onde o corpo se apropria do sentido da metamorfose, que transforma em sensações o que recorda no passado ou o que vive no presente. Então não é o simples gestual que AR recorda, mas a significação sobre sua sensação, que se refere ao passado e ao futuro, ao eu e ao outro que ele compreende enquanto sujeito psicofísico da experiência no mundo. Assim é AR, uma *ambivalência de sentidos*, que lhe dão *a essência* da ordem com a desordem, onde pode ser alegre e circunspecto, apreensivo e espontâneo, sensível e indiferente, controlado e dinâmico, *subjetivo e necessário*, capaz de arrolar as fontes dos significados das palavras, na interpretativa *discursiva e dinâmica* da representação do ritual da memória. È AR um *Elemental Caminhante*, que incorpora todas as vidas em si e se emociona em todas as vidas.

Memória é essencialmente um ato de evocação, isto é, o ato de recuperar mentalmente a imagem; portanto, é um ato de representar o real que se dá através de imagens mentais, pois o passado, enquanto tal, não volta. Ele retorna apenas na lembrança. A evocação/lembrança dessas imagens mentais se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser de natureza iconográfica, de natureza perceptiva sensorial, quando desencadeada pôr idéias, associações, e de natureza do universo da memória dos sentidos: sons, ruídos e cheiros compõem o rico e diversificado do universo denominado de bens ou patrimônio imateriais (FÉLIX, 2002, p. 23).

Assim, o encontro de caminhantes se dá através das idéias e dos sentidos que os corpos percebidos vão refazer, na sua relação vivida intencionada pelos seus significados, cujo signo expressa também as relações com o outro, referentes ao passado, presente e futuro. Um movimento, que se dá no sentido natural e ativo da memória da existência, imanente na corporalidade a partir de uma ética incorporada que começa identificar um *Jeito de Existir*, cujos significados vão ser resignificados na memória dos gestos, que codificam nas narrativas os valores, modelos e comportamentos, que estão ligados à cultura, um tempo e um espaço,

decodificando na intersubjetividade os sentidos afetivos, sentimentos e emoção, percebidos e vividos nas esferas das relações sociais e afetivas.

Ahh ... Tranqüilo, meu corpo aí, não é meu [riso] ele é de todo mundo [risos] é claro, é claro, é como se eu – sem querer ser pretencioso – é como se eu fosse, um patrimônio nacional, não é? O corpo já não me pertence mais, eu quero fazer uma coisa, o corpo quer fazer outra, eu tenho que mostrar o corpo, eu tenho que fazer porque as pessoas esperam, a gente deixa de ser um pouco dono de si, entendeu? Eu faço com o maior prazer porque, afinal de contas, eu estou fazendo uma coisa que é minha, brasileira, que é a defesa da minha cultura, e aí vai... [abre os braços] (FOGO, 2003).

No encontro dos quatro *Elementais*, os ecos da ponte pênsil colocam o sentido da existência na imanência da corporalidade, através da interpretação polissêmica intersubjetiva no lócus da memória, onde estão guardados os pertences que recebem e que ao parar na estrada, oferecem à outros *Caminhantes*, que lhes retornam as ofertas que tornam-se à guardar. Um processo sistêmico e dinâmico, que não lhes permite parar de receber e oferecer e nem parar de caminhar. Uma dinâmica ativa e dialética, nas esferas sociais que também são afetivas, onde suas narrativas começam a desvelar, os *Caminhantes na representação corporificada*, na emoção e na ética, no cuidado e na estética, na alegria e na fluidez, na ambivalência e na imanência, onde os valores, as verdades e as idéias ratificam a memória da corporalidade nos aspectos emocional, estético e simbólico do humano, que se faz mais humano no seu *Jeito de Existir*.

3.2 - Juntos na Travessia do Tempo

A descoberta do meu corpo na escola é muito legal, foi quando eu comecei a descobrir que eu tinha esta musicalidade corporal, que eu tinha essa possibilidade de usar o meu corpo... [silêncio]... para dança, para me comunicar, eu era muito solicitado até para conquistar, até para conquistar, porque eu percebia que as meninas, na verdade, na verdade – eu só posso dizer a verdade – eu só pensava nisto [riso], porque meu corpo era um chamariz, todo mundo gostava de me ver dançar, qualquer movimento que eu fazia com ritmo, as pessoas diziam que eu tinha talento, então eu usava isto para conquistar as meninas, e isso... [fechou o cenho da testa] me prejudicou porque eu não tinha talento prá papo, cantada, eu sempre usei o meu corpo prá conquista. A palavra... a oratória prá mim, e eu não tinha habilidade com a palavra de ... me expressar, a minha expressão era toda no corpo [mexe-se, de forma desconfortável] ... um tempo, grande parte da minha vida eu, eu era quase que mudo, entrava mudo e saia calado, mas prá movimentar, prá me mexer... [muda a expressão, torna leve, se solta], então eu andava de um lugar prá outro, só prá *nego* perceber a minha. [postura alta]... Entendeu? Eu sempre tive *um corpo, um físico muito privilegiado*, um corpo bem, bem definido, então acho que isso era um grande barato, que eu tinha como uma forma, acho que era uma forma positiva de eu me

lembrar, foi quando eu descobri o meu corpo como um instrumento de oratória, um instrumento... um veículo de comunicação (FOGO, 2003)

Da mesma forma, que FOGO se descobre na meta narrativa do seu corpo sujeito da percepção, enquanto movimento, linguagem e expressão, posso desvelar através da minha percepção sensível, a descontinuidade rítmica das frases nas palavras repetidas, paralelo a fisionomia alterada do seu rosto, oposta àquela de quando fala das coisas que no seu corpo lhe dá prazer. Os gestos de desagrado ou de satisfação que são evocados da sensação do passado trazem os significados das representações daquele momento, questões que pensadas em outro espaço e em outro tempo, tornam conscientes os significados das palavras, construídas na intersubjetividade manifesta na unidade sensível, onde os gestos ou a mímica emocional são signos naturais e a linguagem um signo convencional, percebido no momento em que FOGO se coloca sob aprovação do outro. É evidente que a relação do corpo enquanto movimento da sua existência, na espacialidade e na motricidade, traz também a interpretação de si sob o olhar da dimensão da estética. Que se coloca na condição de semelhança, ou diferença, uma identidade, que se forma na cultura, que não teve a intervenções na escola. Local, que ao contrário faz a relação da diferença, que neste caso percebe o corpo pela ausência do que é hegemônico, o significado importante da racionalidade na linguagem codificada das palavras, uma crítica que coloca FOGO sob o olhar de de *Dioniso*, que se aprova sobre o olhar do outro, mas que ele busca em outros aspectos a superação da sua então “diferença”.Então, a dinâmica ativa do corpo pode ampliar percepções, valores, fronteiras e concepções na rede da complexidade da vida, contexto que não é discutido na escolaridade de FOGO.

È. Sempre foi muito misturado, porque minha família sempre participou muito das atividades da escola e, até a 4ª série, a minha escola ficava [silêncio]... distante apenas uma sanga da minha casa, eu só saía de casa, atravessava a sanga e ia para a escola, e nas brincadeiras de infância que nós fazíamos, sempre eu levava um pouco de vantagem, porque eu era o mais forte, não é? E na escola então, pôr vezes, eu ficava um pouco marginalizado, porque, como eu era o mais forte, o mais gordinho, quando tinha brincadeira de empurrar, ou coisa assim, algumas atividades que a gente realizava na escola ou de jogos, eu era sempre o mais forte, então isso me marcou bastante; depois, da 5ª à 8ª série, nós fazíamos um trabalho de iniciação desportiva, então os jogos aconteciam, como handebol, futebol e até no atletismo, também isso me diferenciava. Já não tanto no Ensino Médio – antigo 2º grau – que eu fiz naquela época do ginásio e aí, mais ou menos todo mundo no mesmo padrão, todo mundo era forte, todo mundo era um pouquinho maior, então, isso já não criava tantos problemas assim. Mas na Escola... o que mais me diferenciava no caso, era o fato que eu, tinha uma vida, vamos dizer, política, muito ativa na Escola. Fui presidente do Grêmio Estudantil, um monte de coisa, então isso, as pessoas já viam... né, já me viam de uma outra forma, e sempre com aquele, aquele rótulo, *gordo, gordo, o Gordo*, tanto que esse era o meu apelido: gordo. E depois a questão do pescoço, que era muito grande, muito forte, esse me marcou, tanto que esse é

meu apelido até hoje na faculdade, o *Pescoço*, em virtude que os colegas não conseguiam me abraçar pelo pescoço, porque ele era maior que os braços dos colegas(ÁGUA, 2003).

Na “fala” de ÁGUA, é possível apreender o corpo *Criança*, em narrativas que referem a motricidade e espacialidade no sentido ontológico natural do corpo próprio, enquanto forma no sentido de figura fundo, identificado no movimento ativo da corporalidade, o corpo da ação do sujeito que intenciona e é intencionado pelos significados instituídos nos aspectos culturais estético. Que não tem intervenções no contexto epistêmico da Escola, que é ignorada enquanto produção deste conhecimento, pois em nenhum momento das narrativas do corpo de ÁGUA, que é professor de Educação Física, há referências de algum aspecto formativo nos conteúdos desta prática, e nem tão pouco, do professor deste contexto. Há, isto sim, uma relação de autonomia sobre esta dinâmica natural, uma dialética do corpo próprio em relação ao vivido, onde o sujeito intenciona a consciência a um mundo físico, que no duplo movimento de sedimentação e espontaneidade, espacialidade e motricidade busca na estrutura do mundo o nivelamento deste processo, cujo resultado forma seu pensamento, e sua consciência.

O tempo, assim como o espaço, não é um a-priori no sentido Kantiano, ou seja, uma propriedade natural dos indivíduos, mas sim, uma ordem que tem que ser aprendida, uma forma cultural que deve ser experimentada. [...] O conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. De imagens de espaços que, para nós, foram alguma vez e durante algum tempo, lugares. Lugares nos quais algo de nós ficou e que, portanto, nos pertence, que são, portanto, nossa história. (VINÃO FRAGO, 2001, p. 44, 63).

No entanto, o que torna preocupante é que este processo natural, é desencadeado pelo arco intencional que se manifesta pelo movimento do corpo, que pode se dar a partir da sensação que o outro nos intenciona, na categoria do *corpo como ser sexuado*. Uma categoria que diz respeito a existência, a história dos homens com os outros homens, que implica aprovação, aceitação, auto-estima, respeito, inclusão, entre outros valores que neste olhar fenomenológico do corpo sujeito da percepção, não são construídos na dimensão intelectual, mas são vistos e operacionalizados nos processos sensíveis do corpo para compor as condutas estruturadas. Ou seja, o corpo sobre a apreciação do outro, tanto pode motivar o movimento como inibir, da mesma forma pode trazer o sentimento de prazer da existência como pode fechar a existência ao mundo. Um contexto para refletir sobre quais memórias e representações acontecem nas dinâmicas sensíveis e que pertencimentos vão maximizar ou

minimizar os efeitos causais, na história de vida dos alunos nesta dimensão esquecida na escola?

As mãos falam junto comigo, abundantemente, quando dou aula de física. Em muitas, muitas situações abstratas eu sou obrigado a utilizar as mãos pra explicar, um átomo, por exemplo, prá que o aluno tenha noção que ele é esférico, embora eu o desenhe no plano, no quadro, tu já vai trabalhando com as mãos, vai posicionando o elétron, cria... Não é só isso, até quando se trata de coisas abstratas – tô sempre movimentando as mãos, acho que pôr falta de ter uma coisa concreta. Uma coisa que é interessante - estou misturando as coisas – quando eu era criança, eu sempre comprava roupas com bolso [riso], acho que é uma questão cultural, porque eu pensava que ia chegar uma hora, que eu não saberia o que fazer com as mãos. Mas tem uma história que faz ligação [riso] ... eu muito pouco vou no centro – talvez essa falta de vaidade no corpo – prá comprar roupa... é raro. Então, praticamente, quando eu vou no centro, é prá ir numa livraria comprar livro, e fazia muito tempo que eu não ia no centro e dou uma caminhada e me achei [riso]... muito estranho caminhando pelo calçadão, e achei que eu tava fora do meu lugar, que eu tava andando num lugar que era de outras pessoas, me sentia totalmente envergonhado, inseguro, não sabia o que ia fazer com as mãos, sabe [risos] não sabia se botava no bolso, tirava do bolso, movimentava elas no caminhar, e retornava pro bolso, uma situação bem incômoda, sem saber o que fazer, mesmo caminhando. Me sentia vigiado, eu com 34 anos, primeiro que eu não gosto, eu não gosto daquele monte de gente, parecia que as pessoas estavam me cuidando, passava a mão no cabelo, estava deslocado e não sabia me comportar, eu contei pros alunos, eles acham que eu minto. [risos]Eles acham que eu estou contando caso, e não é só pôr isso é um monte de caso. Agora tem um show...(AR, 2003).

Neste contexto que AR, começa a narrar no devir da sua prática, a presença do corpo em vários momentos vai dar continuidade ao mesmo comportamento, a mesma dimensão estética, que infere em um tipo de espacialidade e motricidade estruturada, que não sofre intervenções diferentes pela alteração da idade cronológica ou psicológico. Uma reflexão que remete pensar mais uma vez a escola, cujos conhecimentos e conteúdos desta área não trazem modificações aos preceitos da formação cultural, ou seja, não há uma crítica epistêmica sobre esta dimensão. Há sim um sujeito a mercê das visões da sociedade, incorporadas no corpo, e que no contexto pedagógico vão entender o corpo controlado do medievo, ou o corpo disciplinado da modernidade ou ainda o corpo automatizado e fragmentado pelo sistema de produção do mundo contemporâneo. Entretanto a narrativa de AR traz o sentido lúdico da expressão e da fala, no corpo de *Orfeu*, que vai encantar o sentido humano, que AR interpreta, na crítica irreverente dos ecos *da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção*.

O que conta é o território, uma noção subjetiva ou, caso se prefira, objetivo-subjetiva, de índole individual ou grupal e de extensão variável. Uma extensão que vai desde os limites físicos do próprio corpo – ou de determinadas partes do mesmo – até o espaço mental dos projetos, ali até onde chega o pensamento que prenuncia a ação e o deslocamento (BAILA, apud VINÃO FRAGO, 2001, p. 63).

Amarrar as categorias, da vertente fenomenológica de Merleau Ponty, às “falas” dos *Elementais* é um processo sistêmico e complexo, pois embora a investigação seja intencionada para as percepções do corpo nas esferas sociais, as esferas afetivas vão estar imbricadas nas narrativas, que acontecem de uma forma desarticulada, atemporal, uma dinâmica sensível ao sentido das representações no coletivo, àquilo que com o outro significa, e que pode ser resignificado nas interlocções da memória. Então as narrativas de AR estão vinculadas ao sentido do hábito, que é ao mesmo tempo motor e perceptivo, pois reside entre a percepção explícita e o movimento efetivo, um sistema que se torna mais rápido, na medida que o signo se torna mais claro. Mas, que ao fazer uma sedimentação da representação, fecha o corpo a novas interpretações trazendo uma sensação de imobilidade, uma relação que quando inconsciente, coloca o corpo na posição de objeto. Um processo que AR reverte, na maiêutica da meta narrativa do corpo próprio, abrindo o Palácio de Cristal na *Comunidade Partilhada*.

Hoje eu sinto o meu corpo especialmente quando eu estou na academia, quando eu tenho que movimentar todos os músculos, aí eu percebo, eu nem sabia que ele existia. Quando tá me doendo. Ah! Esta junta, estou sentindo uma dorzinha. Coisa que eu não dava bola antes, agora eu tenho que prestar atenção em todas as partes, porque todas elas formam o meu corpo e vão me proporcionar uma qualidade de vida maior. Eu sinto na academia, no cuidado dele. [...] um gurizinho que chegava na aula .., com uniforme sujo, não tinha certos cuidados com o corpo, e eu como professor de ciências, era obrigado a ensinar, conferir as unhas, os ouvidos, essas coisa. Ver se eles tomavam banho direito - porque eu ensinava isso..(TERRA, 2005)

Então TERRA retoma o sentido do corpo cuidado, uma interpretação que faz rede, com sua prática pedagógica contextualizada há quarenta anos atrás, que fundamenta as tendências higienistas do corpo na modernidade e que fazem parte dos conteúdos da sua área naquela época, mas que ainda hoje fazem a referência da sua corporalidade na formação humana cultural. Então na experiência do vivido nenhuma sensação é pontual, a sensorialidade depende de um campo e de uma circunvizinhança que conscientiza à percepção a consciência do vivido. Um processo que TERRA vai conscientizando na dialética do cuidado do seu corpo na academia, onde incorpora o corpo no sentido do olhar do outro, o corpo sexuado, o corpo de *Dionísio*.

Tem uma coisa bem interessante, eu estava na frente de casa e tinha um caminhão manobrando, e não sei porque cargas d'água ele vinha na minha direção, de ré, eu olhei de baixo do caminhão e achei alto, e achei que eu caberia debaixo do caminhão, me acoquei, eu ia ficar escondido debaixo do caminhão, claro que eu não caberia ia ser atropelado, se o pai não visse. Eu tinha uma noção que agachadinho, cabia, eu tinha 9 anos...[risos]boca-aberta, né?[...] Outra vez no passo do verde , tinha vontade de espiar e cá, fiquei pendurado numa draga. Eu fiquei lá pendurado até sair prá fora, não chamei ninguém, porque o Pai tinha me recomendado. Eu tratei de me virar sozinho. Podia ter morrido. (AR, 2003).

Portanto, o corpo sujeito da percepção dos *Elementais* não é algo que esteja pronto, adquirido, ele se renova a todo instante pela intenção do sujeito no vivido, que só se faz presente em situação do espaço e do tempo, ancorada na experiência em uma via que não é de mão única, e que aumenta na mesma proporção que sua circunvizinhança. Uma possibilidade que é presente á cada dia em que o sujeito intenciona a consciência no corpo percebido no mundo. Uma consciência que está presente também na intencionalidade do sujeito professor, cujo papel pôr vezes é também de referência no processo formativo do educando. Então no corpo sujeito da percepção, educador e educando podem estabelecer a relação do *aprender a aprender*, através da inter relação do corpo, com aquilo que aconteceu no passado, com a percepção do que está acontecendo hoje, na interpretação e apropriação do *jeito de existir* no corpo. Um contexto que a investigativa vai tangendo, neste ensaio no sentido do corpo sujeito da percepção, onde as análises objetivam os fatos relatados, no significados das palavras, para trazer o sentido macro e micro histórico costurados no decorrer das narrativas, da história de vida dos *Elementais Caminhantes*.

A única coisa que eu lembro agora - e que posso dizer me chama atenção - é que eu tinha muito vigor. Tinha muita atividade, eu dava aula de pé, meus colegas sentavam, eu não, tanto em Faxinal, quanto na Faculdade, eu fazia os desenhos no quadro. E eu viajava 120km, para estudar, eu trabalhava em Faxinal, e fiz duas Faculdades, estudando e trabalhando(TERRA, 2005).

Então tanto AR como TERRA perpassam suas narrativas de forma que elas não estabelecem o sentido da ordem cronológica, elas vão aparecendo à medida que fazem redes, com palavras ou intenções que já foram relatadas Que deixa possível antever, que o corpo mesmo quando não está em atividade perceptiva de situação, ele está sempre possível de se fazer presente, basta que o sujeito faça relações de circunvizinhança, que estabeleça sentidos,

onde possa reaver o sentido da temporalidade e espacialidade, ou dos significados das palavras, gestos ou estilo, para que os sentidos e as relações sejam repensadas trazendo novas significações presentes. Um processo autopoiético, que se refaz quando age, quando fala ou quando sente, uma sistêmica que está ligada a si ao outro e ao mundo. Mas que só é percebida no sentido do para si, revelando um contexto desarticulada da formação pedagógica das práticas educativas.

3.3 - Descobrimos Rumos, Paragens e Figurinos

Oh... [gesticula com as mãos] Eu sou de origem italiana, e o italiano, ele fala com as mãos, então eu tenho essa particularidade. Eu falo o tempo inteiro com o meu corpo, eu interpreto a minha história muito bem, porque eu falo com as mãos, com rosto, no próprio trabalho – pra ti ver – se eu estou calado, que eu não estou bem, quer dizer, meu corpo mostra isso, até pela forma de andar, pela forma de agir, as minhas mãos quando eu estou conversando, elas se movimentam o tempo todo. Então eu acho que o meu corpo reflete aquilo que eu estou sentindo por dentro quer dizer, eles estão juntos, não, não se dissolvem nunca, assim é o meu corpo, é a minha percepção no diário, entendeste? Existem várias situações em que isso mostra, em momentos de angústias, em momentos de ansiedade, principalmente de ansiedade, aí eu como demais. Ah! [se mexe, sacode as pernas] Quando eu estou ansioso, eu como o que enxergo pela frente: é pinto, o que tiver pela frente, é cisco. Eu, eu tinha uma cultura muita errada, também sobre alimentação, eu não tomava café da manhã, só chimarrão, almoçava muito pouco, e daí, na hora da janta, de tardezinha eu comia alguma coisa, depois jantava, depois, mais tarde, jantava de novo. Era uma cultura super errada, assim, e isso refletia muito na questão de dormir, né, de estômago cheio (ÁGUA, 2003).

O corpo como a expressão e a fala, e como o ser sexual, estão ligados ao arco intencional, aos significados da cultura e aos estados afetivos elementares na síntese do corpo próprio. A unidade sensível é percebida nas palavras, como fonte da experiência da linguagem instituída no corpo, perpassa autonomia e dependência, que estão ligadas à sensação de aceitação no outro, um movimento espontâneo e ativo que age para conscientizar a experiência. Tudo isto, está posto nas narrativas de ÁGUA que, ao falar de si, tece sua história, suas origens, os conceitos instituídos sobre ela, uma subjetividade construída na identidade das relações das suas esferas sociais e afetivas, que dão o norte das suas condutas através dos gestos, tons, sotaque e fisionomia que por sua vez são a expressão do significado das suas palavras, cuja linguagem ele mesmo revela, está na representação do seu corpo. No balanço da ponte pênsil, a razão e a emoção em ÁGUA, articulam padrões e comportamentos determinados e reconhecidos, ao mesmo tempo, que incorpora valores e sensações que estão imbricados na sua subjetividade, enquanto resultados que o diferenciam e que ele vem

conscientizando na formação da sua família, suas relações e os seus hábitos. Então, para ÁGUA, o corpo traz a sua identidade, que se faz perceber no processo pré-reflexivo formativo da cultura, onde conscientiza o sentido da alteridade e da diversidade, que percebe no seu corpo próprio vivido na sua cotidianidade, no sentido individual e no caráter social que incorporar-se dentro de uma *Comunidade Partilhada*.

As memórias sociais, enquanto partes do universo simbólico, são sempre resultantes de atos seletivos. Lembrar pressupõe um mecanismo mental de representações e de seleção do fato, do tempo e do espaço, no qual se une a fantasia com o real concreto. [...] por envolver conteúdos simbólicos, define os pertencimentos e identidades, como dialeticamente define os seus opostos, suas alteridades e fronteiras, construindo imaginários sociais: campo de possibilidade de uso e de manipulação dessas memórias sociais (FÉLIX, 2002, p. 25).

Então, o corpo sujeito da percepção, ou seja, os *Ecos da ponte pênsil, sob as águas da razão e da emoção*, é suscetível a ação dos fatos da memória, que se articula entre o real instituído e o imaginário simbólico, cujas dominações nos sistemas gestores da sociedade impõem regras e ditames aos valores, comportamentos e pensamentos, que se reproduzem também na linguagem dos gestos, hábitos e estilo, no sentido da identidade dos sujeitos.

Eu acho que é uma questão de respeito, com as pessoas para quem eu apareço na frente, e como professor, porque eu acho que eu não posso chegar na frente de um aluno e ser um modelo de professor e um desmodelo de aparência. Também as coisas se juntam um pouco, porque como professor tenho que ter um certo cuidado, o que não está acontecendo hoje, porque eu estou preocupado com a minha barriguinha, que cresceu. Constrangimento de aparecer na frente dos outros, gordinho, barrigudo. Uma vez eu tinha problema com a calvice, agora não dou tanta bola – não é que eu ame-[riso], eu preferia ter cabelo normal. talvez seja quase um complexo. Mas eu sublimiei.[...] A gordurinha abdominal e a calvice, outras coisas é instituído[.] Porque eu sempre lembro disso quando eu vou vestir, eu me lembro desse tempo da infância, com uma certa sequela, daquilo lá. Eu não consigo ver, então eu não consigo me ver dentro de roupas apertadas. De jeito nenhum, mesmo porque não é elegante.[...] eu nunca falei pra ninguém foi isso, da minha barriga e da minha calvice, todo mundo acha que eu tiro de letra. Quando eu era pequeno eu tinha o pé muito grande, agora eu vejo os meninos tem, acho que é uma coisa muito da questão de tempo.(TERRA, 2005)

TERRA vem pautando toda a suas falas no sentido da sua aparência, uma relação que começa quando ele se percebeu no corpo crescendo e que mesmo em outros momentos das narrativas ele retoma. Assim como recupera sempre palavras como *cuidado, modelo, gordinho, complexo e sublimiei*. Todas estas vista no corpo como ser sexuado, estabelecem o sentido na intenção do outro, na aprovação que este lhe confere ou não. E por outro lado,

todas estas são representações marcantes de significados culturais e sociais, que infringem os aspectos emocionais, estéticos, simbólicos do ente histórico, que o próprio TERRA coloca na expressão de “modelo” Também aparece, o contexto macro da história global da corporalidade, na palavra “sublimei” que faz reportar o período do Medievo, onde os corpo execravam o desejo na sublimação. Na utilização do pronome, “desse tempo e não daquele”, também aparece a proximidade das reminiscências na memória. Então o corpo na perspectiva do para si, no que envolve os aspectos afetivos elementais está imbricado de subjetividade, que por sua vez fazem suas ligações nas representações macro e micro históricas, que vão se imbricar na identidade dos sujeitos. O corpo como interpretativa hermenêutica, possibilita entender a fonte do discurso, na linguagem expressiva dos gestos.

Nas festas, quando eu ia aos aniversários na família da mãe, eu nunca tinha parado para pensar, mas analisando assim, pelo que a gente tem buscado na memória, na família da mãe, é uma família de origem italiana – meus avós paterno e materno, são os dois de origem italiana – são festas bem movimentadas, bem gesticuladas, uma grande comunicação (silêncio) com o corpo, grito, algazarra, bem gesticulada. E na família do pai, até vejo assim que eles conseguiam manifestar muita mais alegria, no sorriso, no rosto, que na própria expressão do corpo, uma linguagem cinemática, minha mãe, mais dinâmica, no meu pai pelo-duro, mais estático, mais parado, expressão mais pra face. Eu tenho impressão assim (silêncio), que, em termos de sentimento de alegria, me parece mais nítido, ou é talvez eu, é questão de percepção minha, ou eu gostasse mais, havia mais uma sensação de alegria nas festas do meu pai, onde era menos gesticulada, que parecia não tão (silêncio)... parecia que aquela expressão muito gestual, corporal, parecia muito, como se quisesse forçar um tipo de alegria. Na família do pai, onde as coisas eram mais estáticas, me parecia que era mais espontâneo esse momento de felicidade. Não sei (silêncio) também na maioria dessas festas eu era menor, talvez seja uma questão de percepção (AR, 2003).

Abarcar os *ecos da ponte pênsil*, nas narrativas dos *Elementais*, é permitir o acesso dos processos sensíveis ao mundo da racionalidade, é começar a soltar as amarras da ponte pênsil, é conscientizar as sedimentações e as fronteiras deste processo. É estabelecer a leitura dos corpos na sua subjetividade intencionada no espaço e no tempo vivido, cujas representações podem fazer interpretações diferentes, pois dependem da fonte intencionada e da sensibilidade à experiência conscientizada no vivido. Nas narrativas de ÁGUA e AR, ao “falar” da mesma representação cultural, da Etnia Italiana, conscientizam significados opostos. Para ÁGUA os movimentos dos italianos trazem a linguagem real dos sentimentos, questões que conscientiza no presente. Enquanto que AR, intenciona a percepção desta gestualidade em suas narrativas, sob o olhar das sensações afetivas elementares do passado, que compreende através da aprovação do outro no seu corpo, que nesta relação coloca-o na perspectiva do corpo objeto,

onde o juízo está no outro. Situações que promovem resultados diferentes, de identidade ou de alteridade, que de qualquer forma estão imbricados na subjetividade dos seus julgamentos.

AR está agindo sobre a linguagem conceitual, que se faz presente numa experiência do passado, que racionalizou condutas estruturadas, na memória afetiva dos gestos, imbricadas na sua subjetividade que, neste caso, não intenciona ação perceptiva hoje, ou melhor, está presa à representação deste passado, que nas narrativas da sua história de vida, AR justifica dizendo: “... talvez seja uma questão de percepção”. Mas, o que AR não sabe, é que este não é um processo intelectual, mas se dá no nível do sensível, no sentidos da experiência que ele codificou na relação com o outro no passado, que evoca um tipo de expressão e significação, que hoje indica a fonte da linguagem dos sentidos na representação dos seus pensamentos. Então o corpo sujeito da percepção, em ÁGUA, pensa a racionalidade e sensibilidade no presente, ao passo que AR articula a sensibilidade como dimensão racionalizada no presente, onde busca compreender àqueles valores estruturados pela imagem dos gestos, hábitos e estilo nas narrativas da sua história de vida no passado. Um conhecimento que só é possível de ser percebido, pelas representações vividas no tempo presente, quando AR era pequeno e não se distingue enquanto processo dialógico do seu corpo no mundo, quando lhe foi dado o signo no sentido do outro, um significado que ele desconhece, visto que está preso a categorias que ele não compreende no seu corpo vivido e que lhe impedem hoje de experimentar outras experiências em festas e multidões, para desvelar na sua subjetividade novas interpretações, novas sensações que pudessem clarear a interpretação formada na sua consciência a partir do corpo como ser sexuado, intencionado pelos seus estados afetivos que o identificavam mais com o seu pai, cujos significados imbricados na subjetividade não estão na Etnia, mas na sua aprovação afetiva intencionado ao outro.

A relação com minha mulher, eu sou bem capaz de dizer que te amo, com o meu corpo, que dizer mais com meu corpo, que com minha cabeça, a própria palavra até no entendimento, eu não disse isto, mas eu senti e expressei no corpo... as pessoas dizem... Há uma consequência no meu movimento do que eu estou pensando, acho que é muito latente, é muito vivo. O gesto é muito forte. No meu caminhar eu mostro a minha emoção, eu não percebi, mas as pessoas percebem, às vezes eu penso como é que eu estou caminhando. Um gesto simples tão cotidiano me dá preocupação (FOGO, 2003).

FOGO mais uma vez, coloca suas interpretações sobre o corpo presente, vivido e percebido como uma relação dialética, que permite à subjetividade acionar a intenção do agir,

ao mesmo tempo em que pensa o mundo é o mundo, a partir da sua ação. FOGO faz do seu corpo sua linguagem sensível. Um processo dinâmico, onde a vida cognoscente e a vida da consciência coexistem com a vida do desejo, vida perceptiva ligadas por um arco intencional vivido no corpo.

Prá mim a infância é uma expectativa que eu queria, crescer, crescer, eu queria me livrar, prá mim a infância era um aspecto meio de tormento, não tenho uma lembrança maravilhosa, eu me lembro de uma festa de aniversário, por exemplo, uma festa de aniversário que eu queria o quanto antes que as pessoas saíssem lá de casa, aquilo não era uma coisa boa prá mim [joga os braços, e fecha a fisionomia], prá quem era não sei, aquele monte de gente lá, que de certa forma, eram intrusos na minha vida, eu sempre me senti muito vigiado, na infância principalmente, na adolescência já não tanto (AR, 2003).

O corpo sujeito da percepção aciona na subjetividade dos sujeitos, a percepção sensível, que não é dada a todos mas que é compreendida na medida que percebe o intencionado no tempo e no espaço, o que não acontece em posição de, mas em situação da espacialidade do corpo próprio e da motricidade, que permite recriar a representação, que AR sedimenta através dos estados afetivos elementares, ligado à relação com o outro, em que o corpo é como um objeto, desprovido de intenções e sentidos, onde ele está para o outro, contrário ao para-si, ou seja, o ser que tem consciência da sua existência. Então o corpo como ser sexuado, percebido na aceitação do outro, é um processo independente do sujeito, que tem capacidade de sentir emoções e sentimentos no seu corpo, que possibilita aderir a diferentes ambientes, fixar-se em diferentes experiências, mas que se torna um processo dependente e passivo, quando o sujeito fecha-se na representação do intencionado pelo outro, deixando o seu corpo, como objeto do vivido, alheio a sua vontade.

Quando AR não se permite experimentar alguns lugares, rituais instituídos e outras situações que como ele diz, “me sinto vigiado” sem espontaneidade, se apropria do corpo no sentido da modernidade, “corpos dóceis”, o corpo de Foucault, dos espaços limitados, da espontaneidade limitada, determinista, que produz atitudes a partir de uma memória instituída, onde ele adota hábitos que não lhe permitem sair do sentido de “posição”, para “situação”, onde poderia refazer significações desestruturando no seu próprio corpo, o modelo de sua referência.

De algum modo nos reconhecemos nas situações acima evocadas, quer pela vivência pessoal, quer pelos relatos que ouvimos de nossos pais, avós e professores e

que permitem alargar a memória pessoal e fazer nossa a memória coletiva dos grupos a que pertencemos, incorporando como próprias experiências que não vivemos pessoalmente, mas que se tornam nossas pela solidariedade de linhagem, de gênero, de origem ou de ofício. Toda a memória é, como nos ensina Le Goff, essencialmente individual e constitutivamente social (apud NEVES, 2001, p.10).

Eu me sinto como um sujeito, um todo, não vejo assim diferença, diferença de meu corpo aqui [toca partes do seu corpo] se a minha cabeça, se é aquilo, eu me vejo um sujeito como um todo, eu curto um monte meu corpo, adoro o meu corpo, faço estripulias com o meu corpo, quando a gente vai a algumas festas, algumas coisas assim, – eu tenho um filho de 19 anos que sempre me acompanha, nós nos acompanhamos a festas, ele vai com a namorada e por vezes eu faço coisas que ele não imagina que eu pudesse fazer, tipo assim, ir para a festa, uma boate, no Absinto, e chegar lá para jogar uma sinuca e sair dançando, pulando, fazer algumas coisas assim bem estranhas que a gurizada já na idade deles, hoje já não faz. Eu estou no auge dos meus 38 anos e faço coisas que eles não imaginam que um dia possam fazer. Mas eu faço, porque eu curto muito e não me preocupo com o que falam, com o que dizem... bah, olha só, está fazendo isso, fazendo aquilo, e como eu tenho aprovação disso, do meu filho, da minha namorada, da minha família, tipo assim, todo mundo se diverte com isso. Quando eu me divirto, eles também se divertem, então eu curto legal. Meu corpo é tudo para mim, é como eu digo, vivo meu corpo 24 horas por dia (ÁGUA, 2003).

Então nas narrativas da memória de ÁGUA, o corpo não está à mercê das condutas estruturadas nos processos civilizatórios, onde o homem social não se permite dançar, ou se expressar livremente, uma relação que tem sedimentações na cultura na relação de gênero, mas que ÁGUA, ao contrário, nas experiências do seu corpo sensível no vivido, vai contrapor os modelos da sociedade. Portanto, o pensamento que Água intenciona, no corpo sujeito da percepção, possibilita fazer relação com o paradigma da complexidade, visto que “[...] *as coisas são complexas, ou seja, definitivamente atravessadas por contradições, paradoxos, incertezas fundamentais e conflitos, e ainda [...] não podemos renunciar ao diálogo interior, à oscilação entre a vontade de permanecer lúcido e o desejo de tranqüilidade*” (MORIN, 2001, p. 46), uma reflexão que o sujeito se faz sujeito, também pelos processos vitais, a onde se instala o movimento espontâneo, que dá à existência sempre o sentido propulsor, de movimento, de vida, o sentido da metamorfose ao corpo, que transforma em sensações aquilo que é visto no passado, que quando revivido expressa e significa no presente.

“Eu me lembro que em Santa Maria, não tinha uma valorização do esporte, não tinha nada, era uma bola e pronto, quando eu fui estudar em Bagé – colégio Espírito Santo, ai era uma super valorização do esporte, uma valorização do desenvolvimento da pessoa através do corpo, eu tive uma surpresa nesta mudança de conceito, da cultura de um colégio para o outro. Quando eu fui pra Bagé, eles estavam fazendo a seletiva para as olimpíadas internas do colégio, eu me classifiquei na seleção de futebol handebol, vôlei, no atletismo, primeiro lugar, salto em altura, distância, salto triplo. Claro fui prá todos eles, sai da seleção fui pros jogos municipais. Eu não conhecia handebol, regras eu me perdia, mas era só isto, o resto, rapidez, trabalho

com colega, tudo legal.” “Meu corpo hoje, ah sei lá, pra quem foi pra competições, foi atleta e tudo, tenho uma vida bem sedentária, sem explorar a atividade física, subir uma escada rápido sinto limitações, por falta de preparo de cuidado, por estética é irrelevante não dou bola.”(AR, 2003).

A subjetividade de AR está ligada à linguagem conceitual no sentido do corpo objeto, resultado, inculcada nos processos educativos, que em nenhum momento conscientiza o eu pessoal, reduzindo o campo da circunvizinhança na prática pela prática, que reproduz na memória, uma concepção linear, do movimento em si. Uma consciência redutora, que tanto no sentido da saúde quanto da estética, não coloca na narrativa o corpo sensível aos desejos e aos prazeres próprios, centra isto sim na representação externa do mundo, que parece desconhecer nesta fala a complexidade do vivido no corpo. AR revela o conceito de corpo na sociedade atual, onde ele percebe a medida que é percebido, desvinculado da relação espaço temporal, que indica a fragmentação das idéias, das relações e das pessoas.

Não podemos esquecer que, nesta sociedade complexa, cada pessoa pertence a diversos grupos, e que cada grupo propõe um modelo de identidade, sendo que cada grupo tem suas exigências, suas expectativas. A sociedade não é apenas uma realidade objetiva externa a mim, ela está também dentro de mim e, por conseguinte, todos os conflitos entre os diversos grupos aos quais pertencemos estão também dentro de mim (BERGER e LUCKMANN, apud SINSON, p 29).

Os *Elementais*, na perspectiva do corpo sujeito da percepção, vêm desvelar as implicações contidas nos processos vitais do corpo para, ao mesmo tempo fazer pensar o paradigma da racionalidade sobre a sensibilidade, como linguagem instituinte dos juízos no mundo, que minimiza esta dimensão do sujeito nos processos educativos. E enfraquece, a criticidade nos meios escolares e acadêmicos da vivência corporal, cujo sentido de expressão, comunicação e linguagem, deve ser assumido e percebido como parte dos processos formativo e educativo, no mundo vivido dos sujeitos na educação, visto que suas relações não estão ligadas só ao sentido individualizado, mas a representação ontológica que liga um homem a outro homem, dando – lhe o sentido de ente histórico, que está tão minimizado no mundo atual..

Acho que a pessoa que não usa o corpo como forma de expressão, ela não vive, não sabe do prazer da vida, até numa relação sexual, certamente não é só o membro que sente a libido, a sensação, o movimento e a relação dele com o outro, a experiência dele com o outro corpo, a relação corporal, a expressão corporal, a movimentação corporal tem utilidade para todo o sempre na vida dele, até na velhice. Como é que ele vai se movimentar, o tempo todo nós temos que estar preocupados com essa

relação, com o movimento do nosso corpo, eu tenho que preparar meu corpo para o amanhã (FOGO, 2003).

As lembranças trazem aos *Elementais Caminhantes* um sentido comum, um pensar comum, que os aproxima e identifica, mas que não os unifica, ao contrário, revela as diversidades manifestas, no âmbito do discurso sensível do corpo sujeito da percepção, onde a subjetividade está imbricada na significação da representação do seu corpo, a ponte pênsil, uma passagem suspensa no espaço de cada um, cujos sons ecoam na interpretativa da micro e da macro história global. Uma pluralidade polisêmica que coloca também a ambivalência nas interpretações, no balanço da identidade do corpo próprio subjetivado do investigador/pesquisador, que também está a mercê da construção do juízo da racionalidade e da sensibilidade.

Sofremos de uma insuficiência cada vez mais gritante dos conhecimentos estruturados: nesta insuficiência, cada um reconstitui, como autodidata, um fragmento de teoria que toma pelo todo, ou conserva os velhos mitos para não se ver novamente diante do nada. É necessário contribuirmos para a reconstrução teórica indispensável. Sem reconstrução teórica permanece-se condenado, a um só tempo, à degradação contínua e aos agregados confusionistas (MORIN, 2003, p. 69).

3.4 - As Muitas Cores do Palácio de Cristal

Então, assim, Oh! [Silêncio] Por exemplo, se todas as questões, né, sentimento, subjetividade, sensibilidade, só perpassam as famílias, né. A escola não se envolve com isso, o mundo não se envolve com isso. Então a onde fica a sensibilidade? (AR, 2003).

Ao falar do seu corpo, os *Elementais* argumentam suas concepções, atreladas às experiências da sua história de vida, cujos valores estão presos no seu processo de formação humana dentro de uma proposição que mistura sua forma de ver o mundo, seu compromisso com a sociedade e sua capacidade de consciência ou percepção sensível na cultura e sociedade. Nesta magia de transposição do espaço e do tempo, na história da cultura, as narrativas da memória vão fazer uma relação analógica com a representação do mito do *homo phantasia* e do *homo festivus*, colocando à crítica no papel do corpo próprio, para ritualizar a

passagem da experiência individual para responsabilidade social, uma representação que tensiona os sentidos da fantasia e da celebração, da memória e da esperança. Um contexto para investigar a realidade sensível, nas atitudes dos *Elementais Caminhantes*, que cantam, dançam, rezam, contam casos e celebram os valores humanos, nos aspectos éticos e estéticos, emocional e simbólicos para projetar e ativar a mudança nas esferas sociais e coletivas da *Comunidade Partilhada*.

O homem é, portanto, um emaranhado de intenções, emoções e sujeições, tudo isto e muito mais, imbricado da subjetividade no seu corpo no vivido, onde o individual possui uma comunidade de identidade, que estabelece o sentido histórico da humanidade, onde o destino comum torna possível sobreviver às ameaças da vida, da morte, e de outras questões, que fazem parte da complexidade da existência, onde o sujeito é parte integrante de um processo, que se auto-organiza em um sistema de correlações dinâmicas que envolvem adaptação e transformação, um ritual de inervação à vida na experiência sensível da corporalidade.

Primeiro foi minha mãe, não, primeiro foi meu pai, olha [emoção] dói falar nisso, meu pai, adoeceu e eu saía do hospital, fiquei uma semana ensaiando, o hospital era perto, era próximo do teatro, lá eu conseguia exorcizar, aliviar, até que um dia ele morreu, eu tava vestindo o corpo do meu pai, olho para o relógio, minha mãe diz: – Está na hora de ir para o teatro. – Meu Deus, como eu vou? – Andando como você sempre fez. – E o que eu vou fazer? – Dançar como você sempre fez. Eu olhei para ela, baixei os olhos e fui, não sei quantos passos eu levei para chegar, foi o caminho mais curto que levou mais tempo. Meu Pai faleceu, falei para o público. Marília Pêra disse: dedique este dia a seu pai. Foi o dia que melhor me expressei. Passaram anos, foi minha mãe, eu tinha um show filantrópico para dançar, eu na frente do palco, sinto um arrepio [emoção], eu pensei: minha mãe morreu, ela passou pelo meu corpo. Mãe, esse show é prá você. Dancei como nunca. Então, eu acho que as emoções interferem muito, situações difíceis, ou muito bons, eu me lembro no meu corpo, muito mais das coisas ruins, mais das dores, porque foram poucas e muito marcantes (FOGO, 2003).

Na memória dos sentidos do seu corpo, FOGO narra a trágica dor das suas perdas, uma fala paralela à sujeição dos corpos em relação ao trabalho, uma reflexão que ele intenciona no sentido da fantasia, onde consegue, através da sua práxis, realizar o ritual de passagem, na representação do mito do *homo phantasia para o homo festivus*, através da dança onde a morte se enraíza na celebração da vida, uma produção de obra e arte vivida no seu corpo próprio. Aqui a memória do presente, faz vínculo com a memória do passado, onde rezar e dançar participam da mesma intenção de agradar aos Deuses, uma relação que FOGO não obteve na consciência, mas nos saberes que o ligam aos seus antepassados, no sentido

ontológico do humano que ao intencionar a fantasia e a celebração, vai *innovar e adaptar*, o paradoxo da existência, que é capaz de sair de si através da via corporal para festejar na memória do passado os sentidos que antecipam o futuro. Uma relação que FOGO coloca nas esferas afetivas da sua formação humana, percebida e intencionada na escolha da sua profissão.

[...] eu acho que se não tivesse a oportunidade que os meus pais me mostraram em bailes e festas, que eu freqüentava com eles, o meu caminho – e de eu ter acreditado nele – hoje, não resta a menor dúvida, seria diferente de que se eu fosse um médico. Eu poderia ser um médico infeliz, uma pessoa completamente fora da atividade que eu quis desenvolver. A dança, prá mim, indiscutivelmente, me mostrou um caminho não só para o físico, mas um caminho pela ética, pela responsabilidade ao próximo, pela vontade de desenvolver, de fazer uma atividade que eu gosto, que eu tenho, na minha concepção, nos meus exemplos, na Educação que eu dou para os meus filhos.[...] é o meu exemplo, da minha própria de vida, do que aconteceu comigo, de eu acreditar no que eu queria fazer, é eu buscar neste caminho um objetivo a seguir. É, indiscutivelmente, a dança, na minha vida, tem e terá uma importância muito grande, é motivo de emoção e de comoção quando eu falo isso [emoção], porque a dança nos momentos mais difíceis, que foram grandes, grandes perdas, e até de saúde, a dança estava presente, e nela – bate na mesa – foi nela que eu calquei a minha vida”(FOGO, 2003).

Na evocação, que constitui a memória e com a qual também se faz a história, reconstituem-se traços de subjetividade e emoção [...] história íntima da humanidade, com as diferentes emoções e sentimentos de homens e mulheres, que atravessam o cotidiano ao longo da história. Aqui está a importância da história oral para recuperar essa reconstituição de ruídos, cheiros e sensibilidades que interferem na construção dos imaginários e das memórias individuais e coletivas que, nos documentos tradicionais, não são oferecidos ao pesquisador social e ao historiador com a mesma nitidez (FÉLIX, 2002, p. 24).

Os *Elementais Professores*, neste ensaio, vêm construir um olhar que coexiste no corpo sujeito da percepção, no sentido antropológico social, onde sua história de vida perpassa uma construção que se aproxima de muitas outras histórias, onde se pode começar a trilhar o paradigma sistêmico da complexidade, na biologia do amor, que possibilita outras linguagens, outras leituras, outros significados nos ecos da ponte pênsil no movimento *das águas da razão e da emoção*. Um caminho que conscientiza um outro sentido de sociedade, uma *Comunidade Partilhada*, para repensar o trabalho produtivo e o calculismo racionalista, ou seja, o homem operário e o homem pensador. Que identifica um *Jeito de Existir* através da corporalidade, que articula na profissão professor, a formação humana à via sensível, a vida dos desejos, da paixão, que na intra e inter-relação com o outro, pode fantasiar e celebrar um ritual dos corpos no mundo da Educação.

Eles, (os alunos) quando se trata de questões de roupa, moda, gíria, festas, quando se trata dessas coisas eles sabem que eu tô perdido, eles me provocam prá criar um

deboche. Eles me provocam porque sabem que eu não me importo, eu acho que eles gostam é da minha espontaneidade. Como eles vivem neste mundo, eles acham que é anormal, tu não conhecer. Eles gostam, de ver a minha franqueza, porque prá eles não se sentirem deslocados do convívio dos outros, ele se vêem obrigados a estar por dentro, eles tem que saber de moda, de banda de roque, de cantora e eu acho que como todo mundo tem uma coisa de ser diferente, eles querem encontrar uma cumplicidade, porque eu não me importo de ser diferente, eles querem encontrar uma referência. E de eu me permitir não estar preso nos modismos, eu permito aos outros, cada um ser do seu jeito, acho que é isso. É uma referência, nesse sentido. Eles me provocam em tudo, qualquer tema diferente, eles sabem que eu vou me meter, hoje eu perguntei prá uma menina de Restinga Seca, como estava a marcha do Sem Terra, isso provocou 30 minutos. A discussão foi como deve ser dirigido o governo, se deve dar assistência aos menos favorecidos ou não. A escola é de burguês, filhos de empresários, prá minha surpresa, eles se manifestavam que o governo tinha que governar prá população que produzia, a população que produzia é aquela que tem dinheiro, que tem condições de produzir, este seria o governo ideal, considerado por eles. Eu me dou o direito de entrar e bater em cima disto e daquilo, eu me dou o direito de criticar, e tomo cuidado de não formar uma opinião, eu deixo que eles tomem a decisão que eles querem (AR, 2003).

A memória social, por envolver um conteúdo simbólico, define os pertencimentos e identidades, como dialeticamente define opostos, suas alteridades e fronteiras, construindo imaginários sociais; campo de possibilidade de uso e manipulação dessas memórias sociais. Essas construções de imaginários se dão através de diferentes meios, pelo discurso e pela imagem, fazendo com que as lutas pelo controle da memória e dos imaginários sociais sejam muito importantes para as lutas políticas e para a obtenção de legitimações políticas e dominações (FÉLIX, 2002, p. 25).

Quando AR se permite dialogar sobre o mundo vivido e coloca a identidade do seu *Jeito de Existir* para mediar as condutas estruturadas, aproximar semelhanças ou detectar diversidades, está ritualizando a sua história de vida, enquanto formação humana e profissional, no mundo dos educandos. Uma atitude que articula através do *homo phantasia*, que faz a crítica da realidade dentro da própria realidade, inserido em uma postura que não é de enfrentamento mas de investigação dos possíveis olhares, que não minimiza a racionalidade ao se fazer valer da emoção, do sensível, do prazer e da celebração. AR coloca o sentido do *homo festivus*, que não só trabalha, mas que conta caso sobre aquilo que é o significado do humano, o homem com seus desejos, prazeres e angústias. Uma forma de fazer política, que utiliza a formação humana nos porquês e para-quês na realidade da vida, para colocar o sujeito ativo no seu processo educativo, uma dinâmica que instala a verdadeira linguagem, que se faz na emoção e na razão, nos processos cognoscitivos e nos processos vitais e que ao ser evocado na memória, vai interpretar gestos, hábitos e movimento, tudo junto e ao mesmo tempo, uma unidade sensível de expressão e linguagem no corpo, uma propulsiva para um processo dinâmico ativo e transformador, no contexto escolar e acadêmico.

Preconceitos existem e têm interferência do meu corpo na minha prática, eu lembro, a única coisa que eu lembro nesse sentido, é quando eu trabalhava com quadra, aula de Educação Física, legal assim, aquela velha história, professor de Educação Física que não se cuida – porque ele era gordo, né, gordinho assim e tal, hoje eu tô com 1.70 com 98Kg. Já tive 105, hoje, to com 98 – então, naquela época, pó, esse cara é gordo, não pensa, é Professor de Educação Física, gordo. Estereótipo, padrãozinho, aquele que tem que o professor de Educação Física tem que ser malhado, mas eu na verdade nunca me preocupei muito com isso. Já tive situações, de alunos que me cobraram isso, quando uma vez lá na Escola Duque de Caxias, uma Escola Municipal quando iniciei a minha vida profissional, nós éramos, um professor e duas professoras, logo que lançaram, que surgiu a Ginástica Aeróbica. Aí, nós dávamos aula de Ginástica, as duas professoras e eu. Pó, um homem dando G. A. naquela época não existia, em 1985, minto 1984, depois eu continuei o trabalho. Então a gente dava Aeróbica, um professor homem, gordo dando tínhamos cinquenta e poucas alunas e quatro alunos. Os quatro guris que faziam, hoje estão todos casados. Mas tinha aquele preconceito. Depois, a Ginástica Aeróbica foi se instituindo, todo mundo foi fazendo, foi se alastrando, hoje tem mais homem fazendo que mulher. Mas naquela época era meio preconceito era meio, homem gordo fazendo era meio preconceituoso (ÁGUA, 2003).

Ao fantasiar o vivido, o homem se descobre no deboche do seu próprio existir, que faz coexistir os contraditórios, os antagonismo, as tensões, enfim, a sua formação humana, que serve para entender o outro como um legítimo outro, sensível às falas, às representações, às fantasias, às imagens retidas no silêncio dos corpos, à imobilidade sensório-motriz, à monotonia rítmica das vozes, o vazio expresso e disperso no olhar, o ativismo desenfreado dos corpos, os pré-conceitos da sociedade na dimensão corpórea. É, então definir uma postura que permeia o enfrentamento a mudança, mas não o endurecimento das relações dos corpos e das emoções, uma ação crítica, que perpassa a força lúdica da criatividade na leitura do mundo. Uma concepção que perpassa a dialética das relações prático-imaginárias, que Edgar Morin coloca como tecido fundamental do universo e da realidade humana.

O imaginário realista-sentimental penetra a vida cotidiana a ponto de não se poder dissociar o que está ligado a uma necessidade vital do que está ligado a necessidades imaginárias. Uma dissociação teria, aliás, um impacto menor que a consciência do fato de que o imaginário é um dos componentes essenciais da realidade humana e não apenas “à parte do sonho” (MORIN, 2003, p. 102).

A Escola como espaço institucional, arrola na sua dinâmica curricular conhecimento, normatização e organização, aspectos que norteiam os procedimentos técnicos, científicos epistemológico dos conteúdos e das práxis pedagógicos. Um contexto que democratiza as verdades sobre o pensar, sentir e o agir do homem, que, enquanto referência da sua unidade sensório-motriz, protagoniza as sedimentações ou as mudanças desta dimensão no papel individual, coletivo e social, que envolve cultura, sociedade e cidadania. Assim que, quando

ÁGUA dança para contrapor o modelo machista e racional vigente, institui na representação, valores, subjetividade e singularidades na identidade do gênero masculino, principalmente no que tange a sensibilidade na formação humana, uma dinâmica que vai envolver conformidade ou transformação, atividade ou passividade. Uma relação, que ÁGUA toma no enfrentamento do seu corpo próprio ativo natural ontológico e antropológica, que articula saberes, prazeres e querereres no seu *Jeito de Existir*, na *representação homo phantasia e do Homo Festivus*. O aluno percebe primeiro o professor, pelo o que ele vê e sente e depois pelo que ele possa dizer e ou fazer, uma relação que é anterior ao processo educativo, é, pois, imanente na Formação Humana, que não só fundamenta a sua práxis, mas antecipa a sua representação na *Comunidade Partilhada* Uma Formação que ÁGUA desenvolve desde sua infância, pelo fato de manter um corpo que contradiz o modelo estético vigente na sociedade, ou seja, seu corpo próprio revela no mundo, seus desejos, sentimentos e todas as implicações da sua existência.

As memórias sociais, enquanto partes do universo simbólico, são sempre resultantes de atos seletivos. Lembrar pressupõe um mecanismo mental de representação e de seleção do fato, do tempo e do espaço, no qual se une a fantasia com o real concreto. A memória cria um imaginário que é individual e social, que é compartilhado. Insere-se numa dimensão fora do tempo real porque é evocação – ou ato de lembrar – precisa correr para garantir a sobrevivência do grupo e dos homens em sociedade, mas é ato fora do tempo porque ocorre no presente sobre o passado e faz uma transposição e uma interpretação presente/passado (FÉLIX, 2002, p. 25).

TERRA no contexto das narrativas está preocupado e reclama a falta de conhecimento epistêmico sobre o seu corpo na sua vida, nos seus sessenta anos. Estar no mundo representado pela dimensão corpórea é conceber conceitos e pré-conceitos que interagem na expressão, linguagem e movimento que dentro da perspectiva do mito do *homo phantasia* e do *homo festivus*, coloca o ritual de passagem entre o sensível e a racionalidade, numa perspectiva social e coletiva, que torna possível aos sujeitos protagonizar uma exibição da representação do corpo sujeito da percepção, na memória prática e cultural vivida nas relações da corporalidade nas esferas sociais. Então TERRA busca uma forma de cuidar o corpo, um sentido sensível que está intrínseco ao seu pensar, sentir e agir subjetivado na sua infância no corpo próprio no seu *Jeito de Existir*, que traduz àquela situação uma crítica que esta imbricado na sua identidade ainda hoje, que coloca na sua formação humana, o cuidado numa perspectiva que reverte, inova e ativa a sua existência na *Comunidade Partilhada*.

Nunca passaram para nós, basta ver que na nossa época não tinha Educação Física, vocês têm agora, nós não tínhamos na faculdade, mas eu fazia exercícios, mas não específicos como vejo agora. As pessoas cuidam dos corpos, na época que ocorrem

as transformações biológicas, que não ocorria naquela época. Então agora que eu já estou formado, claro valeu o tempo que fiz natação, depois que eu fiz no quartel, mas deveria ser enfatizado o cuidado com o corpo na escola.(TERRA, 2005)

O homem, enquanto ente social e antropológico, concebe a realidade através das idéias, palavras, práticas rotineiras e rituais. O sentido deste ensaio é, pois, pesquisar e articular um patamar crítico da realidade vivida, no corpo próprio, sujeito da percepção *dos Elementais professores*, que contempla pensar a sociedade, os valores, os aspectos estéticos, emocionais e simbólicos, viver os antagonismos da dor e do prazer, do amor e do ódio, da atividade e da passividade, situações de ambivalência que são comuns a todos os seres, representados no *homo Phantasia* e no *homo Festivus*, uma dinâmica de movimento e transformação. De esperança, que não está em esperar, mas em caminhar, uma propositiva que está em um pensar sensível, que projeta, e estabelece significados que se sobrepõem às imagens reais do vivido.

Mesmo não gostando de ir a academia eu me obrigo, me forço e vou me vestindo a quando vejo estou porta fora.(TERRA, 2005)

Desta forma, as narrativas da memória dos *Elementais tensionam* o aspecto estético, emocional e simbólico na sua história de vida, para tecer os fios da sua identidade individual e coletiva no seu devir histórico. Um movimento dinâmico das águas da razão e da emoção, que é intersubjetivo e interpretado na ambivalência dos significados da apropriação dos *Ecos da ponte pênsil* no corpo sujeito da percepção, um processo sistêmico, biológico e cultural que coloca a realidade sensível no mundo vivido subjetivo, que é possível objetivar quando intencionado e percebido nas categorias do corpo como ser sexuado, espacialidade e motricidade do corpo próprio, e do corpo como expressão e a fala.

A Marcação no Palco do III Ensaio - A apropriação da Narrativa

O homem é uma corda atada entre o animal e o além-do-homem, uma corda sobre abismo. Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida – ninguém exceto tu, só tu. (NIETZSCHE, 1997, p. 105 – 1844-1900).

O balanço da ponte pênsil vai trazer as narrativas das histórias de vida das fontes orais, Água, Terra, Fogo e Ar para ressignificar na corporalidade o processo individual, coletivo e social, na Formação Humano das esferas sociais e afetivas. Uma identidade intencionada na crítica do sentido *ontológico, criativo e natural do devir dos aspectos emocional, simbólico e estético*. Um processo não linear, crítico reflexivo, que discute também os currículos e os construtos epistemológico educativos do contexto escolar, que sob a hierarquização dos saberes, minimiza esta dimensão no contexto pedagógico das licenciaturas. Uma investigativa que sinaliza a subjetividade, contida na interpretativa hermenêutica na cultura e na análise da Fenomenologia da Percepção de Merleau Ponty, interpretado na metáfora da *Criança*, de *Dionísio* e de *Orfeu*. Uma maiêutica da metanarrativa da corporalidade, na representação do mito do homo phantasia e do homo festivus, um processo orgânico, autopoietico, sistêmico e transcendente, imbricado na intersubjetividade da circunvizinhança dos *Elementais Caminhantes*.

Infelizmente, o caminho não está de todo traçado. O poeta Antonio Machado dizia: “caminante no hay camino, el camino se hace al andar”. “Caminhante não há caminho, o caminho se faz caminhando”. Ou seja, nossas finalidades, nossos valores traçam o caminho em direção à regeneração da responsabilidade e da solidariedade (Morin, 2003, p. 37).

Eu não tinha me dado conta, é uma auto análise, uma reflexão, e inspira mudança, e principalmente atenção cuidado, para eses detalhes, que passam desapercibidos, que até então eu não sabia que havia essa ligação, eu percebi com esta entrevista, tem certas coisas que são complicadas, porque foram negativas e outras positivas, eu não guardo as negativas eu deleto, eu não lembro mais, eu guardo mais as positivas. Mas tem essa relação bem forte de dor e prazer.(TERRA)

IV - ENSAIO

A Dança Livre

Aleluia! Aleluia! Diz Deus: abram velhinhos! É o Deus de Vocês, é o Eterno ressuscitado que vem ressuscitar o garoto que está dentro de vocês! Vamos, depressa! Chegou a hora, estou pronto para refazer-lhes um belo rosto de garoto, um lindo olhar de garoto... Pois gosto de garotos, diz Deus, e quero ver toda a gente parecer-se com eles. (Quoist, 1972 p.13).

No fechar das cortinas, o último ensaio apresenta a esperança, o sonho, o amor e o prazer, contido na imagem, na metáfora, e na parábola..

Era uma vez... durante “Mil e uma noites”, *a Ponte Pênsil* fazia soar os *ecos dos sentidos* da expressão e fala, no ser sexuado , na espacialidade e a motricidade do corpo sujeito da percepção que por sua vez, intencionava, pensava e queria um outro *Jeito de Existir*. Enquanto isso o *Movimento das águas da razão e da emoção*, na *história da cultura do corpo próprio*, faziam emergir um turbilhão de significados, idéias e valores vividos nas esferas sociais e afetivas da formação humana. A *Phisis e a Paidéia* encantadas na *Cabala mágica da memória do Palácio de Cristal*, teciam *as redes luminosas do potencial crítico* da interpretativa hermenêutica, para colocar o figurino *do homo phantasia e do homo festivus* na *história de vida dos Elementais AR , TERRA, FOGO e AR*. *As conexões ocultas* estavam presentes *no registro dos ensaios*, onde correlacionavam pontos brilhantes das dimensões mais elevadas, um ritual xamânico com essências, anjos, figuras do passado, entes histórico, musica, dança, poesia, amor ,dor e prazer, tudo junto e ao mesmo tempo, uma rede para descobrir outro *Jeito de Existir, mais humano, para a Ponte Pênsil*. Uma noite.... já muito cansada do seu jeito de existir, *a Ponte Pênsil*, encontra o Tao observador/pesquisador que no

movimento do seu caminhar ilumina o seu *Castelo de cristal* e evoca na memória da sua realidade sensível a esperança da *Criança*, que no seu festejar encontra a *Cabala mágica transcendente*, e com um passe de mágica ativa um novo *Jeito de Existir*. Desencantadas a *Phisis* e a *Paidéia* voltam para colocar o figurino brilhante da ética e do prazer na *Ponte Pênsil*, agora sob o olhar de aprovação de *Dionísio*, que vai encantar os ecos que voltam a contar histórias, rezar, dançar e tocar uma música que coloca o balanço da *Ponte Pênsil*, na *Dança Livre...* vivida na *phisis dos Elementais Caminhantes, encantados da música humana de Orfeu, que canta:*

“Constância meu bem constância, constante sempre serei, constante até a morte, constante eu morrerei....”

E assim... No Reino Humano da Cultura Popular, alguns homens *Caminhantes* ainda hoje lembram daquela música e quando um humano fica muito cansado de pensar e trabalhar, desanimado no balanço da sua *Ponte Pênsil*, alguns *revolucionários Caminhantes* que guardam a memória do Palácio de Cristal, começam a cantar e interpretar como ORFEU ...Constância meu bem constância, constante sempre serei, constante até a morte, constante eu morrerei ...Em um instante, a *fantasia e a festa* vestem seus *figurinos luminosos de homo phantasia e de homo festivus, para* fazer acontecer o ritual da renovação, corporificado na *Dança Livre*, onde a memória e a esperança, dão aos homens da *Comunidade Partilhada*, o sentido mágico de origem e de destino, intencionados na espacialidade e na motricidade, no ser sexuado, e na expressão e a fala do corpo próprio.

Psii...Psii não fechem. Voltem esta história não acaba aqui.

Aliás,cada dia, ensaia um novo começo!!

Um mundo de tanto... eu acho que a gente tá vivendo uma época de tanta desigualdade, de tanta exclusão, apesar que se fala tanto em inclusão, virou uma palavra da moda. Egocentrismo, não sei bem o termo, mas as pessoas ficaram tão preocupadas com a sua vida, com seu trabalho, com sua não sei o que mais, que esqueceram o corpo. Não estão conscientes, com entrega, entendeu? Acho que apertar a mão está muito formal, não tem aquela de apertar a mão e dizer: conte comigo, eu sou seu amigo, muito prazer em te conhecer. Um beijo na mão, de respeito, de amor e carinho. A sexualidade é preconceituosa, entende, discriminatória, desigual. Falta muito para as pessoas despertarem para olhar a pessoa, e ver além do estereótipo, do estético, olhar para a pessoa e dizer, é linda, gorda, mas é linda. O que ela tem por dentro supera. As pessoas estão preocupadas com as imagens, cobram muito isto, isso é uma violência, porque eu não tô muito preocupado com isso, eu quero que as pessoas vejam a minha alma, eu quero me entregar, eu quero dizer eu te amo. A gente é forçada a entrar neste estereótipo, nesta disputa nojenta. As meninas (alunas) ontem, não ouviram com humildade, não

confiam nos mais experientes, questionam isto como se estivessem impunes, livres de qualquer erro, de qualquer falha. Onde eu errei? (FOGO, 2003).

Ao falar do corpo, *FOGO*, conceitua uma idéia sobre o mundo, os valores e as implicações da cultura hoje, os significados dos gestos, dos hábitos, a subjetividade manifesta sob olhar dos modelos e comportamentos instituídos. Um contexto que adentra os estados afetivos presentes na postura ética das relações, que é uma linguagem também corpórea, revelada na sua fisionomia *preocupada e apreensiva*, cujo tom da voz também é percebido, como sentido imbricado na sua verbalização, uma *marca simbólica* no seu tom de voz. Um contexto que FOGO descortina no corpo próprio, que integra *a expressão e a fala nos sentidos* e significados das palavras, numa narrativa em que FOGO coloca toda a sua indignação aos contextos sociais. Uma atitude que contextualiza os aspectos éticos, políticos, afetivos, da sua formação humana, que se apropria da crítica do homo phantasia, no pensar coletivo, *a Comunidade Partilhada*, que interpreta nos gestos, atitudes e hábitos das relações intersubjetivas das esferas sociais. *Sabemos que é a existência, e portanto as relações sociais que determinam a consciência*” (Ferreira, 2000,p.463).

O mundo objetivo cada vez toca menos diretamente no teclado dos estados afetivos “elementares”, mas o valor continua a ser uma possibilidade permanente de prazer e de dor. Se não é na experiência do prazer e da dor, da qual nada há a dizer, o sujeito defini-se por seu poder de representação, e a afetividade não é reconhecida como um modo original de consciência. (MERLEAU PONTY, 1999 p. 214)

Então a corporalidade na formação humana, desperta a expressão da linguagem dos gestos, hábitos e estilo cujas condutas estruturadas são uma dinâmica independente, que estabelece um processo orgânico entre pensar, o sentir e o agir. È na espacialidade do corpo próprio e a motricidade, através da unidade sensorio-motora e a unidade espaço temporal, que ocorre a consciência global da postura do sujeito no mundo intersensorial, que projeta uma atitude crítica, coletiva e transformadora, sensível e perceptível, corporalizada no discurso, conscientizado no corpo, como expressão e a fala presente e ativa da existência do professor.

Os meus valores têm muita referência com muita gente que eu conheci Os meus valores que eu tenho e acho que de qualquer um, é construído assim, com oportunidade de convívio *com outras pessoas, que* cada um tem, com as experiências, com aquilo que ela aprende, de tudo aquilo que ela viveu, e aquilo tudo que ela conseguiu aprender, com as dores e sofrimentos *que ela sentiu*. Acho que esta *construção é experiência de vida* das pessoas, vai construir os valores... Mas

nem sempre foi assim na minha vida esses valores (refere-se ao consumismo já abordado em outro contexto). (AR, 2003).

Neste discurso, que permeia o pensar, sentir e o agir é possível encontrar uma simbólica que incide sobre o corpo sujeito da percepção, de onde provém as *representações e os valores* que AR constrói para sustentar o seu papel de ente histórico. Um discurso que passa pelas esferas das relações sociais, mas que por sua vez estão também no âmbito familiar afetivo e cultural, enfim estão na cotidianidade, para fazer pensar os aspectos *éticos, afetivos, político*, estes conteúdos e conhecimentos envolvidos nas esferas da formação humana e que neste contexto também está no nível de formação profissional.

Uma raça que perdeu o contato com o seu passado e futuro pela disponibilidade, pela debilidade do ritual, dos folguedos e das aspirações visionárias, não demora em reduzir-se a uma tribo de robôs. Sabemos que as máquinas podem ser espantosamente eficientes. Mas há certas coisas que a máquina não consegue fazer. Por exemplo, não são na verdade, capazes de brincar, nem de simular ou prevaricar, nem de divertir-se ou de fantasiar. Tais atividades, que são, de certo modo e exclusivamente privativas do ser humano, ao sumirem, perde o homem marcas essenciais de sua singularidade. (COX, 1974, p. 20).

Este ensaio tem a intenção de contextualizar o corpo sujeito da percepção no agir pedagógico, dentro de uma postura crítica reflexiva, que considere a história e a memória social dos gestos, hábitos e estilo, na subjetividade do vivido, marcada pela singularidade das relações dos *Elementais Caminhantes*, nas diferentes esferas sociais instituídas, família, escola, cultura e outras. Uma reflexão que beira à teoria sistêmica da complexidade e a biologia do amor na formação do profissional, que não pretendo esgotar neste ensaio, mas que se caracteriza como um viés presente na representação do *homo phantasia* e do *homo festivus* na síntese do corpo próprio.

Eu procuro sempre utilizar o corpo prá tudo, por exemplo, eu trabalho com didática e com prática de ensino no Curso de Educação Física, *eu falo da postura do professor frente ao aluno, então a corporeidade entra* muito, tem a questão de não ficar de costas, ficar em um ângulo que ele possa observar todos os alunos, o corpo como uma *estratégia didática*, visualização. (ÁGUA, 2003).

È bem verdade que o fato de pensar o corpo sujeito da percepção na formação, adentra situar também os conhecimentos técnicos, que ÁGUA coloca em um contexto didático pedagógico que propõe um modelo de postura espaço temporal para as intervenções dos

professores na aula. Um discurso que faz repensar a postura ingênua de corpos dóceis, instituídos no paradigma da modernidade, que ao impor controle aos corpos, subjetiva uma minimização política no sentido social do sujeito. Portanto pensar a postura do professor perpassa então os conteúdos que promovem a formação profissional no sentido científico e epistemológico e metodológico, que vão propor práticas modeladoras, na visão do corpo *sujeito ou objeto* no contexto acadêmico. Portanto pensar o agir do professor enquanto corpo sujeito, é tensionar o sentido e os significados das atitudes estruturadas nas idéias historicamente produzidas, sobre os gestos, hábitos e estilo dos profissionais da Educação.

Então, a propositiva da percepção do corpo sujeito, projeta a formação através da concepção da realidade sensível, onde o conhecimento é aquilo que pode ser entendido, comunicado e utilizado, um conceito possível no movimento do sujeito no espaço, cuja metamorfose faz produzir as interpretações conceptuais e sociais próprias de um tempo, uma consciência coletiva social na inter relação do vivido. Temos um corpo para perceber o mundo e nele ser percebido como um ente histórico, humano e transformador das mazelas do seu tempo.

Eu era conselheiro dessa turma de Faxinal do Soturno, eu tinha um aluno que tinha dificuldade enorme de se expressar, não conseguia *ter dificuldade de falar na aula*, colocar a opinião dele e fazer perguntas. Aí eu montei um teatrinho - e até hoje [ele é um médico veterinário] ele me diz. [eu desinibi porque tu fizeste *aquele teatrinho*]. Cada vez que ele me encontra, ele me diz. E eu não sou teatrólogo, mas eu montei e eles fizeram. Eu *montei um coralzinho rudimentar* e todos eles se apresentaram e cantaram para os professores no dia dos professores, e minha aula era ciências, e eu juntei Artes e Ciência. Eu fiz uma feira de Ciências [...] uma coisa que era meio social...eles tinham que apresentar para o público, eles tinham que *ter a postura física e oral de explicação* – estavam as duas partes. (TERRA, 2005)

Na representação do *homo phantasia* e do *homo festivus*, é possível entender a Utopia como um processo imanente, que se realiza aqui e agora pelo desejo de mudar e de rever o futuro, a partir de um presente modificável. Um paralelo que concebe o sonho na realidade vivida dos corpos, que rezam, cantam, dançam e contam casos com seus semelhantes, para celebrar e antecipar o projeto de vida de toda e qualquer existência, ativa e autônoma no mundo. Um ritual na comunidade partilhada, que identifica um *jeito de existir*, uma essência comum a todos os seres, que se mantém como uma identidade, uma interligação permanente entre todos os elementos. Que no corpo sujeito da percepção se identifica no contexto do corpo próprio.

Uma Filosofia no existir do professor, que TERRA coloca no seu fazer pedagógico imbricado da sua Formação Humana e cultural, estruturada nas esferas sociais da corporalidade viva, que ele guarda na memória dos gestos, hábitos e estilo, que possibilitam continuamente abrir o *Palácio de Cristal*. Uma formação no corpo que não foi obtida no nível escolar epistêmico, mas como formação humana dos valores que ele viveu na experiência sensível, articulada nos aspectos estético, emocional e simbólico, uma rede sistêmica, que coloca sentido para o ente histórico, que TERRA transpõe em um *dever emocionado* no prazer do seu ofício, que é subjetivado de intenções que *iluminam um fluir, orgânico, criativo e fértil* no seu sentir, pensar e agir, inspirado no *cuidado* dos seres que entre os outros seres cultivam em si a essência comum do humano. Uma pensar sistêmico e orgânico desvelado na magia da representação sensível do corpo, que intenciona hoje, o que guardou, ontem para projetar no amanhã.

Então identificar o aspecto relevante do corpo, no humano ORFEU, é acreditar fundamentalmente na importância da representação da corporalidade, nas esferas sociais da formação humana em um processo educativo sensitivo, que ratifica dizer que a Educação é um aspecto essencialmente humano, e, se humano, é preponderantemente social e cultural. Então pensar o corpo é cultivar o humano, é acreditar na Educação, é acreditar no Social, é incorporar o Cultural no processo formativo, no corpo sujeito da percepção. Um pensamento sistêmico, complexo e autopoietico, na perspectiva da visão macrocômica do Oriente, que trazem o Tao harmonioso, o caminho da imanência na ambivalência dos contrários, um simbolismo complexo e hermético que ilumina e descobre a magia no livro mágico da *Cabala*, que enfeitiça àqueles que dele se apropriam.

4.1 - O Enigma da Parábola

“Eu determino momentos, mais relevantes que me chamam atenção. Tu tá concentrado no conteúdo, e existe uma certa dispersão dos alunos, quando por um motivo ou outro, uma conversa, estão contando uma piada, um ato de espontaneidade, uma risada, alguma coisa – o professor diz assim: tem um foco de atenção deslocado, começo a desconfiar, será que tem alguma coisa em mim, será que usei algum termo errado, que tá errado, será que estão rindo de mim, será que cometi um erro de português? Prá inverter o jogo, o constrangimento, eu já usei uma técnica assim, perguntei, por que vocês tão rindo de mim, eu tô cagado? [riso]. Eles têm que ficar constrangido, não é eu, muda, mas de certa forma tu tá te vigiando, acho que isto é mais relevante.” (AR, 2005)

Para pensar a crise do paradigma vigente da racionalidade e as respostas às necessidades do humano, centro o corpo sujeito da percepção no pensar, sentir e agir pedagógico do Professor e assim identifico uma postura crítico-social nos gestos, hábitos e estilo, imbricada na subjetividade das expressões mais viscerais de sentimentos, desejos, energias e emoções das narrativas dos *Elementais professores*. Um contexto que aparece nas lembranças de AR, nas aflições vividas, na relação do seu corpo próprio com os alunos, que trazem à análise no universo da complexidade, no sentido dos conflitos do interior com o exterior, e que colocam-no como um humano comum sensível. Que sob o olhar do modelo pedagógico tradicional, estaria fora da ética, da moral e dos bons costumes, mas, que no sentido da descoberta dos opostos, coloca os novos construtos contemporâneos no cenário, como alteridade, intersubjetividade, que vão apontar posturas dinâmica nos professores, que não são percebidos nas águas paradas dos seres passivos e controlados. Uma análise, em que a memória da narrativa se identifica no ritual do homo phantasia e do homo festivus, que faz tensionar as estruturas sociais, uma alegoria que traz a propositiva do novo, no sentido humano, que é percebido quando AR se reinventa, na brincadeira, no deboche., que identifica e encanta o seu *Jeito de Existir*.

Beber a água fresca do lago de *mnemosyne* é recuperar a memória da lembrança. A associação entre *mnemosyne* e *alétheia*, enquanto verdade e vida (e como tal, significante louvor, exaltação e permanência) e a sua ausência associada com *léthe*, a morte, com o esquecimento, é muito significativa para compreendermos os sentidos sociais e políticos da memória não só como organizadora da vida, perpetuada através da lembrança, mas também do seu contrário, a morte, que é configurada pelo esquecimento (FÉLIX, 2002 p.31).

Ao mesmo tempo, no sentido da ambivalência interpretada por AR, coloco a narrativa na ótica do estruturalismo de Foucault, retomando o sentido crítico da expressão *vigiado*, no contexto dos corpos disciplinados e subjetivados. Reflexões para colocar a complexidade da formação humana dos professores, cuja expressão e fala, no *corpo próprio sensível* comportam os antagonismos da razão e da emoção, como indicativos coletivos de identidade de posturas e atitudes, que quando desconhecidos são tomados por modelos emblemáticos, que se repetem e cristalizam o corpo objeto, aprisionando na memória os gestos, os hábitos e o estilo. Um processo crítico para rever a historiografia da pedagogia, no sentido macro global e totalizante, para conflitar o eixo curricular dos contextos formativos, nas disciplinas, nos

conteúdos e nas metodologias, instâncias que ainda estão calcadas sob visão dos modelos pedagógicos, que estão para dar exemplo, controlar e desconhecer a presença do humano no corpo, fragmentando saberes e querer e prazeres no processo da teia viva do conhecimento.

Eu tenho um caso que aconteceu comigo, lá em Faxinal do Soturno, eu dava aula para uma 6ª série, eles escolhiam o conselheiro, era uma turma de mais ou menos trinta alunos, agora são médicos, dentistas - até encontrei um desses dias - Eu usava muito a camisa com o cachecol por dentro, aí eles começaram todos a usar cachecol. Também eles eram gurizinhos de dez e onze anos, [Riso]eles vinham para aula de uniforme, camisa branca bonitinho e de cachecol por baixo. Essa coisa me chamou atenção, e os outros professores também notaram - olha, os alunos estão todos usando. Eles... “disseram que era porque eu usava, acharam legal e usavam e eu era o espelho.” -

Isso há uns quarenta anos atrás. Aí estava presente o corpo físico também. Então, além de também motivados pelas minhas aulas eles gostavam muito porque ciência é uma aula que todos gostam. Uma aula muito divertida, agitada, muito movimentada, muito cheia de novidades, e os alunos gostam e acabam gostando do professor ou digamos, gostam da matéria porque o professor era bom, ou gostavam do professor porque a matéria era boa.- eu não sei - eu gostava do que fazia e acabava passando isso para eles e eles me imitavam. (TERRA,2005)

Então a memória individual narrada coloca o discurso de TERRA na dimensão individual e coletiva, na perspectiva da representação do homo festivus e na apropriação do prazer na formação pedagógica humana e instrumental. Um recorte que na narrativa vai colocar a escola no cotidiano do aluno, uma dinâmica sensível em que o aluno ritualiza o professor na sua forma de vestir. Nesta análise, o olhar está sobre o aluno. O prazer, que enquanto dinâmica sensível esta no corpo como ser sexuado, que na síntese do corpo próprio, é criado sob o olhar do outro, quando ele é observado e aceito como um legítimo outro, no para si e que é corporificado quando as crianças se projetam felizes sendo o professor, no seu estilo, e jeito de existir. Uma dinâmica ativa que se retro alimenta, e que quando contrário sedimenta a passividade no em si. Ao mesmo tempo, está sobre o homo fantasia, na expressão e na fala, que é interpretada na linguagem hermenêutica no discurso do corpo do professor, que narra nos seus gestos orgulho deste momento que evoca na sua memória, e que ele comunica e interpreta o modelo para representação do aluno, nos aspectos estéticos, que é colocado no sentido da aesthesis grega, que faz o belo no sentido de sentir emoções com o outro. Assim como traz, o discurso amoroso do seu ofício, um pensamento de Maturana, onde a linguagem é o discurso emocionado nas dinâmicas pré dispositivas e afetivas das relações sociais. Um agir que não só está para a formação humana, como carrega em si também o sentido epistêmico da formação profissional, quando TERRA projeta na Ciência sentidos que na práxis, reflete a dinâmica da experiência pedagógica, como motivada, movimentada,

divertida, cheia de novidades. Aspectos que são costurados na ótica do corpo sujeito, em outras narrativas de TERRA que vão corporificar a essência do seu “Jeito de Existir”.

Então as reminiscências da memória de TERRA, exibem a dimensão sensível há quarenta anos atrás no olhar crítico do observador/pesquisador, apoiado no pensamento sistêmico e macro cósmico, que colocam no cenário do corpo próprio as conexões ocultas presentes no movimento do universo, para mostrar a transcendência das interpretações do raciocínio lógico. Um caminho, que na pesquisa tensiona a atemporalidade da phisis, que enquanto essência comum à todos os seres, está presente em toda a *dança livre* para orientar os passos da *imanência*, que neste contexto não está objetivada somente na presença do tempo do relógio, mas está vagando no espaço das dimensões mais elevadas, pontos brilhantes, que unem os fios tecidos para o figurino mágico, que vai encantar o “*jeito de existir*”, corporificado na expressão e na fala do corpo próprio. Luzes... Imaginárias do corpo próprio para a realidade sensível. Um processo crítico onde *os ecos dos sentidos* do corpo próprio, se apropriam da história e da memória na representação dos “Ecos da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção”, para ritualizar a *dança livre* na biologia do amor, um processo maiêutico que se faz na comunidade partilhada, que descobre em si aquilo que já era presente.

Faço presente neste contexto, o caminho harmonioso desse movimento sensível, que tece os fios invisíveis e encantados dessa teia. Então... o pensamento imanente do sentir, é meu pensamento agora, acompanhado de imagens da minha realidade sensível, imagens que se confundem de fantasias que eu criava, - [e que neste momento de refazem, em uma instância da minha mente, iluminando, esse pensar lúdico] – que evocam os contos de fadas que acompanharam a minha infância...o Palácio de Cristal, A Roupas Novas do Rei, O flautista de Amelin, Mary Poppins, Cinderela, e até uma sinistra me vem à memória, que não recordo o nome, só as imagens escuras, onde os corpos iam sendo transformados em Pedras.- Humm, apaga!! - Respiro, ouço a música que toca...o teclado do computador é agora o piano que eu tocava no colégio de Fátima..- Percorreria muitas imagens, mas (me sacudo, respiro fundo, me alongo) e volto a objetivar o presente no *corpo ,próprio* já há dias massacrado.(HF,2005)

Pensar o corpo, é pois, deixar fluir as amarras na realidade sensível, libertar a criança interior, um ritual que se corporifica para tensionar os limites, e que, em sendo limites estão carregados da ambivalência natural da ruptura, o medo de ousar e o desejo de parar, [riso], ou o desejo de ousar e o medo de parar. Sentidos que se compreendem e identificam os opostos da dor e do prazer. Um ritual que é corporificado também no processo pedagógico onde se encontra a complexidade no educar e formar. Uma dinâmica que no espaço da escola, abriga

todas as demais esferas sociais, representadas então nos *corpo sujeito da percepção*, onde o *corpo próprio* às vezes é só um número, sentado atrás de uma classe. Um espaço já delimitado, uma espacialidade própria, que controla e vigia, que traz o significados do poder para aquele que obedece e acredita que deve ser assim e para aquele que manda e reforça, ou, que troca e muda para ampliar o sentidos da liberdade, da autonomia que se transfere para as experiência das esferas espaciais que o sujeito possa pertencer, de onde provém as simbólicas amarras *do seu “jeito de existir*.

O território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas. São, tanto num quanto no outro caso, uma construção social. Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só às relações interpessoais – distância, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder – mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas – à sua hierarquia e relações (VINÃO FRAGO, 201 p. 64).

Pensar o corpo é parar para sentir os odores, imaginando o sentido da essência, é olhar o texto, respirar e continuar. É o movimento dinâmico do dia e da noite, da cotidianidade da casa com o barulho que está na rua, que encontra na TV o olhar macro do social, no individual subjetivado. Isto é a Formação Humana, é um processo dinâmico de um sujeito para outro, e vice versa, que carrega em si todas as representações estruturados dentro e fora do espaço da Formação, cujos contextos podem se ressignificar se derrubados forem os muros. Uma propositiva que advém do sentido da espacialidade e motricidade do corpo próprio, que se refaz em situação de movimento e não em posição de espera.

Este sentido AR coloca na sua “fala”, cujo diálogo discursivo ocorreu uma semana após uma saída de campo, onde ele fez uma trilha com a turma até o Itaimbézinho.

Um casal de uns 25 anos, lá pelas tantas, nós voltamos pela triha, nós tínhamos feito a trilha, voltávamos e estava o casal peladão lá no meio, há uns 80 m de nós. E eu mostrei para uma aluna e aí mais tarde veio a discussão. Então eu questionava, assim, que o problema que se teria em relação ao transar, com relação ao sexo seriam dois aspectos: seria a questão da doença, a questão da saúde, toda a questão das doenças sexualmente transmissíveis, e a questão do envolvimento, do sentimento, a confusão que poderia dar, uma pessoa começar a transar, transar simplesmente por tesão e por saber se estava apaixonado, se estava gostando e tudo, e acabar num envolvimento maior por [silêncio] por uma certa, vamos dizer assim,

impulsividade. E essa discussão de sentimentos até foi um pouco mais além, foi mais assim sobre a paixão, sobre o amor, sobre desilusão... Foi nessa discussão que o aluno coloca, que os professores normalmente se manifestam aos alunos contando assim, quando vocês, quando daqui alguns anos mais, quando vocês ficarem mais velhos, quando vocês crescerem – ele dizia assim – os professores vão dizendo quando vocês amarem, quando vocês se apaixonarem, quando vocês transarem, quer dizer que o professor vai, de certa forma – ele quis dizer assim – que os professores sempre prorrogam aquilo para frente, frente... [...], quer dizer aquela discussão não é para agora, é sempre para daqui a pouco, e até acho que uma coisa assim ocorre, que para os alunos que são novos, dizem não está na hora porque ele é novo, quando seria a época, os professores dizem eles já estão por dentro, já sabem mais do que nós, já dão aula disso para nós. E no final não tem época para discutir este assunto... A nossa escola está antiquada. (AR, 2003).

Promover a criticidade sobre o corpo, na dimensão do mundo vivido, implica entender-se como protagonista da sua própria história, na sua vivência corpórea marcada pela singularidade de seus saberes, querer e prazeres no bojo de seu corpo próprio. Uma percepção que não se dá em posição de espera, mas em situação de experiência intencionada no mundo, que não está só no nível intelectual, mas coloca no perceptivo sensível as questões que trazem pertencimentos e fronteiras no contexto da própria cotidianidade percebida no mundo vivido. Coisas que são colocadas, nos discursos das partes, nas narrativas de AR. Um contexto que acontece a partir da ruptura nos espaços formais da formação, para encontrar na cotidianidade as tensões e representações, de onde trazem novos construtos reflexivos ao espaço escolar. Aqui, não nos cabe discutir, mas sim apontar suas redes na síntese do corpo próprio, tensionada em todas as suas instâncias, espacialidade e motricidade, ser sexuado, expressão e fala. Uma dinâmica que perpassa modelos, comportamentos e valores, dos aspectos emocionais, estético e simbólico do humano. Tratativas que já foram abordadas, na sua relevância no sentido da formação humana, e que no contexto interno das narrativas, são execradas das discussões das esferas sociais de pertencimento. Verdadeiras fronteiras, que são derrubadas na atitude revolucionária de AR que com o seu “*jeito de existir*” na corporalidade, propõe um modelo pedagógico que como ele próprio, reconhece as ambivalências, os desafios na ordem e na desordem do seu pensar corporificado, ratificado na sua práxis crítica, ativa, transformadora e sistêmica. Que por sua vez pode modificar a postura antiquada da escola, que poderia fazer a ruptura com mais dinamicidade se houvessem mais rituais que envolvessem o sentido coletivo, natural, social e cultural do humano na corporalidade, cujas forças ativas e reflexivas são capazes de ativar a mudança das esferas sociais e individuais quando se apropriam da síntese do corpo próprio.

Preconceitos existem de todas as formas, em todos os lugares, uma porque eu sou gordo, outra porque eu danço normalmente super bem, mas tem aquele padrãozinho mulher que dança e homem que dança em um corpinho legal, e eu não tenho corpo padrão de bailarino espanhol, só que eu danço, eu tenho um envolvimento com a dança tradicionalista gaúcha, com samba, já ensaiei rainha de carnaval. Cria um preconceito isso, homem fazendo isso, mas eu não ligo, não estou muito ligado porque me conheço bem, me curto um monte e sei que as pessoas vão sempre encontrar algo para pré-conceituar, para marginalizar tal e tal preconceito. Já aconteceram preconceitos como: que aquele *gordo* quer, que tá pensando [silêncio]... Quando eu chego e faço as coisas, as pessoas se dão conta que é possível fazer, e é o que interessa fazer e se curtir, do que ficar morrendo de vontade de fazer e não fazer porque não se acha legal (ÁGUA, 2003).

O corpo sujeito da percepção como construção do vivido, encontra no seu corpo próprio as idéias e as associações dos conceitos da espacialidade e motricidade da cultura, que enquanto linguagem e expressão interpretam as regras e os ditames dos espaços de dominações, que manipulam um tipo de civilização e sociedade. Assim as narrativas da memória de ÁGUA, mostram a representação exorcizada no seu ato de dançar, quando permite expor suas emoções, para, além de contrapor o ideário dos corpos operários, masculinos controlados e individualizados, colocar na práxis os saberes da cultura corporal, o objeto de estudo da Educação Física, que se apropria da gênese de todas as manifestações corporais. Um ritual na perspectiva do *homo phantasia e do hom festivus*, de construção e reconstrução, para intencionar o movimento do novo. Um ritual lúdico-imaginário para construir novas configurações na Educação, que sob o olhar do observador pesquisador, afirmam as narrativas, de ÁGUA, que por mais que as condutas estruturadas se imponham sobre *seu “Jeito de existir”* no corpo, ele aprendeu a enfrentá-las, no sentido crítico da atividade da existência, que permite novos enredos, movimento e transcendência, que ele incorpora no movimento da sua corporalidade dançante. Então a contribuição de Água para a identidade de uma formação humana e Profissional está no sentido individual coletivo e partilhado, visto que sua atitude, inovadora pode afirmar no contexto desta Licenciatura os conhecimentos das Atividades Rítmicas e Expressivas, que apesar de fazerem parte dos currículos das Licenciaturas, não adentram como propostas consistentes e frequentes do âmbito escolar. Portanto as reminiscências do corpo de Água, tessionam as sedimentações e representações, que não estão apenas na sua história de vida, mas estão em todas as esferas sociais e epistemológicas desta Área do Conhecimento. O movimento dos corpos posto na perspectiva da realidade sensível, é a linguagem que pode universalizar a Formação Humana dos Professores, na crítica dos saberes hierarquizados e do contexto racionalista e modelador da Educação conservadora nas posturas enrijecidas dos corpos dos professores.

Eu pude perceber que os maiores problemas que tínhamos com as nossas menores eram uma questão de educação, de limites, de formação, não tinham pais, nem mães, muitas vezes eram estupradas pelos próprios pais, estavam grávidas, imagina como era o clima desta instituição. [...] Mas eu que era filho de político presidente da escola de samba, já dançava profissionalmente, mesmo enquanto professor e acadêmico de pedagogia, pedi uma oportunidade ao diretor de colocar um som no pátio. Foi que o primeiro som elas quebraram, eram meninas adolescentes de 13 a 18 anos, eu fiz uma vaquinha e elas quebraram de novo, foi que ninguém quis mais ajudar, os funcionários diziam: nós não temos que proporcionar o que o Estado não dá, não cabe a nós. Mas, eu dizia vamos ajudar, já que o estado não dá, vamos comprar, procurar e foi que eu coloquei a 4 metros de altura e lá ficou. Aí eu comecei a dança, era só eu, olhava para trás, não tinha ninguém, nas duas primeiras semanas tinha três, quatro meninas, mas na quinta semana, estavam todas dançando. E foi assim que nós conseguimos reduzir de dois a três motins para um e, às vezes, zero motim por semana. Conseguimos levar estas meninas para cursos profissionalizantes, que nós tínhamos nesta instituição, o Educandário Santos Dumont (RJ), que eram de artesanato, culinária, manicure, onde elas saíram da ociosidade dos pátios, em que elas maquinavam verdadeiras ações violentas contra elas mesmas, usando cabos de vassoura, em fim isso se reduziu com a dança, quer dizer as aulas com música e dança. Aí eu me formei e fui ser diretor desta instituição por mais alguns anos. Onde eu poucas vezes me mantive trancado no meu gabinete, ia direto para o pátio ligar o som, como música ambiente. Assim consegui recuperar a horta da escola, reativar com o juiz de menores a piscina, consegui fazer um baile com os meninos da instituição vizinha, infratores da mesma idade. Afinal porque as meninas tinham que dançar só com as mulheres, minha filha dança com rapazes é perfeitamente saudável isso, que as meninas despertem atenção, um olhar, com os outros rapazes. Foram atividades que eu pude perceber que era uma questão de educação, que era uma questão de respeito ao espaço que servia a elas, ou seja, a escola, o Educandário Santos Dumont, onde elas estavam aguardando uma decisão judicial, mas elas ali tinham uma educação, que era de 1º grau com atividades pedagógica e social, que nós fomos desenvolvendo e que reduziu a zero, por mês, os motins que lá existiam. E este exemplo me serviu e serve na minha vida até hoje, é bem inerente ao assunto que a dança é uma atividade intensa, imensa e liberal de inserção social. Capaz de trazer estas menores, para uma vida digna de um cidadão de respeito e dar a estas pessoas o seu conhecimento de direitos e deveres para que possam viver em harmonia com a sociedade. É, sim, a dança uma atividade perfeitamente saudável de um custo baixíssimo, e o brasileiro é bem dotado desta cultura, desta arte, deste talento (FOGO, 2003).

Neste contexto FOGO compreende nas narrativas da sua prática pedagógica, uma reflexão na corporalidade que adentra as mazelas da sociedade na violência e na marginalização dos indivíduos que acessam à minimização dos corpos nos espaços das relações sociais, na sexualidade, afetividade, no desejo, na subjetivação dos sistemas das relações educativas e formativas. Muitas vezes cabe ao professor propor novas possibilidades para ousar outros caminhos, que possam reconstruir aquilo que a sociedade a partir de modelos excludentes formou no comportamento dos indivíduos e que se reproduzem em gestos, hábitos e estilo, que não se modificam no linguajar do discurso racional das palavras, mas que podem ser intencionados à mudanças de sentidos no corpo sujeito da percepção, onde se pode colocar o sujeitos no significado real da sua existência. Na narrativa da memória de

FOGO esta é uma relação que se dá no corpo próprio, que coloca a representação da relação de poder do corpo objeto, àquilo que a sociedade institui e cujos reflexos aparecem na marginalização destes grupos sociais. Onde os corpos, estão carregados da subjetivação que não só representa a si, mas aos outro (gênero, sexualidade, raça, classe, religião), que num efeito *cadeia* apresentam sua própria ética e estética, ou seja, o que pode circular enquanto padrão em corpos que não se comunicam, que estão execrados de afeto, de expressão que pelo próprio instinto natural de sobrevivência, se arrogam o direito de representar pela negação ou pela subordinação. Então ritualizar o corpo na dança é propor novos sentidos e novos significados, que não se instalam em processos intelectivos, mas na via corporal e no psiquismo onde coexistem os estados elementares afetivos do corpo como ser sexuado, que colocam a existência no sentido da transcendência, daquilo que é metafísico, do amor, dos sentimentos, na perspectiva da complexidade e da autopoiese. Uma relação que já foi posta nas narrativas de Isadora Duncan, e que só vem a afirmar que o passado quando evocado, celebra no presente àquilo que ao futuro está intencionado. Um contexto que coloca na formação humana do professor, a criatividade, a coragem, a emoção a crítica, o entusiasmo categorias que perpassam todas as falas de FOGO, um caminho que ele construiu na percepção da realidade sensível, individual e coletiva, uma subjetividade corporalizada no seu “Jeito de existir”, um figurino do palco da sua existência com a comunidade partilhada.

Enfim, dizíamos há pouco que a existência biológica está engrenada na existência humana e nunca indiferente ao seu ritmo próprio. [...] Assim a visão, a audição, a sexualidade e o corpo não são apenas os pontos de passagem, os instrumentos ou as manifestações da existência pessoal: esta retoma e recolhe em si aquela existência dada e anônima. Quando dizemos que a vida corporal ou carnal e o psiquismo estão em relação de expressão recíproca, ou que o acontecimento corporal tem sempre uma significação psíquica, estas fórmulas precisam ser explicadas. (...) Nós o compreenderemos melhor precisando as noções de expressão e significação, noções que pertencem ao mundo da linguagem e do pensamento constituídos, que acabamos de aplicar sem crítica às relações entre o corpo e o psiquismo, e que a experiência do corpo deve ao contrário ensinar-nos a retificar. (MERLEAU PONTY, 1999, p. 221).

Neste ensaio a história oral, usa o registro das memórias dos *Elementais Caminhantes* para entender o *enigma do corpo* vinculado ao sentido individual, coletivo social, uma relação que está imbricada na subjetividade independente dos seus nichos Epistêmicos, suas ideologias e suas práticas, que vai buscar no seu fazer um conteúdo significativo onde possam discutir os conflitos da humanidade e que de certa forma intui uma identidade coletiva, que traz a crítica ligada ao movimento dos opostos, que compartilha a ética do sentimento da

solidariedade e da afetividade. Um discurso, incorporado dos saberes, querer e prazeres nos processos intelectivos e sensíveis, para reconsiderar aquilo que está empoeirado na memória do mundo moderno, que não permite enxergar a linguagem do sonho, do mito, da fantasia, questões que quando acessadas no corpo próprio do professor induz à uma mudança, um pensar autônomo, ativo, que incorpora a biologia do amor no seu processo formativo humano, com vistas à transformação no macro contexto da ação educativa [...] *A complexidade é um motor de uma história sem fim. Isto é importante do ponto de vista poético e filosófico, mas também provoca o sentimento desestimulante de um eterno começo* (PERRENOUD, 2001, p. 47) que celebra na realidade o dançar, desejar e cantar

Jesus era um grande biólogo. Quando ele fala de viver no Reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que permite viver nele sem abusá-lo nem destruí-lo. Para isso, devemos abandonar o discurso patriarcal da luta e da guerra, e nos entregarmos ao viver matrístico do conhecimento da natureza, do respeito e da colaboração na criação de um mundo que admita o erro e possa corrigi-lo. Uma educação que nos leva a atuar na conservação da natureza, a entendê-la para viver com ela e nela, sem pretender dominá-la, uma educação que nos permita viver na responsabilidade individual e social que afaste o abuso e traga consigo a colaboração da criação de um projeto nacional em que o abuso e a pobreza sejam erros que se possam e se queiram corrigir, esta sim serve para os Chile e os chilenos (MATURANA, 2001 p. 35).

Pensar um processo formativo na corporalidade é corporificar no discurso dos corpos, aquilo que há na cultura do seu povo, suas intenções e necessidades, uma educação que não se faz na visão redutora e conteudista dos saberes instituídos, mas no entendimento do humano, composto na razão e na emoção compreendido nas entranhas da existência, que transcende o tempo e o espaço no passado, presente e futuro, na linguagem da representação do mito e da fantasia. Uma compreensão que inspira a percepção sensível da realidade no movimento e na adaptação, que pode historicizar o pensamento em obra e arte corporificado na sua práxis, não como uma labuta diária, mas como um *Jeito de Existir* humano, percebido na dor e no prazer, tudo junto e ao mesmo tempo. Um ritual que os *Elementais Caminhantes* se apropriam, interpretam e celebram em *Ecos da ponte pênsil sob as águas da razão e da emoção.*,

Uma época como a nossa, na qual o ritmo indubitavelmente domina, deve, correspondentemente, manifestar o semblante discrepante que lhe é próprio, de uma tal figura arquetípica como é o rítmico Dionísio. Dionísio é o ritmo, órfica é a melodia apolínea do compasso. Orfeu, porém, é o mortal entre eles. (WOSSIEN, 2000, p. 15).

4.2 - Linguagem e processo

Não, eu vejo assim, com relação, quando eu era aluno deste mesmo tipo de conteúdo eu tive muita dificuldade de aprender, quando eu fui prá faculdade, a explicação teórica era realmente, ainda era bastante complicada, quando eu comecei a me dar conta, mais por leitura dos livros de qual é o sentido real das coisas, eu comecei a ver, que se o cara tivesse me dito assim seria mais fácil. Em buscar o mais fácil a gente cria toda uma metodologia um procedimento diferente, e talvez por um pouco de idealismo, como um professor que quer ensinar da forma que seja cada vez mais simples, então o que se faz? Então eu tenho uma forma de inverter o processo, em vez de trabalhar o conceito base: *energia é a capacidade de realizar trabalho*, este conceito pode botar aí que ninguém vai, tá lá nos livros, isto não tem muito sentido, então o que se faz? Se aluno participa desta idéia, de que energia é a capacidade de realizar trabalho, ou seja, é tudo que te dá movimento, se tu conseguir fazer ele participar disso (AR 2003).

Em toda a estratégia de conhecimento e ação há um pensamento que norteia as intenções e os objetivos a serem atingidos. Neste contexto, Morin (1999) coloca o pensamento como sendo uno e duplo, no sentido do *lógus e do mito*, que contempla pensar que todo o pensamento é *empírico-técnico-racional e simbólico-mitológico-mágico*, um sentido que viabiliza dispor o corpo como a linguagem que pode aproximar estas instâncias, visto que o empírico se dá no nível da experiência sensível e o simbólico acontece na representação de uma existência, através de suas próprias partes, que faz o interior aparecer no exterior.

Portanto, o corpo no sentido epistêmico, abre espaços na complexidade da sua existência e faz o mundo na compreensão do seu existir, na vivência da sua cotidianidade, cujas explicações e os sentidos são instituídos pela fonte do seu pensamento. Uma relação recíproca que institui uma ação contínua e repetida daquilo que interiorizou no plano da sua consciência, que não se dá só no pensamento intelectual mas na dimensão perceptiva, sensitiva, onde intessiona os impulsos mais íntimos da vontade à conquista dos seus objetivos, através da sensação dos estímulos corporais. Portanto, fazer um novo pensar à educação é introduzir o movimento, o desejo, a fantasia na corporificação das palavras, uma linguagem que se faz no corpo vivido integrado à vida cognocitiva do sujeito epistêmico. “*Enfim, na vida cotidiana coexistem, sucedem-se, misturam-se crenças, superstições, racionalidades, tecnicidades, magias, e os objetos mais técnicos (carro e avião) estão também impregnados de mitologia* (MORIN,1999, p. 170).

Então perceber a linguagem do corpo próprio dentro dos consrutos do fazer pedagógico, é perceber o corpo sujeito como parte do processo educativo, que inspira pensar

autonomia, participação, ação, reflexão, pesquisa, enfim, é perceber a si e ao outro como parte do processo de construção do conhecimento, no sentido que o pensamento é também um sistema, que se retro alimenta no vivido na interação das partes. [...] *“O problema dos dois pensamentos não é, pois, somente um problema original e histórico ultrapassado, mas o problema de todas as civilizações, inclusive as contemporâneas: um problema antropossocial fundamental”* (MORIN, 1999, p. 170).

Lecionar numa Faculdade particular, não tem nada disso tenho que me precaver um pouco, eles tem uma barreira. Isso é social, porque simplesmente eles não me conhecem e já aparecem assim, com esta atitude, eles não me conhecem, eles não sabem quem eu sou me conheceram agora. Essa pré-disposição, é um preconceito, é de dentro da cabeça deles, então não está sendo trabalhado. Antes o aluno era diferente, ele era mais aberto, mais respeitoso, agora ele não tem mais muito respeito pelo professor, porque ele não está ligando com o que vai acontecer comigo ele está irresponsável nesse sentido. A gestualidade, eu não vejo, porque é uma disciplina estritamente técnica, se fosse da Educação Física – eu não prestava atenção, muito atenção, porque não era o meu objetivo, nunca prestei atenção nesses detalhes, não tenho registro. Em termos de atitude sim, postura não. Agora depois dessa entrevista, acho que sim, com o conhecimento que eu tenho hoje, no momento que você cuida mais de uma parte se reflete na outra, é um todo só, exato. Se você cuida automaticamente começa a se refletir na outra. Mas tem que ser desde pequeno, não é depois que já cresceu, depois que está adulto, acho que é no berço e assim você vai se formando e se reflete na vida adulta, o que toda a infância e a adolescência foi cultivado. E depois também no relacionamento dos próprios professores, com as outras pessoas, com os amigos. Isso quer dizer o seguinte, que se há o cuidado com a pessoa física, automaticamente existe cuidado com a relação com quem ela interage, essas coisas todas são intrínsecas e se trabalhadas bem elas vão dar um bom resultado positivo. Mas não era assim. Parece sessão de Psicanálise, porque eu tive que fazer uma regressão, de aspectos que eu nunca tinha falado, e rever todas as coisas que aconteceram e falar rever uma série de coisas, que nunca tinha pensado ser tão importantes, foi justamente como você falou, à medida que você ia fazendo a pergunta, eu fui percebendo que numa pergunta estava a resposta de muita coisa. Pela sua pergunta eu fui percebendo que o enfoque era a pessoa corpo e a pessoa alma, atitude gestualidade, o que eu penso e o que eu mostro, o que eu ajo e o que eu faço fisicamente e intelectualmente. Muito interessante eu nunca tinha percebido. Será que a maneira de se movimentar e agir das pessoas, e de interagir consigo pode se expressar na maneira de vestir? As coisas todas fluem juntas, então se eu cuido de todas as partes acaba que você tem uma formação de um todo no indivíduo (TERRA, 2005)

Assim, o mundo contemporâneo é atravessado por dualidades que se inserem nas ações dos sujeitos, e que quando observadas na corporalidade enquanto processo educativo, contextualizam as premissas da história da cultura, que fazem interferir os juízos na subjetividade dos sujeitos, aferindo identidades e pertencimentos, alteridades e fronteiras que podem alimentar idéias e permanências às dinâmicas formativas do corpo na sociedade, questões que TERRA já auto explicou nas suas narrativas. O que cabe portanto é centrar que

este *Elemental Caminhante* de sessenta anos fala, sobre três tempos e três contextos. Primeiro a docência atual dele na UNIFRA e o que se refere a vinte ou trinta anos atrás e que estão ainda na memória tão presente, as crianças em Faxinal e os alunos na UFSM, e o tempo real, em que ele através das perguntas e narrativas foi corporificando as relações. Que ele considerou como um uma regressão, e que eu diria hoje, uma Maiêutica [...] “*fazer seus interlocutores descobrirem verdades que caregam em si sem saber*” (DUROZÓI993,p.302) um ritual renovador, da metanarrativa na memória da corporalidade, percebida no corpo próprio para permitir novas configurações das e nas esferas sociais da formação humana do Professor.

Didaticamente, o professor sempre adquire alguns comportamentos, de instrução, quando ele fala aquilo que quer ensinar, organização quando ele organiza seus materiais, observação quando ele observa os alunos e retroalimentação quando ele faz algumas correções sobre os trabalhos já feitos. Mas de todos os comportamentos que ele tem que adquirir durante uma aula, para mim a afetividade é o maior todos, a afetividade faz a diferença de uma aula. A afetividade tátil, quando tu sente o aluno tá precisando de um abraço, tu conversa, ele conta as dificuldades, o simples toque no joelho, sentar ao lado, tratar ele como filho, tratar com humanidade, pelo nome, apelido, dando conselhos. Este toque de abraçar, de levar o aluno do meio da sala até a porta de saída, te aproxima muito mais, entrar nas relações, parar próximo, tomar chimarrão com ele, com a mão no ombro dele. Eu sempre trabalho isto nas minhas aulas como professor de didática, eu sempre falo que a afetividade é uma forma que tu ganha o aluno, em consequência que a tua aula se torna mais gostosa, mais atraente. Não é só a aula o pressuposto para o aluno estar ali, mas a tua presença, porque o aluno sabe que tu gostas dele, que ele é querido na tua aula, que tu demonstra de forma afetiva, utilizando o contato, o toque, uma forma de chamar o aluno para aquela atividade (ÁGUA, 2003).

Os saberes contidos na dimensão corpórea contemplam as mais diversas instâncias, desde os aspectos da razão instrumental como da ação comunicativa, à interpretação da hermenêutica do discurso, uma possibilidade de caminhos que estão contidos nas narrativas do corpo próprio dos *Elementais*, onde as experiências vividas são o norte da sua práxis, que não é um processo neutro mas está vinculado a princípios no micro e no macro contexto da história. Desde os filosóficos os paradigmas epistemológicos, aos processos civilizatórios da cultura, antropológicamente instituídos dentro da factibilidade humana e historicizados nos arquivos da memória dos conhecimentos produzidos no contexto da humanidade, e que estão à mercê das lembranças ou dos esquecimentos, que tensionam à crítica da visão do mundo que está incorporada na sociedade, onde se encontra o sentido individual, coletivo e social do jeito de existir.

As pessoas em interação no discurso expressam enunciados por intermédio dos três planos integrados, o da subjetividade, das emoções e do “eu”, com o plano da intersubjetividade, da relação com os outros, e por último, articulado às contribuições da linguagem objetiva e instrumental que propicia a transformação da natureza. Cada uma das esferas de comunicação ressalta um aspecto da linguagem, sendo que a primeira manifesta-se predominantemente nos gestos, na expressividade, na força das imagens e tem forte presença no campo da arte e da estética; a Segunda forma encontra-se alicerçada na ética, por último, a terceira encontra apoio no campo da técnica e da ciência. Uma hermenêutica performativa pode se fazer presente em todos os planos discursivos, podendo inclusive abordar o tema a partir de qualquer um dos ângulos da racionalidade expressos na linguagem. O desafio é promover a comunicação entre as esferas, de tal forma que se possa corrigir os rumos unilaterais e desenvolvimento da racionalidade que apostou em apenas uma dessas dimensões (TREVISAN, 2002)

Ressignificar estes saberes é colocá-los em situação na espacialidade do corpo próprio e na motricidade, entender-se como ser sexuado, colocar o discurso como expressão e a fala, intencionar os sentidos na representação da linguagem de expressão e comunicação do corpo no mundo, na experiência sensível, na linguagem da imagem e da metáfora. Um contexto que se encontra nas narrativas de ÁGUA que ao falar da sua aula, evoca a representação no mito do corpo, onde se apropria de determinações fundamentais que são também sociais, que intencionam um tipo de educação centrada em um *éthos* voltado na *physis*, a essência comum a todos os seres. Que pode produzir uma identidade na intersubjetividade manifesta na unidade sensível, onde os gestos são a mímica emocional, o signo natural e a linguagem o signo convencional, e em uma representação que evoca da memória do passado, a fantasia, a celebração, o sentido da comunidade partilhada, o bem e o belo, a sedimentação e a espontaneidade, o ritual do *homo phantasia* e o *homo festivus*.

Então quando ÁGUA argumenta que o pressuposto da presença do aluno, não é só a aula em si, mas a presença do professor, ele se apropria do corpo sujeito da percepção no para si, onde os significados percebidos ocorrem no sentido do percebido no mundo com o outro. Uma reflexão que lembra a *aisthêsis*, que significa “sentir com o outro, experimentar emoções com os outros” (SANTIN, 1995, p. 40). O corpo enquanto presença no mundo representa e interpreta sentidos e significados que não estão contidos só no discurso das palavras mas produz gestos que trazem a fonte destes significados, cujo conhecimento pode ser percebido pelo aluno, quando o corpo sujeito for considerado um conteúdo a ser desvelado no contexto da percepção sensível, uma possibilidade da sensibilidade na formação humana do Educador, cuja primeira instância é a percepção dos significados e sentidos do corpo próprio.

A comunicação não é um objeto de reflexão, e menos ainda de julgamento, que possa ser separado do conteúdo dos intercâmbios e das personalidades dos interlocutores. Ao julgar a forma de comunicação de uma pessoa, julgamos seu

caráter, seu capital cultural, seu saber viver, sua ética, sua motivação (PERRENOUD, 2001, p. 62).

Então perceber o corpo no processo educativo é tornar-se sensível às pessoas, à ética, as identidades, a história e a cultura que segundo o modelo de Chartier busca as interações sociais a partir de uma identidade intelectual, em que o social faz sentido nas práticas culturais e por sua vez envolve representação, apropriação e determinações fundamentais. Neste olhar cabe pensar como são os corpos, que se representam na escola, enquanto ética, motivação, afetividade e outros aspectos que fazem parte do processo formativo? E ainda salientar, que na intersubjetividade dos sujeitos no processo, é a representação do corpo que faz a primeira linguagem exibida nos seus gestos, hábitos e estilo, uma *physis comum à todos os seres*.

Um outro elemento importante do significado social e político das memórias são os mecanismos de manutenção e perpetuação das memórias, que ocorrem, sobretudo, através de diferentes tipos de rituais, familiares, grupais, comunitários, cívicos, que desempenham a função de repetição e atualização, porque, ao evocar faz-se também uma releitura do passado, tanto do passado individual, quanto do passado social, pode construir heróis e anti-heróis.

Nas narrativas da memória dos *Elementais Caminhantes*, é possível identificar uma identidade humanizada, onde a práxis não tem um fim em si mesma mas está voltada para a memória social, preocupada em uma educação que envolve também a ciência e a política na história e na cultura da sociedade. Então, é na fala de FOGO, que a história de vida sedimenta mais um aporte neste contexto vivo e ativo do corpo sujeito da percepção no processo formativo, como uma possibilidade de construção de saberes significativos do mundo vivido e percebido no contexto escolar. E que vem discutir a participação da coletividade, a responsabilidade social e a inserção do professor enquanto incorporação das palavras, uma questão que se identifica nas reminiscências da memória, enquanto subjetividade da vida dos *Elementais Caminhantes*, que trazem na sua práxis hoje as redes e os tirantes da memória, de natureza perceptiva e sensorial evocada nas imagens mentais, cujas idéias e as associações produzem os bens imateriais da sua consciência no seu saber fazer epistêmico e não epistêmico, que mesmo na diversidade das Áreas aparecem na singularidade do pensar sentir e agir centrado para a *Comunidade Partilhada*.

O tema da inclusão social para mim é muito forte, porque eu vivenciei um pouco disso, vi colegas da mesma minha idade seguindo outros caminhos. Ontem eu tive uma experiência muito brilhante, tive oportunidade de conhecer um programa, aqui

em santa Maria, que é o Projeto Escola Aberta para a Cidadania, onde atividades artísticas, cênicas, atividades como a dança, a capoeira é desenvolvida dentro da escola no intuito de trazer a comunidade e essas crianças para a escola, não simplesmente para que elas ocupem a escola no final de semana, mas que tenham a continuidade na sua casa, que tenham na escola o apoio social e cultural e até educativo, que a escola não tenha só a conotação de 2ª a 6ª. Sábado e Domingo. Que seja um terreno baldio para drogas e estupro, como é no Rio de Janeiro, de pessoas que atacam mulheres e crianças, que a escola tenha a mesma conotação que escutei uma vez da Thais Muller - que antigamente ela tinha prazer de ir a escola, e hoje o estudante tem ojeriza à sua escola, sua comunidade, ele quer ir para uma escola fora do seu bairro, não tem mais bairrismo, orgulho de dizer: aquela é a minha escola, aquele é o meu clube, esta é a minha rua. O projeto que eu vi aqui tenta recuperar e mostrar para o estudante que a escola é o caminho da educação, o caminho do certo. Eu acredito que com este programa que eu vi e que muito me comoveu, que me fez lembrar quando a escola era um lugar desejado pelos alunos. Que cabe aos responsáveis, aos pais não só apoiar os projetos é participar, é comparecer, é contribuir, é quando chegar em casa olhar o caderno, discutir com o filho de igual para igual, e trazer este tema de discussão pra sua própria casa. Ou seja, a dança pode e será sempre um elemento favorável aos nossos dias, hoje, tamanha turbulência e violência é através da educação da cultura que nós vamos conseguir mostrar nosso país de forma positiva, porque é desta forma que isto acontece hoje. Fala-se do Brasil com tráfico, com corrupção dos políticos, com violência, droga, estupro, pedofilia, é só isso que se fala do Brasil lá fora. Agora a nossa música, a dança, a cultura é mais respeitada que qualquer coisa, então façamos delas a nossa bandeira, o nosso estandarte. Não só mostrar que o nosso país não é terceiro mundo, não é uma coisa violenta, que não encontramos tigres e cobras no meio da rua, nem tampouco usamos pena na cabeça, não que isso nos envergonhe, mas não somos mais dessa época, mas somos compatíveis a qualquer atividade profissional, pois somos perfeitamente capazes de competir com qualquer mercado. Mas vamos mostrar, através da educação, da nossa arte, que nós somos bastante civilizados para levar nossa vida socialmente, enfim uma vida digna, mostrar que o Brasil é esta gente dançante (FOGO, 2003).

Neste contexto, FOGO coloca a memória social dos corpos nos processos educativos e formativos, para resignificar a cultura do povo, no sentido de nação, os pertencimentos e fronteiras de um processo de identidade e alteridade que envolve valores e significados na construção do imaginário, que visa cidadania e autonomia, um universo simbólico que pode moldar o comportamento das pessoas, as políticas e os construtos ideológicos. Uma construção que ocorre no nível da memória de natureza perceptiva sensorial, que no sentido da memória social, pode passar pelo esquecimento ou pela exaltação, que neste caso sugere afirmar valores desconsiderados na sociedade, de corpos “emudecidos” através da cultura dos corpos, na música e na dança, uma memória da linguagem antropológica do povo brasileiro. Que fazem a *ponte* na historiografia da pedagogia, nos modelos pedagógico de Shiller, o Homem Integral com mobilidade moral e felicidade, sobre o belo e sobre a arte, (*Bildung*) e de Nietzsche no Espírito Livre (*Der frei Geist*) Nobre (*Der vernehme*) e Dionisíaco (*das Dionisysiche*), que trazem mensagens éticas e filosóficas , para o contexto pedagógico da formação Humana.

Toda a instituição é um sistema e faz parte de um sistema mais amplo. No entanto, não sabemos se ela sabe disso. Uma instituição capaz de pensar de forma sistêmica é uma instituição capaz de pensar em sua complexidade interna, em suas dependências externas, de construir uma visão de conjunto de seu funcionamento e de seu ambiente, bem como de propor linha de ações coerentes.[...] Acreditar que a escola é um lugar de pura razão porque nela são construídos e transmitidos saberes, significa esquecer que estes saberes alimentam práticas e políticas. A astronomia e a teoria da evolução desencadearam grandes paixões em sua época. Todo o discurso cru, realizado hoje, a partir das ciências humanas, suscita fortes resistências ideológicas: não é bom dizer todas as verdades (PERRENOUD, 2001, p. 49, 89).

Nas falas de AR, ÁGUA, FOGO e TERRA há uma representação voltada para as preocupações de um pensar sistêmico e humano, onde o professor, o aluno, os conteúdos, as instituições, as políticas, as ideologias estão incorporados no ato pedagógico. Enquanto AR se preocupa em tornar acessível o seu conteúdo, ÁGUA entende a importância da afetividade na relação interpessoal no processo, FOGO configura suas idéias em um tipo de instituição, de projeto e ética, que TERRA confirma quando se reconhece no conhecimento do outro e que faz conexões com a sua Formação individual e coletiva, humana, social e epistêmica, um todo orgânico e sistêmico que se completa na complexidade do *Jeito de Existir*. Um pensar sistêmico que está centrado na relação do espaço e do tempo, que faz evocar o passado para projetar o futuro que já está presente na intenção e na práxis de todos os *Elementais Caminhantes*, que não está sob as dualidades, mas comporta o refazer dos antagônicos no sentido da complexidade partilhada e do corpo sujeito da percepção. Uma relação que origina pensar, que [...] “o corpo próprio está no mundo assim como o coração está no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (MERLEAU PONTY, 1999, p. 273). O corpo próprio enquanto representação da cultura no vivido, pode interpretar o emocional, o estético e o simbólico, aspectos que podem ritualizar muitas linguagens na corporalidade dos sujeitos na educação, para ressignificar o conceito da *Physis* Grega no sentido de um novo *Éthos* no mundo contemporâneo, interpretado e encantado pelo sentido humano e transformador da música de ORFEU, uma representação do *Caminhante na Comunidade Partilhada*, para a Formação humana no contexto pedagógico.

O homem não tem só linguagem, ele é linguagem, assim como todas as criaturas e coisas que nos parecem inanimadas- pedras, cadeias de montanhas, mas também plantas e animais, e mesmo as estrelas. (WOSIEN, 2000, p. 27).

4.3 - O Sentido Natural e Humano da Phisis

Há todo uma sistemática no corpo prá explicar. Não assim, o que aconteceu hoje, aconteceu em duas turmas diferentes, eu tô dando a aula e um aluno tá querendo cochilar, pedi que ele fosse até o bebedor, prá ele acordar, eu queria produzir um impacto, eu tive a intencionalidade de movimentar o corpo, depois eu mandei ele ir lá fora e cuspir três vezes que ia passar o sono, todo mundo ficou rindo, ele até pela adrenalina pensou: o que o professor tá fazendo? Faço o aluno agir no fenômeno prá construir o conceito, o conceito de velocidade, 8ª série, os alunos vão pro pátio e cada um caminha no seu ritmo, há uma utilização do corpo no processo de aprendizagem, quando a pessoa se obriga, ela praticamente se obriga a estar inserida, ela participa da construção do processo. Quando eu quero trabalhar uma potência, eu mando ela sair da sala de aula e eu pergunto em qual dos dois casos gastou mais energia, em qual dos dois casos gastou menor tempo, o que seria o conceito de potência, ela tem que refletir o que é potência, o que é movimento, o que é energia, ela vai buscar na sensação dela o que aconteceu, então ela busca construção do conhecimento em si próprio, é muito mais fácil de entender, eu, me parece, não tenho certeza que se tem um aproveitamento melhor, parece certo na forma tradicional que a gente perde um tempo maior, maior mas tá liquidado o assunto, não é decorado nem nada. (AR, 2003).

Neste contexto AR elenca as preocupações para um conteúdo significativo à vida dos sujeitos, e a própria expressão do sujeito frente a este contexto, que enquanto existência está posto na cotidianidade das factilidade, entre elas o cansaço e o sono questões que mesmo não sendo o objeto do conteúdo epistêmico, vão integrar a ação do processo educativo. Uma questão que AR coloca em situação, de tempo e espaço, no corpo sujeito da percepção de uma forma lúdica e imaginativa, que, por sua vez faz relação com o seu jeito de existir, de contar casos e de satirizar o vivido. Uma forma para construir uma relação do individual com o coletivo, em um processo dialógico no corpo sujeito em relação as coisas do mundo e ao seu conteúdo epistêmico, em que se utiliza da corporalidade para fazer associações, com a memória de natureza perceptiva e sensorial ontológica e comum à todos os seres então humanos, que também sofrem tensões no seu contexto biológico.

A tensão manifestas-se no debate social sobre as finalidades do sistema educativo. É reencontrado no interior dos estabelecimentos de ensino, não só entre os jovens e adultos, mas também entre os próprios adultos, que não compartilham a mesma ideologia e não estão no mesmo, campo. Por fim, na sala de aula, todos os dias nasce um compromisso frágil entre o respeito pelas pessoas-por suas necessidades, seus ritmos, seu pensamento e as experiências do programa, do trabalho, da avaliação, do horário, da coexistência.(PERRENOUD, 2001, p. 32).

A fala de AR é contemplada no pensamento de Perrenoud, quando este aborda os antagonismos, entre eles a pessoa e a sociedade, que em referindo-se ao ritmo é uma preocupação já posta desde o período pré-tecnológico, quando já era exigido um maior

esforço físico do homem e que se reafirma na modernidade no homem maquinaria do poder a mercê do ritmo instituído pelo sistema de produção, o qual, a escola também se insere hoje na contemporaneidade. Uma reflexão que faz pensar o coletivo nas categorias de espaço e o tempo, que na fenomenologia da percepção não são um *a priori*, uma propriedade natural dos indivíduos, mas deve ser aprendido de forma cultural e experimentado. E que, no corpo sujeito da percepção faz as relações na espacialidade do corpo próprio e a motricidade, onde o aluno detém a representação de tempo e espaço que a sociedade institui incorporado na própria espacialidade do contexto escolar, intencionado à consciência do corpo sujeito, que percebe e é o mundo percebido.

Que me faz recordar a narrativa de “Alice no País das Maravilhas”, quando ao conhecer as maravilhas do mundo, era sempre tensionada por um coelho que passava segurando um relógio, dizendo “tô atrasado, tô atrasado”. Uma história que hoje faz ressignificação no meu micro contexto individual subjetivo e objetivado hoje, “tô atrasada, tô atrasada”, e que está imbricado no macro contexto histórico global social.

As ontologias literárias para as crianças, também selecionam textos alusivos à escola como espaço ao qual se atribuem imagens e idealizações, afetivas, culturais e estéticas. Assim a escola pode ser a “rocha onde se aninha o ativo condor do pensamento”, o “solar onde se nutre a infância”, o “ingente foco que de luz inunda choupanas, povoados, palácios e cidades”, o santuário onde oficina a inteligência humana, a mansão bendita”, e “prazerosa aula”, a “fonte de luz” e o “altar perene da esperança” (RODRIGUEZ, apud VINÃO FRAGO, 2001, p. 51).

Os significados do mundo estão, pois, no *lógus* e no mito, na imagem e na metáfora, um contexto que intenciona a representação do *homo phantasia* e do *homo festivus*, que ao se apropriar da consciência lúdica imaginária liga a percepção sensível ao sujeito, que enquanto existência tem a capacidade de transcender aos entendimentos metafísicos dos sentimentos, através das premissas do impulso intencional da sensibilidade, que fornece as sensações aos estímulos corporais. Um contexto que evoca as metáforas de Nietzsche, os poemas de Fernando Pessoa, que nas agruras do seu tempo nos conflitos da existência, intencionam uma representação e interpretação da realidade, que junto às mazelas do estruturalismo histórico, da ordem exacerbada, do poder das máquinas sobre o homem, possibilitam pensar o sensível, o novo, que se afirma no velho, visto que o homem anterior ao intelectualismo racional, explicava e concebia o mundo na relação do mito, na linguagem da natureza, no poder da narrativa da memória, nas imagens, no sentimento, nos gestos e na dança de Isadora Duncan.

Educar é instruir, é permitir que o aprendiz mude sem perder sua identidade, é conciliar a invariância e a mudança. A organização escolar também deve se renovar sem se desfazer, absorver novos saberes, novos programas, novos métodos e novas tecnologias sem renegar a herança e sem deixar entender que tudo o que se fazia antes tinha nenhum sentido. Na escala da sociedade, a educação e o ensino oscilam entre reprodução e mudança, continuidade com o passado e antecipação do futuro. A escola, por sua própria natureza, é uma confluência entre o velho e o novo, tanto as pessoas quanto o sistema e, por isso, está no centro do debate que sempre renasce entre antigos e modernos (PERRENOUD, 2001, p. 33).

Repensar a escola é antes de tudo pensar o homem, é ressignificar as idéias no sentido dos antagonismos, do paradoxo da existência, do lógos e do mito, da dor e do prazer, é perceber o que é intencionado ao outro, e que, nos processos educativos, deveria estar atrelado aos processos sensitivos e vitais, do prazer e do desejo. Uma educação sem desejo inclui uma participação passiva, uma veiculação transmissora cujos conteúdos são de ordem dogmática, que pode projetar uma visão determinista das coisas, do mundo e dos sujeitos. Uma reflexão, que AR intensiona ao responsabilizar-se com o grau de participação de seus alunos no processo educativo, que vincula aos dispositivos da vontade quando brinca e *exorciza a realidade na corporalidade*, em uma ação que conscientiza sua humanidade no contexto escolar.

Quer dizer, a responsabilidade e liberdade surgem na reflexão que expões nosso pensar (fazer) no âmbito das emoções a nosso querer ou não querer as conseqüências de nossas ações, num processo no qual não podemos nos dar conta de outra a não ser de que o mundo em que vivemos depende de nossos desejos. (MATURANA, 2001, p. 34).

Onde não há a observação do fenômeno sobre o olhar da experiência sensível, nem há celebração do observador/perquisador do fenômeno compartilhado, há uma via de mão única que projeta a massificação das idéias, dos desejos e a passividade dos corpos. Que por sua vez, pode dificultar a construção de juízos à alteridade e diversidade e à inclusão desses contextos na prática social dos sujeitos, que exige o sentido da renovação e da ambivalência, que não se descobrem nos processos mentais, mas nas vias da realidade sensível. Uma relação que faz pensar a passividade dos corpos nos processo educativo, pois sem a partilha da realidade sensível, o corpo se individualiza e se fragmenta, uma relação que é instituída enquanto hierarquização dos conteúdos da ciências exatas sobre as humanas e sociais, nas metodologias tradicionais transmissoras e bancárias, e na imagem “emudecida” do corpo próprio do professor.

Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver como a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo instrucional, mecanicamente até eficiente, mas sem a celebração do conhecimento na aprendizagem (ASSMANN, 1998, p. 20).

Intencionar uma formação centrada nos processos cognoscitivos e sensitivos é alicerçar uma educação humanizadora, com indivíduos ativos e dispostos à mudança, percebida na circunvizinhança do seu corpo próprio cujos usos do conhecimento adquirido servem para aproximar os conteúdos epistemológicos da vida dos sujeitos. Emocionados no mito do *homo phantasia* e no *homo festivus*. Aprender na corporalidade é um ritual que exige mexer instâncias espaciais, móveis, portões e vestuários, um ritual que renova à partilha dos bens culturais e sociais.

Os sistemas racionais empíricos são determinados por *patterns* de projeção-identificação, sendo irrigados por correntes imaginárias. A dialética das relações prático-imaginárias é, por conseguinte, o tecido fundamental de nosso universo, de nossa realidade humana. Não é apenas o trabalho humano, mas também os processos imaginários que dão densidade e corpo a nosso mundo (MORIN 2003, p. 102).

A discussão da hierarquização dos saberes já propõe pensar as conseqüências desta hegemonia nas escolhas profissionais, que são maiores nas ciências naturais do que nas ciências sociais e humanas. Um reflexo que aparece nas licenciaturas, que no macrocosmo do sistema de produção e capital, sofrem do descaso e minimização sobre os investimentos e os recursos disponibilizados para o sustento da coletividade operante, no sentido dos salários dos professores e verbas para produções científicas. Enfim, aceitar o conhecimento epistêmico somente no âmbito da racionalidade, é, endossar a minimização da humanidade dos sujeitos em detrimento ao progresso tecnológico. Aceitar a sensibilidade como uma dimensão do conhecimento, é, se apropriar da complexidade dos sistemas que incluem as dualidades, os paradoxos e os antagonismos numa via que não é de enfrentamento, mas de investigação dos possíveis olhares que podem compor a completude da dinâmica da compreensão do humano no mundo, para dispor os saberes na reciprocidade dos prazeres disponibilizados no ideário imaginário da educação, na relação da corporalidade no agir do sujeito.

Procuro movimentos do cotidiano, da história prá dizer qual é o movimento que deve ser feito. Eu não falo para o homem rebolar, eu sei que isso não vai soar bem prá ele, eu falo: você está na esquina, ponto do ônibus [mostra o peso sobre a perna, quadril deslocado para o lado] esperando aquela loira maravilhosa, que você está a um mês querendo namorar, hoje é o dia, só que ela não chega. Tu olhas no relógio, troca de perna, olha de novo, troca de perna, e aí vou falando, na quarta vez ele está fazendo, transfere, olha só a sua bunda no espelho, e digo como que você não rebola (FOGO, 2003).

É também, na dimensão corpórea que se instala o controle das idéias, dos pré-conceitos e dos modelos emblemáticos que imobilizam os sujeitos, na relação de gênero e no movimento corporal expressivo. Mexer nestes contextos instituídos na história e na memória das mentalidades é mexer na memória dos sujeitos, cujas imagens verbais estão manifestas sob traços corporais ou sob psiquismos inconscientes, imbricados na subjetividade da linguagem do corpo, enquanto objeto determinante e determinado, cujas concepções, comportamentos e subjetivação fossilizam as imagens dos corpos na cultura. Neste contraponto a teoria da física quântica coloca a dinâmica no movimento ligado ao universo, que possibilita sair da experiência redutora da matéria para inter agir com um fluir cósmico, que no *Tao da Física*, Capra associa aos primórdios das correntes orientais, quando diz, [...] *na Grécia antiga, Heráclito ensinava que tudo flui, e comparava o mundo a um fogo eterno e vivo*”, uma relação que ligo à nominativa dos *Elementais Caminhantes* que evoco deste tempo, em que [...] *O corpo era definido como sendo feito de Terra, Agua, Fogo e Ar*” (SOARES, 2001, p.). Então, para disponibilizar à mudança de corpos objetos para corpos sujeitos do conhecimento, reflito sobre [...] *um místico Yaqui. Dom Juan refere-se ao mundo fugaz, e afirma que para ser um homem do conhecimento é necessário ser leve e fluído.* (CAPRA, 1983, p.146).

Portanto, os processos educativos no corpo, em algumas práticas corporais como a dança, vão se articular sob a linguagem da metáfora e das imagens, uma linguagem que se projeta no nível sensorial para acessar os mecanismos da fantasia, do lúdico nas esferas sociais e culturais, aonde movem os construtos que vão caotizar a sua corporalidade. Uma concepção que FOGO utiliza no sentido da metamorfose do ser sexuado, que faz a relação recíproca do psiquismo com a vida corporal, em uma dinâmica que articula os saberes na relação ativa, espontânea e natural no sentido do prazer e do desejo, que liga um corpo ao outro.[...] *Uma possibilidade da esperança é manter os ímpetos, as aspirações por uma nova vida, é ficar móveis e mobilizáveis* (MORIN, 2003, p. 56).

Suponhamos que já somos capazes de vislumbrar que não é apenas o aspecto da educação, que está em discussão (seu condicionamento corporal propício), mas se trata de lutar por uma redefinição cabal da educação, como um todo. Na medida que deveras alcancemos esse patamar de compreensão do problema, devemos, como exigência mínima, saber articular alguns argumentos sólidos para sustentar o que afirmamos como suposto; toda a educação, para que corresponda às características biofísicas do ser humano, tem que ser visceralmente Educação Corporalizada (Assmann, 1994, p.113).

Então, articular saberes e prazeres é se responsabilizar pelos construtos epistemológicos do conhecimento, é transcender a disciplinaridade das áreas, é dar aos corpos situação de movimento, nos dispositivos da percepção sensível para ressignificar permanências e dominações, para rever novas metodologias que venham impulsionar sujeitos autônomos, ativos e intencionados à mudança, que considerem a ética às identidades e alteridades. Então, ao professor cabe a percepção do seu corpo enquanto espacialidade do corpo próprio e a motricidade, como ser sexuado, como expressão e fala, como mecanismo de reatualização e perpetuação que começa na memória individual, que enquanto construção da identidade se constrói no social partilhado, na dimensão da temporalidade e espacialidade dos sistemas organizados, uma dinâmica formativa na corporalidade para uma educação sustentada na crítica da fantasia e da celebração do fazer histórico, subjetivada na realidade sensível.

Na *phantasia*, tentativa de compreender o mistério da vida, homens e mulheres têm seguido muitas abordagens diferentes. Entre estas se encontram os caminhos dos cientistas e do místico. Existem, contudo, muitos outros: os caminhos dos poetas, das crianças, dos palhaços, dos xamãs – isto para indicar apenas uns poucos. Esses caminhos deram origem a diferentes descrições do mundo, tanto verbais como não verbais, e que enfatizam diferentes aspectos. Todas são válidas e úteis no contexto em que surgiram. Todas, entretanto, não passam de descrições ou de representações da realidade, e em decorrência disso, limitadas. Nenhuma pode fornecer uma representação completa do mundo (CAPRA, 1983, p.226).

Uma concepção que AR através da sua história de vida compactua quando faz a relação da sua disciplina com a sua forma de abordar saberes e linguagens diferentes no seu contexto escolar, eu um pensar interdisciplinar[...]. *Assim a contribuição de qualquer estudo podia ser avaliada no contexto de um empreendimento geral, e não como se existisse isoladamente* (BECKER, 1999, p.104).

A disciplina hoje, ela é muito favorável, embora infelizmente os programas a serem vencidos praticamente são obrigatórios em função de que o vestibular pré estabelece quais são os conteúdos que tem se trabalhado, e ele só diz o conteúdo, não diz nem a

bibliografia que tem que trabalhar quanto mais falar em artigo, revista, reportagens ou temas que devem ser discutidos. Não ele é um programa seco, então quanto a isto ele me obriga a trabalhar certos temas em física, mas a física ela me permite em função destas concepções modernas que tem de física, do próprio Capra, me permitem tomar caminhos que invadem dentro da geografia, dentro da biologia, dentro da química. Dentro desta concepção interdisciplinar, eu vejo assim, quando toma um determinado assunto prá discutir, quando se resolve discutir sobre qual deve ser o posicionamento que o poder público deve tomar em relação à assistência ou não ao sem terra, como era a discussão do caso de hoje. Quando tu entras numa discussão desta aí, tu consegues discutir - qualquer um consegue discutir – eu quero dizer tu só vai ter argumento prá levar para a discussão a um nível um pouco mais elaborado em cima de certas leituras e estas leituras que exigem -leitura e discussão- e estas leituras exigem alguns conhecimentos que estão distribuídos nas disciplinas. Então são estas discussões, estas leituras que vão de certa forma usando os conteúdos das disciplinas, é que vai formar a interdisciplinaridade. Quer-se hoje, eu penso assim, interdisciplinaridade na educação, não simplesmente porque é bonito ou porque virou moda na educação, se quer interdisciplinaridade na intenção de formar um cidadão com um conhecimento amplo, político eclético, que esteja disposto a conversar, pronto prá discutir, ser crítico e questionar ou aceitar concordar ou discordar e ter argumento prá viver plenamente a cidadania dele. Então acho que hoje a intenção de discutir interdisciplinaridade, no vestibular em Santa Maria é nesse sentido. (AR, 2003).

4.4 - A Corporificação de Eros na Comunidade Partilhada

Tem música que eu lembro da família, tudo que eu faço hoje com meu corpo, [emoção-faz gestos de dança] – que se eu faço isto eu não faço outra coisa – até palestra eu acabo me levantando da mesa [gesto- tom de voz se altera, fisionomia], uso o corpo para tudo, lembro música, minha família, o meu gestual, já está tudo dentro disso, é como se eu não soltasse a linguagem verbal, sem o gestual, acho que eu sou redundante, basta eu falar, eu não preciso falar e mover-me [Risos] Eu me sinto como um sujeito sim, mas, muito mais um sujeito no corpo. Eu acredito que tudo que faço está ligado a minha emoção, não resta duvida, se eu estou bem ou mal, todo mundo percebe no meu processo de aula (FOGO, 2004).

Não sei se tu notou, a cabeça e o corpo falam, o corpo agora já está pensando em sair [risos], a ansiedade velha chamando, os pezinhos pulando [balança os pés] porque a mesa está cheia de coisa para fazer , eu mostro tudo no corpo o que eu sinto. Eu me sinto como um sujeito no corpo, um todo. (Água, 2003).

Eu vejo assim esta integração entre o corpo, sentimento, valor, e a pessoa no todo. Uma manifestação no sentido do resgate [silêncio]. O fato de ter mexido em várias coisas, lembranças, infância, resgate de valores, nisso eu acredito, eu vejo, existe uma forte possibilidade da nossa conversa ter mexido um pouco na minha estrutura e ter tido um efeito, eu adoeci (AR, 2003).

Eu não tinha me dado conta disso, como uma auto análise e voce projeta, uma reflexão que inspira mudança, e principalmente atenção e cuidado [tom de voz se altera] para esses detalhes, que perpassam desapercibidos, que até então eu nem sabia que havia esta interligação, tão grande. Agora eu percebi com estas tua entrevista. Tem certas coisas que são complicadas de falar, como uma regressão. Eu guardo mais as coisas positivas, porque as negativas eu nem lembro mesmo [risos], ou eu não lembro muito bem ou elas foram deletadas. Mas tem essa relação bem forte de dor e prazer. (TERRA2005)

Através da memória, *mnemosyne* a mãe das musas, responsável pelas lembranças e inspiradora da imaginação criativa dos artistas e poetas, evoco do discurso oferecido pelos *Elementais* sobre o *corpo próprio* os aportes da pesquisa, para desvelar na *realidade sensível a representação a imagem, o mito e a metáfora*, as referências identitárias que singularizam e descortinam as descobertas dos bens imateriais, oriundos do universo da memória social de natureza perceptiva sensorial, o mito *homo phantasia* e o *homo festivus* para no ritual da representação com a apropriação celebram a interpretação e o *JEITO DE EXISTIR dos Elementais Caminhantes, ÁGUA / AR / TERRA / FOGO*.

Um discurso que perpassa a circunvizinhança das relações sociais e as relações afetivas que os *Elementais* corporificam em *Eros o Deus do Amor*, dedicado aos desígnios da profissão à especificidade do conteúdo epistêmico e a humanidade compartilhada, Na pesquisa na relação espaço temporal da *imagem cotidiana dos seus ofícios*. Onde FOGO dava suas últimas horas de curso de Dança de Salão e mesmo cansado com dores, nos seus intervalos entregava-se à um discurso emocionado no corpo e na alma para colaborar com o contexto desta dança que é livre e emocionada ao outro] [e preparava o retorno à capital carioca]. Quando ÁGUA e eu encerrávamos o trabalho administrativo no turno da tarde [que ele regressaria noite] e parou para dar muitas risadas, satirizando sua história de vida comigo dividida na sua singularidade com carinho e prestígio à minha caminhada de pesquisadora, que ele sabia muito me orgulhar]; enquanto AR e eu viajávamos três horas que nos levaria ao contexto Profissional Acadêmico em São Gabriel [e ele levava uma mala com comidas, frutas, que oferecia] enquanto contava histórias as vezes divertidas, as vezes reflexivas e tristes, uma característica que lhe faz humano, bom e belo], e TERRA estava no cotidiano do seu lar arrumada sob um cuidado estético no universo das muitas aulas de italiano, que eu vivi rodeadas de ludicidade] mas se preparava para ir à uma festa e levaria como sempre *uno piccolo regalo*, e se apresentaria com cuidado para prestigiar o dono da casa. Como ele diz *Eu tenho cuidado com muita gente, com a minha família, pessoas chegadas, e com meus alunos, porque eles acabam fazendo parte da minha família... e quando eu me arrumo para uma festa estou fazendo para homenagear ...]*

Então nas narrativas dos *Elementais* no seu Jeito de existir, está o discurso da representação do *mito* do *homo phantasia* e do *homo festivus*, que faz a crítica ao

reducionismo racionalista das verdades instituídas e celebra a subjetividade sensível enquanto dança, canta, reza, conta casos e trabalha. Um ritual na linguagem e expressão dos *Caminhantes*, que me acompanham nesta formação humana de redes sociais e afetivas que perpassam as idéias da justiça, do belo e do bom, que interpretam o mito humano de Orfeu, que coloca os pólos divinos, entre o compasso e o ritmo, que vê sua tarefa na proclamação da dor e na alegria na terra, com sua palavra, com seu canto, através da sua melodia.

Para o homem iluminado [...], cuja consciência abarca o universo, para ele o universo se torna o seu corpo, ao passo que o seu corpo físico torna-se uma manifestação da Mente Universal, sua visão interior, uma expressão da realidade mais elevada, e sua palavra, uma expressão da verdade eterna e do poder mântico. (LAMA GOVINDRA, apud CAPRA, 1983, p. 227).

Desta forma constituo os traços de subjetividade oriundo das narrativas na história oral, para envolver os campos dos significados vividos na memória, que por sua vez revelam o perfil da representação dos símbolos nas categorias investigadas, para projetar no corpo sujeito da percepção e no agir pedagógico dos *Elementais* um perfil de formação humano que permeia a ética da *physis* e da Paidéia, na perspectiva da complexidade partilhada e da biologia do amor, no caminho da totalidade e da Filosofia da Cosmo visão Oriental.

Se a metade dos tempos de formação fosse de aprendizado de outras linguagens, arte, literatura, cinema, movimento, de convívio, de cultura, de trocas de experiências, de saídas pedagógicas e experiências da cidade, das dinâmicas sociais... Os processos de socialização seriam outros aprenderiam traços, linguagens tão básicas no fazer educativo (Arroyo, 2000, p. 132).

A corporificação de Eros é lida no corpo, na vertente fenomenológica da percepção um processo de construção de saberes, querereres e prazeres investigado nas narrativas da memória dos *Elementais Caminhantes*, na dimensão social da escola e da família, no foco da história das mentalidades e da cultura. Cujo contraponto é o processo formativo apontado nos aspectos estético, emocional, e simbólico, que identificam as diversidade e alteridade, os pertencimentos e as fronteiras, os espaços e as dominações, as ações, reflexões e mudanças. Um contexto amplo e complexo na celebração da imaginação criativa que coloca o papel do corpo sujeito da percepção, como protagonista da representação sensível da realidade, que se representa pelo seu jeito de existir e se apropria de valores que interpreta na coletividade

partilhada. Questões presentes na investigação da pesquisa, cujos ensaios trazem os elos dos resultados das narrativas da memória e intencionados nas categorias da percepção do corpo próprio de ÁGUA, AR, FOGO e TERRA. Um contexto onde o corpo perpassa a representação da criança na dinâmica ativa da espacialidade do corpo próprio e na motricidade, a representação de Dionísio no sentido do ser sexuado pelo desejo e aprovação da sua existência no mundo, e a representação de Orfeu expressão e a fala cujo significado da fonte intenciona um éthos à comunidade partilhada.

Assim que na corporificação de Eros, o contexto da pesquisa contempla a intersubjetividade do observador/pesquisador e dos colaboradores *Elementais* para envolver a interação das categorias, investigadas e intencionadas a uma proposta de educação corporificada, que na perspectiva da complexidade partilhada, propõe a leitura e as considerações da comunidade científica enquanto aprovação e contribuição aos construtos. Um contexto percebido na linguagem da expressão e comunicação do corpo próprio, na dimensão do vivido centrada nas narrativas da memória, que no patamar da consciência epistemológica nunca tem sob seu olhar o mundo inteiro, dispõe de um campo parcial, de uma potência limitada e de uma operação criadora e ativa à mudança de uma educação mais humanizadora.[...] *“Em oposição a essa concepção mecanicista do mundo, está a visão dos místicos, que pode ser resumida na palavra orgânica, uma vez que eles encaram todos os fenômenos do universo como partes integrantes de um todo harmonioso e inseparável”* (CAPRA, 1983, p. 226).

Ainda que nossa grande revisão tenha suscitado diversos mal-entendidos, nós também devemos parar de nos envolver pessoalmente, devemos revelar e não dissimular que nós que escrevemos sobre o mundo, a vida, a sociedade, o socialismo, somos seres especiais, apaixonados, sujeitos de erro (MORIN, 2003, p. 58).

Entretanto, ainda que o sentido da corporificação de Eros traga o fecho da intersubjetividade dos *Elementais* e do historiador, na objetividade existem ainda indagações e afirmações que continuam no centro de um processo emancipatório e antecipatório, que coloca o ideal da pesquisa na crítica para a mudança do pragmatismo das instituições, das idéias fossilizadas e do emudecimento dos corpos, uma relação que necessita que a consciência imaginativa, da qual é a fantasia o primordial exemplo, não só sistematize os materiais da experiência mas decomponha materiais e sistemas para fins de construir novas

considerações. [...] *Sem isso o pensamento discursivo se definiria irremediavelmente num sistema fechado e ossificado.*” (COX, 1974, p. 70).

Continuamos nos perguntando como se deu o aprendizado de nosso ofício. Poderíamos pensar, ainda, como se deram nossos cursos de formação e capacitação. Nesse tempo não aprendemos apenas a dominar conteúdos, metodologias, didáticas, aprendemos a ser um determinado modo de ser professor(a). Aprendemos valores, pensamentos, ritual, símbolos, aprendemos uma determinada cultura escolar e profissional. Interpretamos os significados do ser e dever-ser. O currículo dos cursos de magistério, licenciatura ou pedagogia é mais que um conjunto ordenado de conhecimentos, teorias e competências para o eficiente exercício de uma profissão. O currículo na sua totalidade, as relações sociais vividas, o convívio com professores (as) desses cursos são um aprendizado de um determinado perfil de educador(a). Como se aprende a ser professor nesses tempos e espaços de formação? (ARROYO, 2000, p. 129).

A passagem das luzes no IV palco – A A interpretação da arte e da poesia

O fenômeno global do corpo é, do ponto de vista intelectual, tão superior à nossa consciência, ao nosso espírito, à nossa maneira de pensar, de sentir e de querer, quanto à álgebra é superior à tabuada de multiplicação (Nietzsche, apud Berge, 1981, p. 21).

A dança livre reafirma o sentir, pensar e agir dos *Elementais Caminhantes* no eixo da formação humana, interpretando uma atitude crítica e transformadora na dinâmica do corpo próprio na imanência ética mitológica da *Phisis Grega e da Paidèia Grega*, e no ritual do *Mito do homo phantasia e no homo festivus*. Uma rede de conexões ocultas, no lógos e no mito, *um Figurino Brilhante, que ilumina o ethos da Criança, de Dionísio e de Orfeu na práxis pedagógica* no movimento, no desejo e na palavra. Um ritual pedagógico de novas configurações que coexistem no jeito de existir de Água, Terra, Fogo e Ar. A corporificação de Eros intersubjetivado na complexidade do *devir que ratifica o sentido criativo, simbólico e emocional nas narrativas das Elementais Caminhantes*.

A dança além de educativa é também política, porque é um processo de construção de autonomia e liberdade, é essencialmente transformadora, e talvez tenha um efeito que age mais revolucionário que aqueles que pegam em armas, porque é um trabalho micro físico, que é da revolução dos sentidos, revolução da percepção, revolução com a minha relação com o outro, com o mundo que eu existo e que eu me defino

como sujeito. Eu vejo a dança, como possibilidade de, aqui agora, antecipar o que o futuro pode ser (CUNHA, 2003).

Neste olhar que não fala da dança como um fim, mas como um meio para encantar a realidade sensível na formação humana, é possível pensar subjetividade, universalidade, liberdade e objetividade, em uma reflexão que vai ao encontro do pensamento de Sartre, sobre a construção do mundo nos valores envolvidos e a forma como o homem se determina diante da sociedade, enfim quando o homem decide o que ele é e o que são os outros, uma concepção que direciona entender que [...] *o homem não é senão o seu projeto, e só existe na medida em que se realiza* (SARTRE, 1998, p.118). Um pensamento que aproxima pessoas e sentimentos, para projetar novas idéias no sentido do compromisso social epistemológico dos pesquisadores, professores, historiadores e educadores, em uma responsabilidade *partilhada*, um sonho que pode tecer novas redes de conexões ocultas, na imanência e na transcendência de encantar uma realidade com muitos outros *Caminhantes*.

Os novos temas são novos para o olhar do pesquisador que para eles se volta a partir de uma modificação em sua forma de perceber o mundo, a ciência e o conhecimento. Esses temas sempre estiveram lá, no passado; a consciência do presente é que não estava sensibilizada para eles, em face de outros interesses, outras concepções de mundo e da inserção social e ideológica do pesquisador que fazem a estruturação dos códigos e dos... (Félix, 1998, p.65)

No *Homo Festivus*... A CELEBRAÇÃO

No máximo de sua alegria, o homem faz as palavras. Estas palavras não são suficientes, ele as prolonga. As palavras prolongadas não são suficientes, ele as modula. As palavras moduladas não são suficientes e, sem se dar conta, as suas mãos fazem gestos e os seus pés começam a se mover. (KIRSTEIN, 1935, apud MORATO, 1993, p.8).

Todo discurso, toda a palavra era sempre acompanhada de um gesto, de um trejeito que singularizava seu corpo e fazia o tempo se personificar na sua imagem. Uma energia mágica, que no pulsar da sua existência, podia envolver todas as almas ali presentes, incluindo as que eram intencionadas, nos personagens das narrativas da história, cujo tom vibratório da sua voz no espaço, estabelecia uma conexão de atemporalidade. Quando em sua boca surgia um sorriso, este não se exibia a um significado dogmático do conteúdo professo, mas confirmava, entre o ritmo de uma palavra e outra, prazerosamente no movimento de seus lábios, o sentido, intencionado às verdades que acreditava nos contar. Seria impossível mensurar a profundidade do seu olhar, já que não estava ali a observá-los, e sim, estendia-se a buscar um facho luminoso, que no seu ato de reflexão, pudesse iluminar ainda mais, o conhecimento que nos queria fazer ver. Era impossível sentir o calor do seu corpo, mas era possível perceber, quando ao explorar do espaço que lhe cercava, a velocidade do seu sangue, que por vezes, era insuficiente ao gasto energético despendido no entusiasmo do seu discurso, que transparecia no rubor da sua pele, face à temperatura que ali se alterava, quando, às palavras trazia sentido e alma. Sua linguagem, mesmo que instituída no domínio da razão, era tomada no desejo da complexidade partilhada, cuja relação intersubjetiva era presente entre as quatro paredes da sala de aula ou imanente na distância física dos corpos percebidos na representação sensível da realidade, cujas imagens no palácio de cristal, podiam evocar “aquele” *Caminhante* que, por horas a fio, narrava, ante uma verdade objetiva, a subjetividade das “*Mil e Uma Noites*” do seu *jeito de existir*. (HF, 2002).

Se a alma é a *anima* da vida, a palavra no corpo é, pois, a representação da existência ativa, cujo sentido se faz presente como significado do vivido daquele que fala intencionado para aquele que escuta. Uma relação que coloca o sujeito que escuta no discurso do outro, visto que vai perceber no para si a identidade percebida no sentido da clareza da interpretação da fonte, cuja representação e apropriação do discurso, intenciona enquanto singularidade

subjetivada a aculturação coletiva do social, que tenciona pensar os ruídos nesta representativa. Então o *homo festivus* tras a representação daquilo que o *homo phantasia* interpretou na realidade sensível no corpo sujeito da percepção, um ritual no sentido ativo, que promove a desconstrução e a reconstrução da memória da corporalidade.. Um processo para perceber a entrega à expressão do desejo do “comunicado comunicante”. Que traz o desejo e o prazer envolvido no ritual de passagem, entre a interpretação e a representação da realidade sensível, que intenciona a comunidade partilhada na imagem de *Dionísio* que se faz sobre a aprovação do outro, que coloca o sujeito em situação de ativo ou passivo, que compreende ligando um corpo ao outro.

Uma relação que acontece quando AR pensa, porque seus alunos estão olhando para ele? E coloca – tô cagado- uma expressão representativa e subjetivada – que como ele diz desarma - pela irreverência, que o seu pensar, sentir e agir incomodado e emocionado numa crítica desafiadora , debochada provoca e reascende a dinâmica da sua prática. Uma atitude do corpo próprio que se interpreta presente na crítica, para intencionar uma dinâmica de intersubjetividade na comunidade partilhada, que faz a releitura no para si que está no outro e no corpo próprio. O ritual da dança livre ativa e coloca o prazer e a festividade na aula, um ritual humano que tensiona os tirantes que movem a ponte pênsil na horizontalidade e verticalidade, a desconstrução e reconstrução, uma dinâmica de metamorfose ambulante, que se articula no passado que representa o discurso epistêmico e cultural, que projeta a identidade presente dos “caminhantes”, que no mesmo discurso sensibilizam uma representação crítica e transformadora do significado das palavras e do mundo.

Uma situação que envolve o pensar sentir e agir orgânico e autopoietico, no sentido sistêmico da memória enquanto possibilidade ativa do conhecimento, que associa o passado e o presente num fazer contínuo, que integra a consciência na experiência sensível, que trazem as luzes, para uma identidade coletiva de prazer e celebração à intenção humana no devir, que ultrapassa a dialética para pensar o mundo e fazer o mundo.

Uma situação que perpassa singularidade, alteridade e diversidade no significado da interpretação da narrativa do discurso do Professor, onde a expressão e a fala, interpretam e representam a fonte da apropriação dos sentidos na memória, que está em movimento na mimese do professor , um estilo , uma autopoiese orgânica que vai tensionar a ruptura à realidade sensível, ou sedimentar e cristalizar fronteiras na percepção da realidade dos

alunos. Então o professor é um Caminhante “Orfeu” que encanta com sua música emocionada, uma propositiva que permite um movimento ativo, um dançar nas idéias e nas sensações, que permite o pensar epistêmico comprometido e transformador, uma Dança Livre, ativa e renovadora. Que faz emergir os Ecos da ponte Pênsil sob ás águas da Razão e da emoção”, para o processo Maiêutico da percepção de uma identidade própria singular, que se faz plural quando corporaliza toda essa rede de complexidade, sistêmica orgânica e autopoietica, que faz o individuo ser coletivo e social, intencionado na Comunidade Partilhada de Caminhantes.

Um ritual onde a consciência se faz valer da dimensão sensível do sujeito, ativo no processo que rompe com o domínio e a sujeição do corpo objeto, que aclama à sua natureza ontológica, antropológica e sistêmica. Uma imanência transcendente que integra no pensamento, o discurso vivo nos gestos percebido nos hábitos e nas atitudes das relações sociais e afetivas compreendida em uma judicativa ética, que torna o sujeito responsável pelas palavras, ações e comportamentos no *devoir da sua práxis*.

Um *Existir Ético Transcendente Humano Orgânico e Sensível, um Ethos no Jeito de Existir do Professor*. Uma propositiva que acredita que as idéias, se representam na corporalidade pensada, vivida e sentida, um todo ativo, livre, espontâneo, natural, que orienta a consciência na percepção do outro, que coloca na sua práxis o prazer na intenção no outro. Um processo que responsabiliza pensar o profissional e o pessoal, o sujeito que incorpora a sua história de vida, passada e presente no sentido da transformação do corpo próprio, que interpreta e representa um Jeito de Existir, o homo phantasia e o homo festivus, um ritual da metanarrativa na memória da corporalidade, que no diálogo com os outros corpos *realiza a Maiêutica*, o procedimento de Sócrates, que permite parir os espíritos ou fazer seus interlocutores redescobrirem as verdades que já carregam em si, no processo ativo ou passivo da reflexão e reconstrução da realidade.

Uma Phisis comum a todos os seres, cuja ação espacial e motora afere uma proximidade que se dá no nível de todos os sentidos. Um olhar que percebe a complexidade do seu corpo também intersubjetivado dos discursos estruturados nos hábitos, que primeiro são espontâneos e depois se automatizam e sedimentam, mas que podem fazer rupturas quando se permitem, caminhar, tocar, olhar de diferentes perspectivas, sentir os aromas e os odores que vão envolver outras redes de conexões, que aproximam à intenção do pensamento da

percepção, da interpretação, da representação e da apropriação da corporeidade no seu devir histórico.

Tirantes que amarram à rede ao discurso falado os ecos dos sentidos submersos, subjetivados no movimento das águas da razão e da emoção, cujos significados fazem a ânima verbal e oral no balanço da ponte pênsil, tensionada pela Dança da Livre na crítica da complexidade humana do sentir pensar agir. Uma sistemica orgânica capaz de encantar olhos, ouvidos, mãos pés cabeças e braços para se apropriar do capital intelectual cultural da realidade, envolvido na micro e na macro história das ideologias dos sistemas econômicas, das religiões, das mentalidades, que trazem o pluralismo na história da educação.

O processo Maiêutico de Aristóteles significa uma reflexão, no sentido de parir, que já indica um corpo que se representa na criança, que existe em cada um, ontológica, histórica e natural, que traz para si o que intenciona, de forma espontânea ingênua e curiosa. Nas palavras de Paulo Freire da “*curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica*” (1996). Um agir no sentir que intenciona o tocar e ser tocada, ouvir e ser ouvida, cheirar e ser cheirada, falar, gritar, correr, brincar, cantar, dançar e contar histórias sobre esta dança livre. Um processo para pensar que o eu que fala me representa e pode criar devaneios na memória, capazes de aliviar as tensões da complexidade da realidade, que evoco agora no coelho da “Alice no País das Maravilhas”, que na minha percepção sensível me faz tensionar a representação do pensamento presente na memória do passado, tô atrasada, tô atrasada e devo parar de escrever.

Livre a corporalidade se encontra com o princípio da Aesthesis, um sentido do belo que se faz na emoção com o outro. Que se dá no sentidos das coisas, objetos e pessoas, que vão trazer uma interpretação hermenêutica no discurso comunicativo de Habermas, que coloca o discurso nos três planos integrados, a subjetividade, intersubjetividade e a linguagem objetivada e instrumental. Sendo que este ressalta na linguagem da expressividade, a força das imagens na mimesis expressiva. Que na propositiva da pesquisa se integra na responsabilidade do ethos, na Phisys comum a todos os seres.

Então o ritual do homo Phantasia traz o sentidos da vivência corporal na dança, que vem a ser a representação mais antiga da expressão do homem em sociedade, capaz de tensionar os discurso na dimensão do gênero, focado no discurso de ÀGUA e FOGO, cuja

simbólica representativa mostra a ambivalência das conexões no mesmo fenômeno. ÁGUA propõe a ruptura das estruturas na expressividade espontânea dos sujeitos na sociedade e faz da sua dança a sua identidade singular e social. FOGO, também coloca sua dança como um ofício ativo da cultura humana, um escudo, uma lança que representa o sentido político cultura da identidade social. A ambivalência na complexidade da corporalidade está ligada ao sentido espaço e tempo, história e memória, cultura e sociedade, conexões e representações que fazem acontecer a imanência singular e coletiva no corpo próprio. Também quando FOGO relata a experiência das meninas detentas, onde a dança tensiona identidade e controle, um sentido social que Isadora Duncan mostrou na sua Dança Livre.

Assim que tanto a escola, como o contexto acadêmico formativo pedagógico deve repensar seus currículos e práticas, para que possa realmente intencionar uma formação humana, que não se dá no discurso das palavras vazias dos corpos cristalizados na memória dos gestos, mas sim na visão da história no sentido macro e micro das esferas das relações sociais afetivas e éticas da corporalidade. Uma propositiva em que recrio o Palácio da Memória (Spencer, 1986 apud Neves) na propositiva festiva do corpo. Ou seja, para representar o processo da metanarrativa da corporalidade, nomino o “*palácio de cristal*”, a mimesis da minha criança sensível vivida no passado, que hoje se refaz nas relações subjetivas do pensamento. Que vai entender a memória do corpo com propriedade de reflexão, que ao incorporar as cores no espaço do seu movimento, se apropria de uma pluralidade reflexiva, que agrega a beleza na singularidade na sua essência, que incorpora em si o sentido do outro.

Ao mesmo tempo, o “*palácio de cristal*”, é a essência da metamorfose ou da cristalização que corporifica a percepção no sentido do para si, uma propriedade que se faz mais bela acrescida do outro e que permite a ruptura sem que se perca as características do todo nas partes. Enfim narrar a memória do corpo, é mexer na história de vida dos sujeitos, é tensionar o pensar, o querer e o prazer na existência que não só está no mundo mas é o mundo, na imanência viva do seu corpo próprio.

Assim que as inflexões e interfaces fazem deste um contexto extenso, compartilhado pela comunidade científica da banca, que permito-me evocar nas redes da minha formação humana, em dois momentos importantes da minha vida profissional que agora acho importante narrar.

Ao retornar para Santa Maria, em 1987, retorno a convivência com o então Professor JUCA, que não havia sido meu professor na Graduação, mas que me era conhecido por ter ajudado à mim e muitos outros “afogados”, que em pleno período de Formação Tecnista, tinham que fazer, percursos na natação de 200m em vários estilos e com virada olímpica incluída... Mas retomando, meu reencontro, até mesmo porque eu era amiga *do rei*, afinal *Mica* sua esposa, faz parte das Bruxinhas. Então fui fazer um curso com o já então renomado Doutor... onde lembro do seu discurso, representativo do seu trabalho com a terceira idade [...] *preocupado fiquei quando propuz uma brincadeira de “ôvo podre” e um senhor se pôs a chorar, me assustei, e perguntei se ele estava se sentindo mal? Ele respondeu, não eu (emoção) apenas estou emocionado e feliz porque eu posso correr, eu já não fazia mais isso, brincar...* Então este discurso emocionado de quem, realmente acredita que a realidade pode ser criada e refeita para aproximar “Caminhantes”. Agradeço ao amigo José Francisco Dias, pelo presente e pelo passado do meu “Palácio de Cristal”.

E, em outro momento importante de afirmação profissional, foi quando compartilhei do Projeto “Encontro e conversas – às 6ª feiras”, como aluna “ouvinte à escrevinte” do PPGE - uma propositiva ousada que me colocava junto à aquela Dr^a Elizete Tomazzetti - que ultrapassa a hierarquia acadêmica, que por vezes emudece as propositivas do novo, rompendo o distanciamento dos corpos intencionados por uma proposta de discussão e exposição dos trabalhos dos mestrands e professores do PPGE. Que conseguimos manter com o entusiasmo, cada vez mais próximo e humano, usando o pouco do tempo que todos dispunham, em uma verdadeira “comunidade partilhada”, validada naquele momento, por alguém que acreditou antes de tudo no humano, e que fez alavancar a responsabilidade epistemológica nesta candidata ao mestrado. Obrigada pelo passado próximo, que de tão próximo, fez tensionar as estruturas da pesquisa, no sentido positivo, pelo fato de querer corresponder as expectativas da aceitação do outro como um legítimo outro.

Então colocar estas duas narrativas é significativo pelo o que elas representam no olhar do observador/pesquisador, que incorpora níveis de subjetividade que vão se manifestar também nos resultados do seu projeto, que eu entendo não é estanque, que recria o olhar sobre o objeto pesquisado inspirando pensar a pesquisa no espaço em que está ocorrendo. Um aspecto para provocar o enrijecimento dos corpos, nas esferas pedagógicas da comunidade científica acadêmica, onde ouvir o silêncio dos corpos, pode resignificar uma formação humana com “encontros e conversas”, onde os corpos possam sentir as presenças, intensificar relações, criar laços para pensar e refletir o humano da corporalidade na comunidade partilhada.

Assim, acredito que o corpo sujeito da percepção no professor é uma unidade expressiva que canta, dança, conta casos, reza, celebra e intenciona o elo da sensibilidade com a racionalidade, representado no ritual na existência que envolve a corporalidade, amor e complexidade. Uma celebração, onde o discurso da formação humana do professor, está na

prática de todos os sentidos, na intenção do corpo próprio, na mente e na alma, na aceitação do outro como um legítimo outro, em todos os níveis de ensino, formação ou qualificação.

Um ritual que evoca pensar o sonho coletivo, que está enraizado na teoria de Benjamin, *que não era de se deixar embalar sonolentemente para o sonho ou para a mitologia, mas penetrar tudo isso através da dialética do despertar, que ele coloca na infância, como sendo a fonte da energia revolucionária [...] daí todas as crianças serem representativas do paraíso, [...] aqui apresentam as revoluções, não como um culminância da história do mundo, mas como um novo começo* (BUCK MORSS, 2002, p. 316).

As crianças, escreveu Benjamin, se intrigam menos com o mundo pré-formado que os adultos criaram do que com a produção dos seus desejos. Elas se sentem atraídas pelas coisas sem valor e sem propósito. [...] a socialização burguesa suprimiu essa atividade: papaguear de volta a resposta correta, olhar sem tocar, resolver problemas na cabeça, sentar passivamente, parecendo fazer sem pistas óticas, estes comportamentos adquiridos vão a contrapeso da criança. Pode-se concluir, ademais, que o triunfo de tal cognição, em adultos, ao mesmo tempo assinalava sua derrota enquanto sujeitos revolucionários. (BUCK MORSS, 2002, p. 313,316).

Então, o corpo sujeito da percepção, enquanto espacialidade do corpo próprio e a motricidade, permite uma dinâmica que coloca o sujeito em situação de observador /observado, nas coisas do mundo, que infringe uma atitude de movimento, ativo, de recomeço constante, *o instante, um chega, escreve Benjamin a propósito de, e não acidentalmente a, sua viagem a Moscou, o estágio infantil começa, quando por causa das ruas geladas, até andar tinha que ser aprendido* (BUCK MORSS, 2002, p. 317). O corpo próprio assim não envelhece, ele está sempre a descobrir um novo *jeito de existir* É um corpo que se recria na esperança da criança, uma Maiêutica da meta narrativa do corpo próprio na imanência reflexiva na narrativa da memória da corporalidade, o “*palácio de cristal*”, cristalino imanente, sensível à transcendência no *figurino luminoso das redes das conexões ocultas, um Ethos*.

Deixai vir a mim as criancinhas; não impeçais, pois o Reino de Deus pertence a quem com elas se parece. Em verdade vos digo, todo aquele que não acolher o Reino de Deus como uma criancinha, nele não entrará (Evangelho de São Marcos, 10.13-15, apud QUOIST, 1972, p.11).

o TAO...

O mesmo fluxo de vida que corre por nossas veias, noite e dia, corre pelo mundo e dança em pulsações ritmadas (TAGORE, apud BERGE ,1981).

A metáfora da *Ponte Pênsil sob as águas da razão e da emoção* começa seu caminho na percepção sensível do corpo próprio, sobre o balanço da ponte pênsil do município de Herveras, nas proximidades de Santa Cruz. Uma trajetória acompanhada por muitos outros caminhantes, alunos, professores, pesquisadores do Grupo de Clio. *Caminhantes*, luzes na realidade sensível do palácio de cristal, que nos gestos, nas imagens, nos cheiros da memória se reinterpreta nas representações em sons, minerais, vegetais, no Sol, na Lua, no Fogo, no Ar, na Água, na Terra, na singularidade plural da Dança da Livre. O “ritual” dos humanos que se fazem mais humanos quando intencionam o pó mágico, guardado na memória das reminiscências da comunidade partilhada, a dinâmica ativa que lembra no corpo aquilo que sentiu na alma. Um processo orgânico e sistêmico, Emocionado e Simbólico como FOGO, Especial e Fluído como ÁGUA, Criativo e Cuidadoso como TERRA, Natural e Orgânico como o AR . A representação do “TAO sensível” que se apropria do pensar, sentir e agir dos Caminhantes, intersubjetiva valores, responsabilidades, prazeres, querer e saberes, um jeito de existir e estar no mundo ontológico, natural e humano.

Assim que as teias da memória, são tessituras a atemporais na intenção da realidade sensível, assim como hoje tecem o amanhã, possuem as tessituras do passado amarradas aos nós do presente. Então, a Formação Humana, não é um dispositivo atrelado a um momento, a uma pessoa, é sim pois uma vida que se faz presente de muitas outras vidas, de muitas intenções, como as que aconteceram há cinquenta anos atrás, quando no mesmo local meus Pais teceram suas vidas em representações que estão na rede das intenções deste contexto científico, um discurso corporificado e integrado na memória, que projeta e retorna, na obra e na arte *o jeito de existir*. Um ritual mágico que ratifica intenções, valores, idéias e corpos, imbricados na minha Formação Humana, enquanto projeto de formação, educação e Educação Física, o Ethos da Comunidade Partilhada na Pedagogia do Amor...

...nas alegorias de um Coronel de Exército e de uma prof^a do Curso Complementar, micro histórias , de dois apaixonados, intersubjetivados imanentes, que choram, dançam, riem, e contam histórias da paixão de ontem, como se fosse hoje. A representação do *homo phantasia e homo festivus*, que se acompanham e colocam suas vidas profissionais e pessoais

juntos, uma autopoiese intersubjetivada no ethos da minha complexidade. Para Maturana a “*A ética não tem um fundamento racional, mas emocional*” (2001,p.73).

Pai – Foi em 1949, que a mãe, em junho, foi nomeada para Herveras,
 Mãe – 06 de junho de 1949, no mesmo dia da tua nomeação no estado Bodokinha.
 Pai – Como eu servia lá em Santa Cruz, eu cheguei, eu fui Aspirante em Santa Cruz, de 1945 a 1948, em 1949 a mãe foi.
 Mãe – Eu não lembro do nome da escola, a Escola era modesta, a diretora era D. Geni ShenKel, muito querida, uma Escola rural, pequena, tinha poucos alunos, e agente lecionava todas as séries, a professora era responsável desde a 1ª série até a 5ª série. E tinha a Diretora, pessoa maravilhosa, muito querida, nos recebeu, quer dizer, [riso] me recebeu – porque o pai não tinha nada a ver. Muito bem! Eu parava no hotel do subprefeito da localidade, Sr. Breikmann.
 Pai – Herveras é um distrito ou de Sinimbú ou de Santa Cruz, não sei bem, ficava a 60 Km de Santa Cruz, Sinimbú ficava 20 ou 30 Km.
 Mãe – Eu fui nomeada em junho, tive as férias de julho e nós casamos em julho, e depois pedi minha transferência para Porto Alegre, cidade de Santa Cruz, que depois eu lecionei na Escola Arroio Grande.
 Pai – Eu estava em Santa Cruz, a mãe em Herveras, e quando nos casamos em julho de 49, a mãe aí já não foi mais, estava em férias e ficou ali e achou que podia ficar porque estava aguardando a transferência dela. Aí uma amiga dela disse: Maria vai lá e assume porque senão vão te botar na rua.
 Mãe – aí eu abandonei, não fui mais na escola, passei as férias e depois das férias eu já era casada e digo ahh, não vou mais na escola porque eu já tinha pedido a transferência para Santa Cruz e o delegado de lá [riso], que não ia com a minha cara disse que não ia vir a transferência. Porque [riso] e uma professora que tinha abandonado o colégio lá em Herveras, né..Mas, não.
 Pai - neste ínterim tu foi e assumiste, aí [riso] nós fomos passar
 Mãe - aí nós já fomos casados e passamos uma semana lá, e nessa semana eu nem peguei classe nenhuma, né? Só ia ajudar a D. Geni que era a diretora e o pai pegava as crianças e dava Educação Física
 Pai - dava o Hino Nacional prá elas [risos]
 Mãe - Fazia cantar o hino Nacional
 Pai – Lá o que mandava era o alemão, professora não era muito bem vista porque falava português. Naquele tempo.
 Mãe – Mas eu era muito bem quista sim.
 Pai- não, é claro eu quero dizer na parte do ensino
 Mãe e Pai – as crianças adoravam
 Pai – nós passamos oito dias, o Coronel me deu dispensa.
 Mãe – aí eu fui reassumir, se eu não tivesse ido e tivesse ficado os trinta dias iam me exonerar por abandono de cargo, aí então o Coronel deu oito dias.
 Pai – prá nós
 Mãe – e nós subimos os dois, aí eu assinei oito dias e voltei de novo aguardando a minha transferência que veio.
 Pai – eu tinha uma migo que o irmão era delegado, Secretário de Educação, então ele conseguiu prá nós e aí a mãe foi transferida para Arroio Grande
 Mãe – que hoje eu não sei se é Arroio Grande
 Pai – hoje parece que é Geni Fontoura
 Pai- nós dormíamos em Herveras, na casa da Sr. Brickman, no Hotel e depois nós íamos lá no colégio, almoçava com outro
 Mãe – eu assinava o ponto
 Pai – fazia janta, caçava pica-pau, ficava caminhando por lá
 Mãe – a própria diretora disse que não era bom eu pegar aula de novo, porque era só a diretora e eu, eram duas professoras, ela e eu.- ela disse, tu ajuda aí em alguma coisa – e eu ajudava, mas não assumi a classe como professora porque ela sabia que eu ia por poucos dias e ia voltar

Mãe – e aí acho que não levou um mês e veio a minha transferência. E o que é interessante que lá na escola onde eu fui era Geni Shenkel, e aqui nesta outra era Geni Fontoura

Pai – uma família antiga

Pesquisador - E a ponte pênsil

Pai – uma tarde nós fomos lá com um colega meu , o Floriano, que era carioca . Era ele a mãe , a esposa e o filhinho, e como nos não tínhamos filho, eles nos convidaram. Aquela foto que nós temos da Ponte.

Mãe – tá guardado ou nós te demos?

Pai – faz 55 anos.

(WILLIAM e MARIA, 2004).

Através de sua dança, Shiva sustenta os múltiplos fenômenos do mundo, unificando todas as coisas ao imergi-las em seu ritmo e ao torná-las participantes de sua dança – uma imagem magnífica da unidade dinâmica do universo. (CAPRA, 1975, p.147).

A IMANÊNCIA...

Mais do que um aporte, um vínculo representativo a todos os sábios *Anjos Cabalísticos*, dos quais me apropriei os saberes significativos e os focos das luzes para as conexões ocultas, que em diferentes dimensões aproximam os Caminhantes pelos saberes que intuem nas mais diversas relações das esferas sociais e afetivas Um discurso, que vai além do limiar das palavras, da linguagem do raciocínio lógico para perpetuar a transcendência da realidade sensível, na imanência do real e da prática da Biologia do amor. Uma rede de memória e esperança no fazer pedagógico.

Não digo como o Papa “ o amor é mais forte”. Digo que a biologia é mais forte. O amor não é uma coisa especial, é cotidiano, e vocês notarão que em todas as situações de crise humana, de crise nas comunidade, de terremotos, de incêndios as pessoas se encontram num nível básico humano onde a solidariedade está presente e nem sequer é preciso , ela aparece sózinha Porque? Porque o amor nos pertence como característica biológica que constitui o humano Digo que o Amor é mais forte . Notem que a maior parte das enfermidades humana surgem na negação do amor. Adoecemos se não nos querem, se nos rejeitam, se nos negam ou se nos criticam de uma maneira que nos parece injusta. Podemos até adoecer de câncer, porque a dinâmica fisiológica tem a ver com a dinâmica emocional.(MATURANA,2001,p. 85)

Então a ultima interface deste contexto, faz a crítica a minimização dos quereres e prazeres dos processos vitais da morfogênes do conhecimento, e o engessamento dos corpos à celebração da festividade e dos estados afetivos elementares no ideário científico acadêmico. Um contexto que a propositiva dos Ecos da Ponte Pênsil, sinaliza partindo de uma crítica à realidade escolar, quando Gilberto Freire (1989) coloca, “o corpo não é matriculado na

escola”, e eu me pergunto como fazer a Dança Livre, a biologia do amor, a festa, a fantasia, e a comunidade partilhada, se há um consenso passivo e enrijecido na comunidade pedagógica?

Então, o desafio contemporâneo da Pedagogia está em estabelecer uma Formação Crítica Reflexiva sem deixar de acreditar na Formação Utópica da personalidade autenticamente humana. O ritual de passagem do Homo phantasia ao homo Festivus, possibilita ultrapassar a consciência dura do real, sem se deixar cristalizar pelo pânico das dificuldades.

Resultados que a pesquisa pode aferir , nas narrativas da representação do *homo festivus e homo fantasia* , nas intervenções no contexto escolar , desvelado no prazer ativo orgânico, sistêmico dos Professores, *ÁGUA, TERRA, FOGO E AR*, intencionado e percebido na comunidade partilhada. Um sentido ontológico afetivo do devir, no sentido humano, que está presente no discurso e no processo de Formação Humana dos Elementais Caminhantes, *o Jeito de Existir Ético, Transcendente, Humano, Orgânico, Sensível*. Um Ethos, que projeta a mudança da realidade através da crítica individual, social e coletiva do educador educando, que coloca na sua corporalidade ativa, o processo de Humanização da Educação.

Aquilo que o grande mestre brasileiro coloca como características básicas do educador; amorosidade, profundo amor ao aluno e ao conhecimento; tolerância – ser capaz de aceitar a diferença e conviver com ela como um valor numa postura radicalmente condenatória de qualquer forma de discriminação; aceitação – de todos aqueles que não possuem o trato esperado, porque eles certamente são mal tratados pela vida; coerência – o grande testemunho de lealdade e profissionalismo – reconquistar o nosso direito de brigar, mesmo para ganhar menos moralmente, para viver menos imoralmente; lutar por um país menos feio – porque ninguém nasce para ser feio – a gente se torna bonito na medida em que agente luta com alegria e esperança. E, por fim, o legado da esperança: o educador deve arranjar um jeito de regar todos os dias sua esperança como rega uma tenra plantinha (PAULO FREIRE, apud STRECK, 1999 p.13).

A CABALA...

No sentido da realidade sensível , a finitude não é um estado desta dimensão. Neste sentido a *Cabala* representa o livro mágico encantado, que fecha seus saberes Herméticos em alguma outra dimensão à espera de um *Caminhante* que seduzido pelos seus conhecimentos

ponha-se á contar caso, dançar, rezar, celebrar ou cantar, a esperança e a utopia na postura ético-político-social do seu fazer pedagógico.

Então o sentido da *Cabala* corporifica a continuidade, que enquanto memória do *Palácio de Cristal* , projeta no Ethos do observador-pesquisador *o balanço da ponte pênsil suspenso nas mãos de Dionísio*, que já ouve ao longe uma música que encanta a imagem, a metáfora, a parábola, a obra e a arte no seu jeito de existir *Ético, Transcendente, Humano, Orgânico e Sensível*.

Uma autopoiese crítica festiva, uma força revolucionária percebida na corporalidade para ampliar a percepção de novos valores e conhecimentos para a formação humana do profissional da educação.

...Constância, meu bem constância, constante sempre serei, constante até a morte, constante eu morrerei (Cancionário popular).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS VIII ENDIPE. **Encontro nacional e prática de ensino**. VOL II NUP/ CED Florianópolis: UFSC, 1998.

ANAIS VIII ENDIPE. **Encontro Nacional e Prática de ensino**. VOL II NUP/ CED Florianópolis: UFSC, 1998.

ANÁLISE PSICOLÓGICA. **As diferenças entre os sexos: mito ou realidade?** GABRIELE Poersch, CLAUDIA Múrias & RAQUEL Ribeiro. Estudo na Faculdade de Psicologia de Educação, Universidade do Porto. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Porto: ISSN, 2003.

ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. (Tradução: José Orta Nunes). Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais; corporeidade**. Piracicaba: UNIPED, 1994.

ARROYO, Miguel, **O ofício de mestre; imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BECKER, Howard. **Método de Pesquisa em ciências sociais**. 4ed, São Paulo HUCITEC, 1999

BEERGE, Yvonne. **Viver o eu corpo; por uma pedagogia do movimento**. (Tradução de Estela dos Santos Abreu). São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BUCK MORSS. **Dialética do olhar; Walter Benjamin e o projeto das passagens**. (Tradução de Ana Luiza de Andrade) Belo Horizonte: UFMG, 2002; Chapecó: Universitária Argos, 2002.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. (Tradução de Alvaro Lorencini). São Paulo: UNESP, 2000.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. **A Teia da Vida**. Copyrighty1996

- CHAPLIN, Charles. **História da minha vida**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1966.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1999.
- COX, Havey. **A festa dos foliões, um ensaio teológico sobre festividade e fantasia**. (Tradução de Edmundo Binder). Petrópolis: Vozes, 1974.
- DAVIS, Phillis. **O poder do toque**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1994.
- DUROZOI, Gerard. **Dicionário de filosofia**. (Tradução de Maria Appenzeller). Campinas: Papirus, 1993.
- DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no ocidente**. Lisboa: Terramar, 1998.
- DUNCAN, Isadora. **Fragmentos autobiográficos**. (Tradução de Lya Luft). Porto Alegre: L&PM, 2001.
- FARR, Robert M. **As raízes da psicologia social moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Ética, utopia e educação**. STRECK, Danilo R. (org). Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **Cartas à Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- FREIRE, Gilberto. **Educação do corpo inteiro**. São Paulo: Editora Scipione, 1989
- FEIL, Izelda Terezinha Sausen. *Pesquisa etnográfica: ainda um mito para muitos*. **Cadernos de pesquisa**. Nº 65. Santa Maria: UFSM/CE, 1995.
- FELIX, Loiva & FÉLIX, Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: DIUPF, 1998.
- _____. *Política, memória e esquecimento*. In TEDESCO, João Carlos (org). **Usos da memória**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.
- FOUCAULT, Michel **Vigiar e Punir**. (Tradução de Raquel Ramalhete). Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Em defesa da Sociedade**. (Tradução de Mara Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOLDONI, Carlo (1707-1793). **Arlequim: servidor de dois amos**. (Tradução de Elvira Rina Malkerbi Ricci). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GONÇALVES Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir; corporeidade e educação.** Campinas, São Paulo: papirus ,1984.

JAGGAR, Alisson M. & BORDO, Suzan R. (orgs). **Gênero, corpo, conhecimento.** (Tradução de Britta Lemos de Freitas). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

LARROUSE, Cultural. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Nova Cultural, 1992.

LE GOFF, Jorge. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval.** (Tradução de Antonio José Pinto Pinheiro). Rio de Janeiro: Edições 70, 1983.

GOLLER, Liliana Ferreira. **História e educação: algumas considerações.** Ijuí: Unijuí, (1996).

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado; pedagogia da sexualidade.** (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara; o caminho da comunicação no caminho do meio.** São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** (Tradução de José Fernando Campos Fortes). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MERLEAU PONTY, Maurice (1908–1961). **Fenomenologia da percepção.** (Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTAGNER, Rosângela. *Re-significando imagens de alunas do IEEOB: processos de formação do professor.* **Dissertação de Mestrado.** Santa Maria: CE/UFSM, 1999.

MORAIS, João Francisco Regis. **Ciência e tecnologia: introdução metodológica e crítica j.r.r.** São Paulo: Papirus, 1983.

MORATO, Maria Eugênia Penha. **Ginástica e jazz; a dança na educação Física e ginástica para todos.** São Paulo: Manole, 1993.

MORIN , Edgar. **O Método 3.** Porto Alegre: Sulina,1999.

NEVES, Margarida de Souza. **Magistério, história e memória; a educação pela memória.** Rio Janeiro: PUC, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Vida e pensamento.** São Paulo: Martin Claret, 1997.

PENNA, Alfredo. **Ética, cultura e sociedade.** Cleide de Almeida, Isabel Petraglia (orgs). São Paulo: Cortez, 2003.

PERRENOUD, Phillipe. **Ensinar: agir na urgência e decidir na incerteza.** (Tradução de Claudia Schilling). Porto Alegre: Artmed, 2001.

PESSOA, Fernando. **Vida e pensamento**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

QUOIST, Michel. **Poemas para rezar; quando toda a vida torna-se oração**. (Tradução de Lucas Moreira Neves). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

SANTIN, Silvino. **Educação física, ética, estética, saúde**. Porto Alegre: Edições EST, 1995.

SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é a cultura**. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARTRE. **Vida e pensamento** São Paulo: Martin Claret, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (Org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Unicamp, 1996.

SOARES, Carmem. **Corpo e história**. (Org.). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs). **Domínios da história; Ensaio de teoria e metodologias**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VINÃO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade; a arquitetura como programa**. (Tradução de Alfredo Veiga). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WOSSIEN, Bernhard. **Dança; um caminho para a totalidade**. São Paulo: TRIOM, 2000.

TREVISAN, Amarildo. **Pedagogia das imagens; da formação cultural à formação pública**. Ijuí: Unijuí, 2002.

FONTES ORAIS

ÀGUA. Mestre em Educação – UFSM ; Licenciado em Educação Física – UFSM,
Entrevista 04 de junho, 2003. Santa Maria.

AR. Professor com Habilitação Matemática e Física - FIC e Engenharia Civil –UFSM .
Entrevista 30 de junho, 2003 . Santa Maria/ São Gabriel.

FOGO . Professor Licenciado em Pedagogia RJ. Professor de Dança de Salão. Entrevista
05 de Setembro de 2003. Santa Maria e 08 de Novembro,2004. Porto Alegre

**TERRA. Mestre em Gemologia UFSP Professor de Biologia e Geografia-
UFSM.**Entrevista 26 de Janeiro 2005. SantaMaria.

CUNHA, Jorge Luiz da, Prof.Dr. Phil.Em História Medieval. Hamburgo- Alemanha.
Palestra no Forum de Dança do 9º SANTA MARIA EM DANÇA.06 de Setembro de 2003.
Santa Maria.

**WILLIAM E MARIA, Tenente Coronel de Infantaria AMAM/ RJ– Professora
Complementar,Colégio Espirito Santo,Bagé.**Entrevista 23 de dezembro ,2004. Santa Maria.

ANEXO

Entrevista Aberta

1. Existem lembranças ou situações vinculadas a sua corporalidade que faça você pensar na sua vida familiar, no período da infância ou da adolescência?
2. Quais as lembranças que você tem do seu corpo na escola?
3. Você se tem como um sujeito do corpo ou como um sujeito no corpo?
4. Quando você sente o seu corpo na sua relação particular?
5. Você saberia racionalizar alguma situação em que o seu corpo interage na sua identidade, produzindo na sua gestualidade interferências significativas?
6. Existem constrangimentos no seu corpo na sua relação de sujeito social percebida primeiramente na sua corporalidade?
7. Na sua prática pedagógica, você reconhece situações que tenham marcado a presença do seu corpo como interferência positiva ou negativa?
8. Como você pensa seu corpo, hoje?
9. Existe alguma coisa no seu corpo que lhe revele que você tem dificuldade de verbalizar ou que gostaria de pensar com mais propriedade?
10. Como você sente seu corpo, agora?